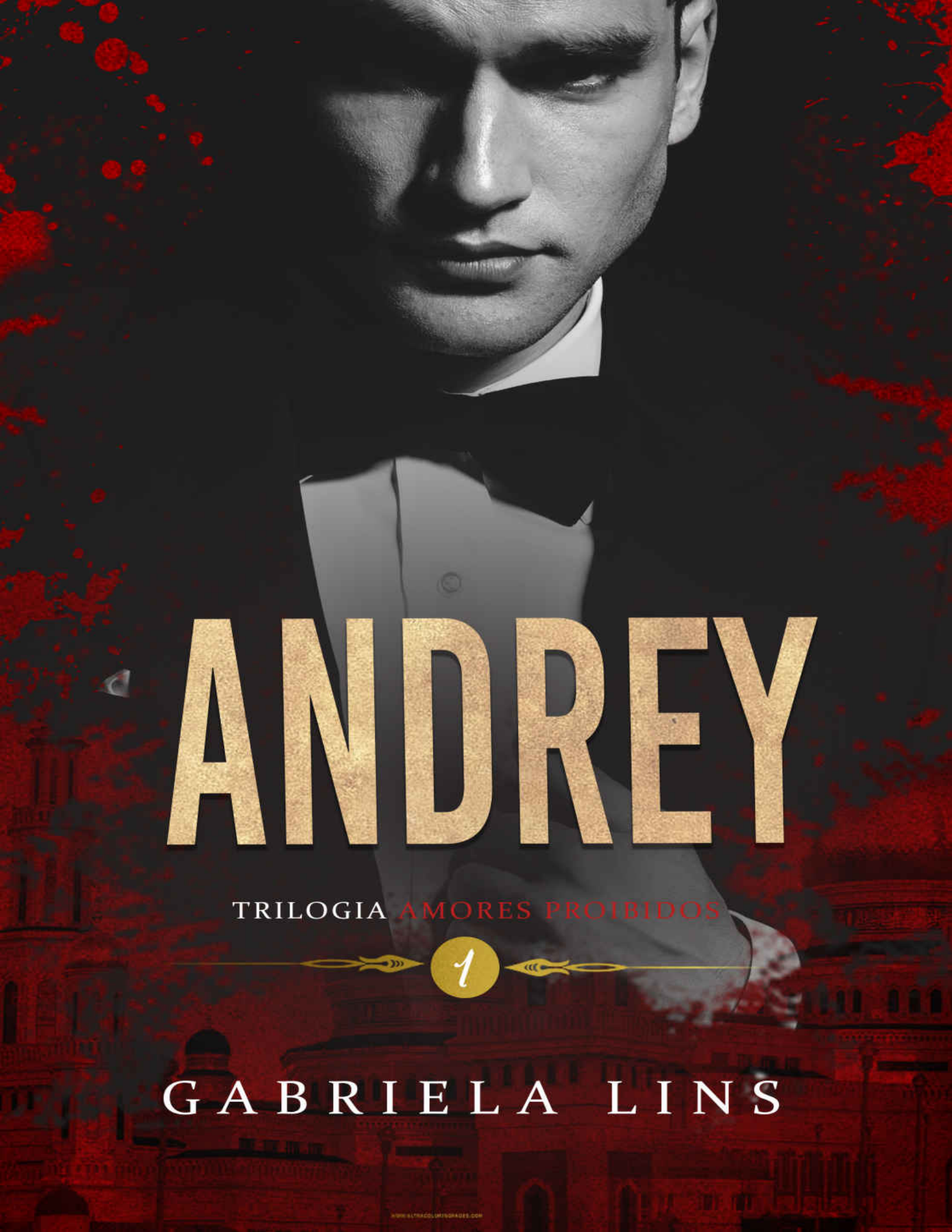




ANDREY

TRILOGIA AMORES PROIBIDOS

1

GABRIELA LINS



ANDREY

TRILOGIA AMORES PROIBIDOS



ANDREY

TRILOGIA AMORES PROIBIDOS



GABRIELA LINS

WWW.ULTRACOLORINSPAGES.COM



Copyright © 2021 Gabriela Lins
Capa: Mari Capas
Revisão: Angélica Podda
Diagramação Digital: Lover Diagramação

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor.

Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.
São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra através de quaisquer meios — tangíveis ou intangíveis — sem o consentimento por escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.
Edição Digital | Criado no Brasil.

*Dedico este livro a todos que um dia já viveram
pareciam impossíveis, mas força, fé e perseverança
velho clichê sempre vem a calhar.*

.

PRÓLOGO



VIOLETTA PETROV

Sinto meu celular vibrar mais uma vez, olho no visor já sabendo de quem se trata. Vinte ligações perdidas do meu pai, que obviamente deve estar muito bravo comigo por eu ter fugido dos seguranças mais uma vez; reviro os olhos diante dessa situação.

Ser filha de um magnata da Rússia é bom, pois tudo que você quer, você consegue, mas nem tudo é às mil maravilhas. A Diamonds Empire foi criada pelo meu bisavô, que herdou do meu tataravô uma mina de diamantes aqui mesmo na Rússia; desde então a mina e a empresa tem passado de geração em geração. Minha família é a mais importante e a mais influente no país e até mesmo fora dele. Desde que meu pai assumiu os negócios da família Petrov, há dez anos, ele a levou a um patamar muito alto, despertando inveja e ódio de concorrentes e funcionários que foram demitidos durante esses anos.

Durante os últimos dois anos vínhamos recebendo ligações, mensagens e cartas com ameaças de sequestro e até mesmo morte, desde então meu pai resolveu contratar uma equipe de segurança para nos proteger. A segurança aumentou ainda mais depois de bandidos tentarem sequestrar a minha mãe há três meses, e a mina tem sofrido com tentativas de roubo.

Hoje viajo para Paris para estudar Administração e Economia. Vou me especializar um pouco para um dia comandar toda a empresa e a mina, uma tarefa difícil, sendo filha única, mas infelizmente é isso.

— Te achei!— Me assusto quando olho para cima e vejo Andrey, o chefe da agência de segurança que meu pai contratou.

Era óbvio que meu pai o mandaria vir atrás de mim, o único que sempre conseguia me achar, antes dos outros. Como eu não sei, mas ele nunca falhou em me encontrar. Esse era sempre o momento que o via; quando eu sumia já sabia que ele me acharia, depois disso eu não o via mais.

Nesse momento estou em uma praça em Moscou, encostada em uma árvore e com um livro de romance ao meu lado. Fazer o quê, sou uma leitora voraz.

— Senhor Nikolai, me assustou.— Ele ergue sua sobrancelha e me encara com seus olhos cor de mel.

Quando o vejo a reação sempre é a mesma, fico envergonhada e extremamente vermelha, talvez por achá-lo muito bonito. Bom, e ele é; um homem alto, forte, de ombros largos e músculos definidos. Pelo que vi em suas mãos, ele tem tatuagens, mas não tem como saber se cobrem seu corpo, já que sempre que o vejo está de terno e gravata escuros. O cabelo loiro escuro, constantemente meio bagunçado, barba rala mas bem-feita, da mesma cor do cabelo, pele levemente bronzeada e queixo quadrado.

— Quando é que você vai crescer, menina? Já tem dezoito anos e continua fazendo essas bobagens.

— Estou cansada de gente me seguindo onde quer que eu vá. Não tenho liberdade! Já bastam meus pais — murmuro frustrada.

— Olha, estou aqui para cumprir meu trabalho, agora vamos. — Levanto e saio andando na frente.

Ele me segue até a saída do parque e eu não espero que ele abra a porta do carro para mim, logo em seguida ele entra e dá partida; o silêncio é sempre o mesmo, chato e irritante.

— Tudo é pressão demais — digo querendo puxar algum assunto.

— Infelizmente, fugir não vai adiantar — profere prestando atenção na estrada.

— Eu não queria isso, queria ser normal. Com amigos de verdade, uma escola de verdade, com pessoas normais e não metidas e esnobes.

— Esse é seu destino, e fugir dele não vai ajudar, só vai adiar o que uma hora ou outra vai acontecer.

— É, você tem razão.— Respiro fundo me sentindo completamente derrotada.

Não queria ir embora, não queria ir sozinha para um país desconhecido, eu só queria ser... Eu mesma.



CAPÍTULO UM

CINCO ANOS DEPOIS

ANDREY NIKOLAI

— Área limpa, podem deixá-los entrar — murmuro no ponto que há no meu ouvido.

Sou dono da agência de segurança que faz a proteção da família Petrov, umas das famílias mais influentes da Rússia. Observo atentamente o senhor Pietro e a senhora Dona entrarem no salão enorme de festa em uma das diversas propriedades deles, ambos escoltados por três seguranças da minha agência.

Normalmente eu não costumo vir fazer a proteção de alguém, já que eu sou o chefe, mas como essa é uma das famílias mais influentes e ricas da Rússia, não posso deixar nada dar errado, ainda mais em um evento onde há uma quantidade grande de pessoas e repórteres. Qualquer merda e a minha agência vai para o ralo.

— Senhor, a filha do senhor Petrov insiste em entrar na festa sem escolta.— Reviro os olhos já de saco cheio disso.

— Essa menina fica fora por cinco anos e quando volta, volta mais chata do que nunca? — Violetta Petrov, filha e única herdeira de toda a *Di amond Empi r* faz cinco anos que não a vejo, e essa festa foi feita justamente para dar as boas-vindas a ela.

Pelo que eu soube, foi estudar em Paris, acho que ela deveria ter dezoito anos; sempre dava um jeito de fugir dos seguranças, o que me fez aumentar mais do que já estava a proteção e fazer pessoalmente a segurança da família, mas depois que ela foi embora, pude relaxar um pouco. Infelizmente essa garota mimada voltou, então estou tendo que fazer isso tudo pessoalmente para garantir que ela não faça nenhuma besteira.

— Segura ela, já estou indo — digo, sem paciência, no ponto do meu ouvido. Ando a passos largos para a saída, desviando dos demais convidados vestidos com roupas elegantes e caras.

Ao chegar na entrada do salão, olho para um canto onde ouço vozes, observo bem e logo vejo dois dos meus seguranças tentando conter uma mulher de vestido preto, longo, com mangas 3x4 e uma cabeleira ruiva longa e ondulada. Começo a caminhar na direção da ruiva assassina e quase caio para trás aos constatar de quem se trata.

— Violetta? — O nome dela escapa dos meus lábios sem que eu possa impedir. Ela estava de costas e, ao se virar, meus olhos se arregalam.

Put a que par i u!

Olhos extremamente verdes e raivosos me encaram, mas ao perceber de quem se trata, logo a raiva se vai, dando lugar à surpresa; a vejo engolir em seco e dar uma leve mordida nos lábios carnudos, pintados de vermelho.

Não queria, mas infelizmente meus olhos caíram no decote, que mostra parte dos seus seios bem redondos e cheios.

Dr oga!

— Andrey. — Meu nome saiu de sua boca em um tom de surpresa.

— Desculpe ter que incomodá-lo senhor, mas é que a senhorita Petrov não quer colaborar conosco. — Um dos seguranças acusa.

— Deixe que eu resolvo isso, podem ir. — Ambos dão um breve aceno com a cabeça e logo se retiram.

Assim que eles estão afastados o suficiente, viro-me novamente para encará-la e faço o possível para esconder a surpresa que tive de vê-la tão diferente. Definitivamente ela deixou de ser uma menina e se tornou uma bela mulher.

Andr e, não vá por esse cami nho.

— Olá, senhor Nikolai, há quanto tempo... — Ela dá uma breve pausa para dar um rápida olhada em mim. — E quanto tempo. — Me surpreendo quando ela abre um sorriso...malicioso?!

O quanto essa menina mudou! Eram raros os sorrisos que ela me lançava, tímidos e com rubores nas bochechas. Por mais que ela desse um jeito de fugir dos seguranças e deixar seus pais loucos com o temperamento um pouco explosivo e extremamente questionador. Na minha frente, das poucas vezes que a vi, sempre se manteve... na dela, quieta e envergonhada, mas agora está muito diferente. A única vez que falou comigo por mais de alguns minutos foi um dia antes de viajar; ela tinha fugido e estava em um parque.

— Senhorita Petrov, por favor, peço que colabore com a equipe e siga as instruções que o seu pai passou — digo em tom profissional e ela revira os olhos.

— Não entendo para que tanta segurança! Em Paris eu não tinha tudo isso, muito pelo contrário, era somente um e bem discreto.

— Entendo como isso deve ser frustrante, mas realmente eu só estou cumprindo as ordens que seu pai nos passou, afinal, ele nos

paga para isso. E justamente hoje decidi fazer pessoalmente a segurança de sua família por já saber das suas artimanhas para despistar meus homens. — Ela abre um sorriso e pela primeira vez percebo que tem covinhas.

— Fique tranquilo, Andrey, eu não sou mais uma adolescente inconsequente, muito pelo contrário. Você não faz ideia do quanto eu mudei, ou talvez faça. — E assim, Violetta sai andando na minha frente e eu me reprimo mentalmente quando meus olhos caem nas suas curvas e consequentemente na sua bunda.

Porra! Ela podia continuando uma adolescente inconsequente e tímida.

A festa durou até às três horas da manhã. Os últimos a saírem do salão de festa foi a família Duvaesky, outra família influente na Rússia, mas não tanto quanto a Petrov.

— Andrey, mais uma vez obrigado por tudo. Por anos sua agência tem nos servido bem. Graças a vocês, coisas ruins foram evitadas e fico lisonjeado quando você vem fazer nossa segurança pessoalmente — Pietro agradece.

— Nada mais justo, temo pela segurança de meus clientes.

— Engraçado que você só faz a segurança pessoalmente da minha família. — Vejo Violetta levar uma cotovelada da mãe.

— A questão, senhorita Petrov, é que sua família é a mais influente do país, o que a torna alvo de inimigos como funcionários insatisfeitos, invejosos ou pessoas que trabalham no mesmo ramo do seu pai com os diamantes. A mina do seu pai foi alvo de tentativas de assalto e uma vez tentaram sequestrar sua mãe, lembra? — Ela ergue uma sobrancelha e murmura.

— Sim.

— Fora que, pelo que eu lembre, a senhorita dava um grande trabalho à minha equipe e eu tive de ir fazer a proteção pessoalmente de sua família. Pelo período em que estive fora eu não precisei fazer isso, mas você está de volta e como já a conheço...

— Se não viu ou não percebeu, eu não sou mais uma adolescente e sim uma mulher, me tornei responsável e, se voltei para a Rússia, foi para treinar e logo assumir os negócios do meu pai.

— Sim filha, exatamente. E por isso eu e seu pai tomamos uma decisão. — Olho atentamente para Dona e Pietro, sem saber o que vão dizer.

— Que decisão? — Violetta pergunta e ambos olham para mim, o que me faz temer o que vem a seguir.

— Que Andrey será seu segurança pessoal e lhe pagaremos o dobro por isto, bom, se assim ele aceitar.

DOIS DIAS DEPOIS

Conto até dez para manter o pouco da paciência que ainda me resta diante da situação em que me encontro neste momento. Violetta me arrastou para uma maldita despedida de solteira de alguma colega da sua antiga escola. Bufo ao ver três homens vestidos de cueca de couro e gravata borboleta; as dez mulheres ali presentes gritam, eufóricas e bêbadas.

Estou a uma certa distância de tudo, mas posso ver bem quando Violetta sobe no palco, indo em direção a um dos homens. Ela vira de costas para ele e começa a rebolar no ritmo da música, o que faz seu vestido nude na altura da metade das coxas, subir um pouco, prendendo completamente a minha atenção em seus movimentos lentos e sensuais.

Foco Andrey!

Logo a minha atenção muda quando o homem se aproxima ainda mais e começa a se esfregar nela. Ele passa a mão por suas coxas, uma delas sobe indo até o cabelo comprido e ruivo, o jogando para o lado e deixando sua pele branca exposta, seus lábios vão ao seu pescoço. Só percebo que fechei as mãos em punhos quando as sinto doer de tanto apertá-las. Travo minha mandíbula quando a vejo virar, ficando de frente para ele e o infeliz apertar com força sua bunda quando a levanta do chão.

Eu deveri a i n t e r v i r ?

A gota d'água, para mim, é quando ele tenta a todo custo beijá-la e ela recusa, dando sorrisos sem graça. Começo a andar a passos largos até o palco e mais uma vez o idiota tenta beijá-la, mas dessa vez ele agarra no cabelo dela com força e encosta sua boca com uma certa violência na dela.

Subo no palco e escuto algumas mulheres gritarem, achando que isso faz parte do showzinho, e o idiota me olha com raiva.

— Está maluco? Quem é você?!

— Sou o segurança particular da moça e pelo que vi ela não gostou do que você estava fazendo.— Tento o máximo possível manter o 1% de paciência que ainda me resta.

— Sai daqui, ô empregadinho.

Adeus paciência, olá violência.

Todos param o que estavam fazendo no momento em que dou um soco forte bem na boca do infeliz, que o faz cair de cima do palco; o vejo cuspir sangue e junto dois dentes.

— Andrey! O que você fez? — Violetta me olha completamente assustada.

— Acho melhor sairmos daqui — murmuro.

— Eu não vou a lugar nenhum, a despedida de solteira nem começou. — Cruza os braços e ergue uma das sobancelhas.

— Senhorita Petrov, por favor, colabore.

— Andrey, eu não vou. — Certo, vai ser à força então.

Abaixo e envolvo um de meus braços em suas coxas e a levanto, colocando-a em cima do meu ombro, desço do palco e ouço gritos e vaías. Passo pelos seguranças da boate sem nenhum problema, por dois motivos. Primeiro, os dois são meus amigos, segundo, os seguranças que agem aqui são todos da minha agência.

Sinto suas mãos indo de encontro com as minhas costas, dando socos, mas é quase como se estivesse fazendo cócegas. Ao chegar perto da Land Rover escura, caminho até o banco do carona, abro o carro e a ponho lá, sob protestos, fecho a porta do carona e corro para o outro lado. Assim que entro no carro, sinto o impacto da sua mão se chocar com o meu rosto.

Respi r a Andr ey!

— Qual é o seu problema? Você agiu feito um homem das cavernas! — grita, completamente irritada.

— Eu só estava fazendo meu trabalho em protegê-la.

— Mas você bateu em alguém e arrancou dois dentes dele.

— Se eu não tivesse feito isso, coisa pior teria acontecido.

— Eu sei me defender...

— Violetta, todas estavam bêbadas, ninguém sequer olhava o que estava acontecendo, aquele homem não ia parar e sabe disso. — Ela abre a boca para falar, mas logo a fecha, sem argumentos.

Começo a dirigir e um silêncio estranho predomina no ambiente. Ela encosta a cabeça no banco, olhando para o lado de fora da janela escura e blindada. O caminho todo é feito sem que ninguém

diga nada, já passava das onze horas em Moscou e, para uma sexta-feira, as ruas estavam bem vazias, deve ser devido a leve chuva que caía, mas ainda assim é algo bem anormal.

Anormal também é Violetta se manter quieta. Durante esses últimos dois dias que assumi sua proteção pessoal sozinho, pensei que ela voltaria mais falante, e vê-la quieta demais é algo um pouco... chato. Bom, há cinco anos ela era bem quieta, mas sempre aprontava algo, seus pais e meus seguranças ficavam de cabelo em pé, mas agora ela não está falante e muito menos ativa.

— Pode me levar para o meu apartamento? — E finalmente ela fala.

— Apartamento? Não sabia que tinha um, seu pai não...

— Eu comprei um aqui no centro sem que meus pais soubessem. — Mantenho meus olhos na estrada.

— Não, vou levá-la para a casa dos seus pais.

— Andrey, eu preciso ficar sozinha.

— Lembro que a última vez que conversamos você não queria ficar sozinha. — Solta uma respiração pesada.

— Muita coisa mudou durante esses últimos anos, mas meus pais continuam os mesmos, me pressionando a assumir responsabilidades que ainda não me sinto preparada para assumir. — Olho rapidamente para ela, que ainda mantém a mesma posição.

— E por que não diz isso a seus pais?

— Para quê? Decepcioná-los? Eles sempre foram bons comigo, o único defeito é a pressão para assumir os negócios da família. Me sinto mal quando nego algo, então sempre fugia.

— E vai fugir agora de novo?

— Andrey, por favor, só me leva a esse apartamento. Você pode ficar lá se isso for ajudar, só não lhes diga sobre ele.

— Não posso fazer isso.

— Prometo facilitar seu trabalho. Por favor. — Olho rapidamente para ela, que me encara apreensiva.

Sinto que vou me arrepender disso.

— Tudo bem. A senhorita deu sorte que seus pais viajaram hoje para Portugal, mas não poderá esconder isso deles por muito tempo.

— Eu sei, mas por agora prefiro assim. — Balanço a cabeça concordando.

— Coloque as coordenadas no GPS. — Ela se inclina para digitar e no momento em que faz isso seu cabelo ruivo cai todo para os lados, deixando suas costas expostas, revelando uma tatuagem; não sei do que se trata, mas parece ser grande.

Não falo nada, até porque a vida não é minha e eu sou só um funcionário e ela filha do meu cliente mais importante, então, manter o profissionalismo é essencial e importante para a minha carreira.

CAPÍTULO DOIS



ANDREY NIKOLAI

Olho atentamente em volta e me surpreendo pelo fato de o apartamento ser bem simples, pequeno e em um bairro não tão rico.

— Pode parar com essa pinta de segurança por um segundo? — Olho na direção da voz e vejo Violetta entrar na pequena sala vestida apenas com uma blusa longa, que vai até metade de suas coxas, cabelo preso em um coque malfeito e completamente sem maquiagem.

Si m, el a mudou demais

— É meu trabalho protegê-la — murmuro desviando o olhar para qualquer coisa que não seja ela.

— Não há perigo aqui, escolhi esse bairro justamente por ser seguro e longe da civilização rica da Rússia. — Ela anda até o balcão que separa a cozinha da sala e novamente abre a boca. — Está com fome? Posso fazer algo para comer. — Ela sabe cozinhar?

— Não, obrigado, senhorita.

— Pode se sentar, Andrey, não precisa ficar em pé feito uma estátua — diz pegando uma uva em uma bandeja cheia de outras frutas.

Sento a uma certa distância do balcão, ela me observa por alguns segundos.

Por que tudo que esse garota faz agora me deixa tão nervoso? Já tive diversos clientes, inclusive muitas mulheres lindas e extremamente atraentes. Por que ela em especial me deixa assim?

— Seus pais não vão gostar de saber sobre o apartamento, e muito menos onde ele se encontra. — Os pais de Violetta são um tanto mesquinhos em relação a pessoas com um nível social inferior; só tratavam bem a mim, meus seguranças e seus funcionários da casa e da empresa porque servem a eles.

— Sou uma mulher e sinceramente não me importo com o que digam, comprei esse apartamento com o dinheiro que ganhei no estágio que fiz em Paris sem eles saberem. Se eu tivesse usado o dinheiro deles já saberiam do apartamento e, de alguma forma, quero ter algo que conquistei sozinha — conclui com orgulho.

— A sensação é boa, ver os frutos do nosso trabalho e esforço — murmuro, ela se aproxima e se senta no sofá para três pessoas com as pernas esticadas, enquanto eu me mantenho na poltrona.

— Sei que você é meu segurança, mas acho que se formos amigos isso vai ser bem melhor.

— Senhorita Petrov, isso...

— Por favor, Andrey. Todos os amigos que tenho tem os mesmos pensamentos que os meus pais, já com você eu posso ser eu mesma e isso é muito bom. Quer dizer... Eu acho que posso ser.
— Respiro fundo, me dando por vencido.

— Posso perder meu emprego assim.

— Na frente deles podemos agir diferente, ok? Por exemplo, agora que estamos sozinhos pode me chamar de Violetta.

— Tudo bem.

— Tenho uma dúvida.

— Sim — digo, um pouco apreensivo com o que ela vá perguntar.

— Não é casado, parece viver com esse terno e gravata... Você não vive?

— Sou um homem reservado, não sou mulherengo e não, não sou casado e nunca pensei nisso. Não porque eu não queira e sim porque nunca namorei ou encontrei alguém que me fizesse por tais pensamentos em minha cabeça. E não, não vivo de terno e gravata.

— Sua vida realmente parece ser extremamente chata, e olha que você tem a liberdade de fazer o que bem entender, sem ter pessoas ao seu redor esperando o seu melhor o tempo todo.

— Sou um homem de trinta e sete anos, não um adolescente. — Ela ri.

— Curtir a vida não tem nada a ver com adolescência, e eu aposto que até na sua adolescência você era uma pessoa chata.

— Se assim diz ser. — Dou de ombros não querendo entrar em muitos detalhes.

— Não me deixaria surpresa se dissesse que nunca transou com nenhuma mulher. — Sim, essas perguntas estão vindo dela, o que antes achava impossível, já que ela mal abria a boca perto de mim.

— É estranho ver você tão falante comigo, você não era assim. — E pela primeira vez desde que ela voltou, suas bochechas ficaram rosadas e... merda! Ela ficou tão bonita assim.

Inf er no!

— Eu mudei, Andrey, sou uma mulher e acho que me impor é algo essencial.

— E por que não faz isso com seus pais? — Novamente ela fica vermelha, o que me faz abrir um sorriso discreto.

— Eu não os quero decepcionar; sempre foram pais maravilhosos comigo, preocupados e fizeram de tudo para me ver feliz. Dizer a eles tudo que penso e, principalmente a meu pai, que não quero assumir sua empresa e sim seguir os meus sonhos, seria como dar uma facada em cada um. Sei que são mesquinhos e tratam diferente as pessoas com um nível inferior, mas em relação a mim, não tenho o que reclamar, a não ser o fato de ser pressionada a assumir aquela empresa. — Abro a minha boca para falar, mas decido fechá-la novamente.

Acho que já falei demais, não quero ser prejudicado por aconselhá-la a tacar o foda-se e seguir seus sonhos, assim como eu fiz.

— Olha, tem um quarto de hóspedes em frente ao meu, ambos os quartos aqui são pequenos, mas confortáveis. O seu fica na esquerda e se quiser comer algo, fica à vontade. — Ela levanta do sofá com expressão bem triste, e isso me fez pensar se é porque não disse nada depois dela desabafar tudo aquilo.

É claro, seu imbecil.

Penso em reverter a situação, mas ela já havia sumido, entrando no pequeno corredor e depois em seu quarto. Decido fazer o mesmo; perdi totalmente o pouco de fome que eu tinha.

Ao entrar no quarto percebo que Violetta tinha razão, o quarto é pequeno; uma janela grande com cortinas brancas e teto branco, mas há uma cama box com lençóis, cobertores e travesseiros brancos. Para falar a verdade, a única coisa que dá uma certa cor ao ambiente são os móveis de madeira rústica, o piso de madeira e as portas de madeira escura.

É melhor eu dormir.

Abro os olhos lentamente, estranhando o ambiente que me encontro, olho em volta e logo recordo-me que estou no apartamento de Violetta. Pego meu celular e me assusto ao ver mais de dez ligações perdidas da minha mãe, um medo muito grande me toma. Rapidamente me levanto da cama, vestindo somente uma cueca boxer. Pego a minha roupa e me visto rapidamente, vou no banheiro tentar dar um jeito na minha aparência de merda.

Ao sair do quarto, digito o número da minha mãe e ela atende no segundo toque.

— Ni kol ai , f i l l ho?

— Mãe, aconteceu al gum acoi sa com meu pai ?El epi or ou El e...

— Cal mameu f i l l ho seupainão oobt ev nel hor a mas t ambén não pi rou est á est ável. Sol t a respi ração e nem sabi a que est ava prendendo.

— Que sust oyi t ant asi qãesper di da s pense que havi a aconteci do al go.

— Ai nda não é hor a do seupaii ,rmas f i l l ho a beque vamo st ei que ser mui t bor t e s ,cãncedo seupa iest á avançado e mesmo com o t r a t ament o, a mort e del e é i nevi t ável .

— Eu sei p t r a t ament o s e r v e a r a p r ol onga m pouca vi da del e mas a i d e a de per de -l é t ão...dol or o sa. Fecho os ol ho s sacudo a cabeça, não quer endo acei tar i sso.

— Me dói vero homem que amo assi m me u f i l l ho mas essa é a vi da ,odo s n ó s v a m o s m o r r e u m d i a e seupa ient e necessi da de se despedi r de t o d o s a n t e s de i r

— Como assi m?

— *Fi l h s, eupaiquerr euniarf amí ltiãd par passaumt empç na antga fazenda dos seus avós. El equerse despedirra casa onde foi criado e viveu mui to feliz com os pais dele*

— *Mãe, mas e o tratamento? E não podesai da Rússã apar e voltar ao Mississipi.*

— *Nós já estamoñndhoj mesmoe todã famí l tãmbém quer mui t que você vá. Você é nossã ní cõ i l h s eupaiquer mui to que vá para a fazenda.*

— *Mãe, eu tenho mui to...*

— *Você trabalha mui t d, em funci onár cõ mpet ent espode passaumt empç for ai m! Se não vi erou fi camui t bri sã seu paimai ai nda. — Escut a voz do meu pai no fundo chamando*
— *Tenho que desli gã por fã or vá meu fi l h s. — Logo el a desli ga.*

Respiro fundo, tentando assimilar tudo que foi dito.

— Andrey. — Me assusto com Violetta, ela está parada na porta do seu quarto com a mesma roupa de ontem e com os cabelos levemente bagunçados.

Isso a deixa bem sexy. Inferno!

— Senhorita Petrov, eu...

— Me chame de Violetta, prometeu isso ontem.

— Sim, me desculpe. — Me viro indo até a pequena sala.

— Eu ouvi sua conversa. Que doença é essa do seu pai? É tão grave assim?

— Ele está com câncer no fígado e está avançado, tem pouco tempo de vida. — Ela parece surpresa e se aproxima um pouco.

— Ele vai voltar para o Mississippi? Eu achava que sua família fosse russa.

— Só a minha mãe, meu pai viveu lá até o dia em que veio para cá trabalhar. Aí ele conheceu minha mãe e não voltou mais, até o meu nascimento. Mal lembro de lá, eu tinha dez anos desde a última vez que fui a essa fazenda. Meus avós morreram logo após eu completar dezoito anos, eles estão enterrados lá e eu não fui ao enterro deles porque estava doente, com uma pneumonia muito forte; só meu pai foi e minha mãe ficou para cuidar de mim, já que eu estava no hospital. Foi difícil para ele. — Nossa, nunca falei disso para ninguém.

— Uau, que história, mas por que ele quer voltar para lá? Ouvi você dizer que ele está em tratamento. — Ela se senta no sofá.

— O tratamento serviu para prolongar um pouco mais a sua vida, mas ele não quer mais fazer e quer se despedir da vida na fazenda; quer todos da família reunidos lá.

— Ué, e o que faz aqui ainda? Vá ver seu pai.

— Prometi a seus pais que te protegeria, não posso ir e te deixar aqui e muito menos passar a sua segurança pessoal a outro porque não sei quanto tempo vou ficar fora do país. A maioria dos meus seguranças já estão ocupados e os novatos ainda estão em fase de treinamento, seria irresponsabilidade minha deixar um deles cuidando da sua segurança pessoal.

— Eu vou ficar bem, pode ir tranquilo, seu pai está acima de tudo.

— Não, tenho que pensar em algo. Vou ligar para seus pais e tentar arrumar um solução.

| VIOLETA PETROV |

Vejo Andrey sair da sala me deixando lá com diversos pensamentos. Nunca pensei que ele poderia ficar ainda mais lindo,

e vê-lo preocupado, de alguma forma, me deixou também.

Sempre tive vergonha quando ele estava no mesmo ambiente que eu, acho que o jeito dele reservado me intimidava, mas agora, vendo de outro modo, isso até o torna... atraente. Sei que isso jamais vai rolar porque ele, além de reservado, tem uma política de não se envolver com clientes e meu pai o mataria e faria sua empresa virar pó se isso acontecesse. Me sentiria muito mal se ele se prejudicasse por minha causa, mas só de imaginar como ele deve ser por baixo do terno e gravata sinto meu corpo todo esquentar.

Por que o proibi do é sempre mais atrativo?

Ele volta a sala com uma cara nada boa, o que me deixa apreensiva.

— O que meus pais disseram? — Ele respira fundo e leva a mão à barba, a coçando.

— Eu vou para o Mississippi.

— Isso é bom, mas por que está com cara de poucos amigos? Bom, isso é normal, mas está bem pior. — Ele leva as mãos aos bolsos da calça social escura.

— Isso é algo que quebra o protocolo da minha empresa, mas é caso de vida ou morte.

— Andrey, o que quer dizer com isso?

— Você vai viajar comigo.

CAPÍTULO TRÊS



ANDREY NIKOLAI

Encaro Violetta, que estava com os olhos arregalados depois do que eu disse; ela abre e fecha a boca várias vezes, incrédula.

Eu também estou assim.

Quando liguei para os pais dela, e expliquei minha situação, ambos sugeriram que o melhor para ela é ficar ao meu lado. Pietro disse que confia em mim de olhos fechados e isso me deixou mal. Mesmo não querendo, Violetta é uma mulher linda e atraente, não tem como não olhar e imaginar coisas, e ouvir o pai dela dizer que confia tanto assim em mim, me fez me chutar mentalmente incontáveis vezes.

Eu lhes disse que poderia esperar que voltassem de Portugal para ficarem com ela, mas ambos disseram que não tem data para voltar e depois de lá ainda iriam para outros dois países; talvez fiquem meses fora.

Por que não a levaram com eles?

— Meus...eles...

— Foram eles que sugeriram e, sinceramente, eu não vejo outra opção.

— E o que você acha disso? Sei que foram eles que sugeriram, mas é algo pessoal, não acho que seria bom eu ir assim... sua família. — Ela parece envergonhada.

— Minha família não vai se importar. Isso vai contra qualquer regra ou protocolo da minha empresa, mas é necessário. Não ficaria tranquilo se te deixasse aqui sozinha, sem minha proteção. — Seus olhos verdes brilham, acompanhados de um leve rubor em suas bochechas brancas e um sorriso tímido.

Put a mer da! Como el a é l i n d a , p o r r a !

— Você... tem certeza disso? Não acha melhor comunicar antes a seus pais e explicar a situação?

— Sim, vou fazer isso, mas preciso que se arrume e faça suas malas quando terminar. Tenho que ir até minha casa e tomar um banho, me arrumar e fazer a malas também. — Me olha surpresa.

— Agora? Vamos neste momento?

— Sim, se não for problema para você.

— Claro que não, eu vou arrumar minhas coisas e, se quiser, posso pedir um jato particular agora mesmo para facilitar nossa ida e ser mais rápido. — Anda em direção ao corredor.

— Não é necessário, não quero incomodar, eu...

— Olha, por favor, não precisa se fazer de durão agora, você precisa estar o mais rápido possível perto da sua família. — Me encara com aqueles belos olhos verdes, e...porra! Por que quando ela me olha assim parece tão difícil lhe dizer não?

Desde quando fiquei tão...molenga?

— Ok. — Violetta abre um enorme sorriso e logo depois diz: — Se quiser ir à sua casa para arrumar suas coisas vai ser bom, já vai

adiantar muita coisa, se quiser. Pode levar a chave do meu apartamento e trancar pelo lado de fora, se achar melhor, ou deixar algum segurança aqui na porta. Eu prometo que só vou sair quando você chegar. — Ela tem razão, isso pouparia tempo e tempo é algo que infelizmente meu pai não tem.

— Vou ligar para dois seguranças e pedir para ambos ficarem aqui, e sim, me dá sua chave, vou trancar a porta por fora. Tenho medo de dar algum surto e sair por aquela porta sem eu estar junto. — Ela gargalha.

— Fica tranquilo, bonitão, não vou a lugar nenhum. — Me entrega a chave e caminha para seu quarto, fico alguns segundos parado, olhando para ela até que suma para dentro do quarto. Quando isso acontece, volto, pego o celular e mando uma mensagem para a minha agência requisitando a presença de dois seguranças; imediatamente atendem meu pedido e comunicam que ambos estão a caminho, mando o endereço e coloco o celular no bolso.

Essa viagem, essa convivência com ela... sinto que será a mais perturbadora da minha vida.

VIOLETTA PETROV

Quase dez horas de voo. Era pouco mais de sete horas da manhã quando saímos do Aeroporto Internacional Sheremetyevo e agora estamos pousando no Aeroporto Internacional de Jackson-Medgar Wiley Evers. Não tivemos dificuldade ao desembarcar e nem em pegar nossas bagagens, já que viemos no jatinho particular da família Petrov; o que os meus pais usaram era o da empresa.

Do aeroporto, fomos direto a uma locadora mais próxima de carros e Andrey pegou uma picape prata que dá duas de mim.

Agora estou aqui, mais de duas horas no carro com ele, indo para a fazenda onde se encontra toda a sua família, sem saber o que falar ou como agir diante deles.

— Essa cidade aonde vamos, fica muito longe? — pergunto tentando distrair a mente.

— Bom, faltam só mais alguns minutos para chegarmos à fazenda. Já estamos em Starkville. Aqui é bem interior, como pode ver; o centro da cidade fica a alguns quilômetros. — Olhei em volta e tudo que vejo é mato.

— É a primeira vez que vou a uma fazenda. Não sei nada disso — confesso.

— Vai gostar, ela é grande, uma das principais fazendas que transportam leite para outros estados. — Arregalo meus olhos.

— Como assim?

— Meu pai herdou a fazenda e os negócios da família Russell. Mas meu pai acabou deixando que meu primo tomasse conta dela e dos negócios. Tudo para poder ficar com a minha mãe na Rússia.

— Nossa, isso é lindo.

— O dinheiro que a fazenda produz é dividido entre todos com o sobrenome Russell, mas eu deixei minha parte para meus pais. Assim eles vivem bem, não com luxos, mas em um lugar bom e nada falta a eles — explico.

— Você poderia ter ficado à frente disso. — Ele sorri.

— O campo nunca me chamou a atenção, eu mal lembro a última vez que estive aqui. Só lembro onde a fazenda é porque é a única da cidade. Meu pai, no começo, queria muito, mas quando lhe contei o que eu tinha em mente, ele simplesmente sorriu e disse que me apoiaria com o maior prazer.

O carro para em frente a um portão enorme de ferro escuro e está escrito em cima dele “Fazenda Os Russell”. De longe posso ver que é enorme e que a área em volta dela é gigantesca.

— Olá. Meu nome é Andrey Nikolai D. Dmitriev Russell, sou filho do Peter Jackson Russell. — Os peões arregalam os olhos e de

imediatamente abrem os portões. Quando o carro começa a se movimentar, observo atentamente tudo a minha volta.

Uma grama bem aparada, cavalos e alguns outros animais pela fazenda. Um celeiro enorme e alguns peões espalhados. A fachada da casa é branca e cinza, com dois andares, e é do tamanho da mansão dos meus pais.

Andrey sai do carro e logo a porta da frente é aberta, uma mulher de pele morena, cabelo curto com fios brancos se aproxima. Saio do carro para poder cumprimentá-la.

— Oh, finalmente chegaram. — Andrey já está do meu lado, a mulher o abraça com vontade e lhe dá beijos em ambas as faces.

— Oi mãe, como o papai está? — Ele parece preocupado.

— Seu pai está lá, gritando e dando ordens ao seu primo. Ele se sente bem aqui e foi a melhor decisão trazê-lo. — Ela sorri para o filho, que se mantém sério.

— Mãe, essa é Violetta Petrov, filha do meu cliente. — Ela me puxa para um abraço que retribuo sem jeito.

— Olá senhora Russell, é um prazer conhecê-la.

— Oh querida, pode me chama de Lorena, fico lisonjeada em ter uma Petrov aqui conosco, espero que goste da hospitalidade do pessoal do campo — diz, bem simpática.

— Achei tudo muito lindo, nunca tinha visto uma fazenda de perto — confesso envergonhada.

— Não seja por isso, vou pedir para a prima do Nikolai lhe mostrar tudo aqui, ela conhece a fazenda como a palma da mão.

— Muito obrigada.

— Vamos entrando, só faltavam vocês chegarem para estarmos todos juntos novamente. — Me senti uma intrusa.

ANDREY NIKOLAI

Todos na sala nos encaram com curiosidade. Nunca tinha visto a família toda reunida em um lugar só. Meu pai se levanta e eu ando até ele, ignorando os outros; quando estou em seus braços sinto uma imensa vontade de chorar, mas me seguro.

— Achei que não viria.

— O senhor sabe que não podia ter feito isso. — Ele abre um sorriso.

— Você acha que puxou a teimosia de quem? — E esse é meu pai, um homem de sessenta anos que, pela aparência física, parece ser mais novo. Ele é durão e, por mais doente que esteja, sempre fez o que queria sem se limitar. Ele é um pouco mais baixo que eu, cabelo todo grisalho, olhos cor de mel e o rosto com algumas rugas; olho para ele e já me vejo quando tiver a sua idade.

— Querido, essa é Violetta Petrov. — Minha mãe a puxa com tanta animação que tive até pena, já que ela está visivelmente envergonhada.

— Petrov? Daquela família de magnatas dos diamantes? — Minha prima Benny pergunta.

— Eu sou o segurança particular dela. Tive que trazê-la, pois não poderia deixar que algo lhe acontecesse, afinal a família Petrov já sofreu diversos ataques e ameaças. Os pais dela que sugeriram que ela viesse. — Já explico para Benny ,que me lança um olhar malicioso.

— Nossa, que lindo... parece até um livro que já li. — E sorri.

Maldita prima enxerida.

— Violetta, esta é minha prima Benny, não dá muita confiança não, se não vai querer se meter em tudo da sua vida. — Ela me mostra o dedo do meio. — Aqueles são meus tios, Emma e Rick,

Emma é a irmã do meu pai. — Eles dão um breve aceno. — Meus outros primos, Marvin e Eduard, são filhos de Emma e Rick e irmãos da Benny. As outras são esposas dos meus primos, Lisa e Margot. Os pequenos são filhos deles. — Aponto para as cinco crianças que brincam no canto da sala, dois meninos e três meninas. — Olho novamente para todos e começo a dar falta de mais gente. — Pai, cadê...

— Chegamos. — Marley diz ao entrar na sala, seguido dos meus outros tios, Tina e Ford, irmão do meu pai, e minha prima Anne.

Violetta olha na direção deles e vejo seu rosto empalidecer, não entendo o porquê, mas logo começo a juntar as coisas quando vejo na direção de quem ela olha. Marley fica extremamente sério quando vê Violetta. Logo me apresso para ficar próximo de Violetta.

— Conhece ele? — sussurro em seu ouvido. Ela sacode a cabeça concordando. — Ele te fez alguma coisa? — Violetta não diz nada, mas ao olhar para meu primo, que logo desvia o olhar ao perceber que eu o estava encarando, confirma o que perguntei.

Alguma merda ele fez, e eu vou descobrir.

CAPÍTULO QUATRO



VIOLETTA PETROV

Tento disfarçar minha cara de espanto ao ver Marley, mas Andrey percebeu. Droga! Tantas pessoas para ele ser parente e tinha que ser justamente do meu segurança particular? Acho que joguei pedra na cruz, só pode. Engulo minha raiva, meu ódio, nojo e abro um sorriso simpático para todos.

— Marley. Quanto tempo... Conseguiu sair de Paris? — O pai de Andrey pergunta.

— Sim... eu estou trabalhando em uma empresa lá, mas consegui um tempo para vir. — Ah se soubessem.

— Não sei que trabalho é esse que o funcionário pode sair assim, para ficar um tempo indeterminado fora do país — murmura Benny, prima de Andrey.

Isso, continue por essa linha.

— Tão enxerida como sempre, Benny. — Ela dá língua para ele.

— Oh, que bela moça temos aqui... tenho a impressão de já ter te visto em algum lugar — diz o pai de Marley.

— Sou Violetta Petrov. — Estendo minha mão para cumprimentá-lo.

— Eu sou segurança particular dela, como os seus pais estão em Portugal e vão ficar um tempo fora, decidi trazê-la, já que não esperava essa reunião familiar de última hora — murmura Andrey e olha para o pai, que lhe lança um sorriso simpático.

— Isso é incrível, temos a filha de um dos homens mais influentes da Rússia entre nós! Creio que prepararam o melhor quarto para ela, não é? — A mãe de Marley questiona.

— Não...não precisa disso tudo, o que tiverem para mim está perfeito e a fazenda é linda.

A última coisa que quero é ser tratada diferente por causa do meu sobrenome.

ANDREY NIKOLAI

Todos estão conversando animadamente, Benny, Anne, Lisa e Margot conversam com Violetta em um canto, enquanto Marley, Marvin e Eduard em outro. A todo momento ele encara Violetta, que parece que esqueceu a presença dele aqui. Agora não, mas logo eu vou ter uma conversa séria com ele e saber o que de fato aconteceu.

— Está tudo bem, querido? — Minha mãe me tira dos meus devaneios.

— Está sim.

— Ela é linda e muito agradável. Parece que não nasceu em berço de ouro — comenta.

— Acho que ela não queria ter nascido em um.

— Parece que você sabe mais dela do que a mídia. — O olhar de dona Lorena é de curiosidade.

— Sou segurança particular, é meio óbvio. — Tento me justificar.

— Sei. Mas querido, só faça algo que realmente tem certeza que vá dar certo, pois você estará jogando tudo para o alto. — A olho confuso.

— Como assim?

— Vou levá-la para mostrar o quarto. — Antes que eu diga algo, ela sai de perto de mim e vai até Violetta e, entre sorrisos, ela acompanha minha mãe para o andar de cima.

Caminho até meu pai, que conversa com meus tios. Estão falando de baseball. Mas logo minha atenção muda para Marley, que não para de olhar para as escadas; alguns minutos depois minha mãe desce, indo até as minhas tias, e Marley disfarça e sobe.

Filho da...

Espero que ele suma no alto da escada e o sigo, não dando a mínima para ninguém e nem fazendo questão de esconder algo. Escuto vozes altas vindo do final do corredor e, ao me aproximar da porta, vejo Marley sorrir para Violetta, que o olha com desprezo.

— Acho bom você realmente ficar quieta. O que aconteceu em Paris, deve ficar lá.

— Não vou querer dar esse desgosto a sua família, eles não merecem.

— Sabe que se eu cair... você cai também. Imagina o que vão dizer se souberem que a filha de um dos homens mais influentes do mundo...

— Cala a boca! Eu não vou fazer nada, então me deixa em paz.

— Você está ainda mais linda, tão perfeita... À vezes sinto falta do que tínhamos. — Ele tenta se aproximar e ela o empurra.

— Eu me arrependo amargamente de um dia ter deixado você me tocar. Eu te odeio, sinto nojo só em te olhar. — Marley se

aproxima de novo, só que dessa vez a pega pelo braço.

— Acho bom moderar o tom de voz. Se me conhece, sabe do que sou capaz, *baby*

Não conseguindo me conter mais, abro a porta com força, a batendo na parede, e Marley se afasta; Violetta arregala os olhos ao me ver, já ele abre um sorriso cínico.

— Preciso falar com você — murmuro já dando o recado para Marley.

— Eu só estava dando...

— Saia, e espero que não se aproxime dela de novo... Não me importa o que você fez ou deixou de fazer! Só sai de perto dela e nem dirija o olhar a Violetta.

— Que é isso, primo... Eu só estava conversando com ela.

— Você é surdo? Sai daqui ou da próxima vez vai ser outra coisa que vai bater com força na parede. — Ele levanta as mãos em sinal de rendição e sai do quarto, fechando a porta.

Quando me viro para ver se Violetta estava bem, ela se joga em meus braços e me abraça com força. Sua cabeça fica em meu peito e eu sem reação alguma, não esperava isso, mas para ela ter agido assim, a presença de Marley a abalou muito. Enrosco meus braços em seus ombros, que tremem; seu choro é silencioso, mas preciso.

— Eu não vou deixar que nenhum mal te aconteça — murmuro. Ela levanta seu rosto para mim, e ver seus olhos verdes cobertos por lágrimas me fez ficar com mais ódio ainda de Marley.

O que esse filho da puta fez?

Eu deveria perguntar, mas parece ser algo grave demais, então vou deixar que ela decida se deve ou não me contar.

VIOLETTA PETROV

Os braços dele, nossa, como parecem ser tão seguros. É como se fossem minha fortaleza e isso é estranho demais, mas ao mesmo tempo, muito bom.

— Você está melhor? — pergunta com sua voz rouca e me encara com seus olhos cor de mel com alguns riscos esverdeados.

— Estou sim, obrigada. — Me afasto dele para secar minhas lágrimas.

— Eu deveria te perguntar, mas não vou, é algo pessoal e deve ter sido ruim, mas prometo que não vou deixar que ele se aproxime novamente de você. Afinal, sou seu segurança particular. — Balanço a cabeça concordando. — Vou até o carro pegar suas malas, se quiser descer para ficar com as meninas, elas podem te mostrar a fazenda.

— Está bem.

ANDREY NIKOLAI

Caminhamos para fora do quarto em direção à escada. Em um ato involuntário, Violetta pega em minha mão e segura, ela me encara e parece se assustar com sua própria atitude e logo se afasta de mim; desce na frente e eu a sigo.

— Violetta, vem, vou te mostrar toda a fazenda e te mostrar o lago lindo que tem na propriedade. As meninas vão também. — Ela nem tem tempo de falar, Benny a puxa em direção à porta. Ela me olha com um pedido de socorro e eu me pego rindo da situação.

— Ela é bem gostosa, não é? — Meu sorriso some, olho para trás querendo socar meu primo.

— Já mandei ficar longe dela.

— Ei, calma, você não manda em mim e eu fico perto de quem eu quiser. — Caminho na direção dele e ele recua um pouco. Ele joga seu cabelo comprido para trás e abre um sorriso debochado.

— Sou segurança particular dela, qualquer pessoa que mostre algum tipo de ameaça tenho que manter longe. — Ele ri.

— Eu só não estive perto dela como também já estive dentro daquela boceta rosadinha. — O jogo contra a parede e minhas mãos vão ao seu pescoço.

— Se tocar nela, eu sou capaz de...

— Capaz de quê? De me matar? A nossa família te odiaria, e sabe algo bem interessante? É que você está com ciúmes. — Jogo-o no chão e, antes de me virar para ir até o carro, murmuro. — Eu não vou medir esforços para protegê-la, doa a quem doer, e não vai ser você ou nossa família que vai impedir isso.



CAPÍTULO CINCO



VIOLETTA PETROV

Depois do episódio de mais cedo, Marley me deixou em paz, quer dizer, ele não para de me olhar toda vez que estou no mesmo ambiente que ele, mas o que Andrey fez serviu para mantê-lo longe de mim. Das oito até as dez da noite as primas e esposas dos primos de Andrey me mostraram toda a fazenda e demorou tanto que nem deu tempo de ver o lago. Elas prometeram me levar amanhã, já que estamos no verão e quem sabe podemos aproveitar e dar uns mergulhos. Também ficaram de me mostrar a fazenda de dia, mas a beleza daqui durante a noite é inexplicável.

Andrey disse que iria comigo e que só deixou que as meninas me mostrassem a fazenda porque ele teve que cuidar das malas do carro; nem preciso dizer que as meninas protestaram, mas não posso fazer nada, ele é meu segurança particular, foi contratado para ser minha sombra e Andrey sempre foi rígido consigo mesmo em relação ao trabalho. Até o quarto dele é em frente ao meu exatamente por isso.

Ou não, né?

Saio dos meus devaneios com batidas na porta do meu quarto. Pego meu celular e dou uma breve olhada na hora. Já passa das

duas horas da manhã.

Ser á que é o Andrey?

Me levanto para abri-la e logo vejo uma Benny com os cabelos presos em um coque, short e blusa curtos que acredito ser para dormir. Ela me encara com um sorriso no rosto e olhos negros brilhantes.

— Desculpa, é que estava sem sono. Decidi sair do quarto um pouco, vi que a luz do seu estava acesa e queria ver se quer companhia. — É difícil dizer não a ela, Benny é tão sincera quanto suas expressões faciais.

— Claro, também estou sem sono. — Dou passagem para ela entrar.

— Essa camisola é linda, o vermelho lhe cai bem. Isso é seda? — indaga me encarando.

— Sim, eu não acho que ela seja decente para dormir aqui, afinal, a casa não é minha e a camisola é bem curta. — Ela sorri.

— Olha, você está em seu quarto, então não tem problema, e mesmo se tivesse, a roupa é sua e ninguém tem nada a ver com isso. Seu corpo suas regras, *baby* — Abro um sorriso.

— Você poderia me tirar uma dúvida? — Será que vai ficar estranho perguntar isso?

— Claro. — Ela se senta em minha cama e eu me sento perto dela.

— O Andrey... Ele sempre foi desse jeito?

— Chato? Mandão? Protetor demais?

— Mais ou menos isso. — Benny ri.

— Bom, meu primo teve um episódio ruim na vida dele que fez ele ficar assim, quer dizer, ele sempre foi bem chato e mandão

desde pequeno.

— O que aconteceu?

— Ah, não sei se seria bom contar algo tão pessoal assim dele, quer dizer, isso foi algo esquecido propositalmente por todos nós, mas só meus pais, os pais do Andrey e eu sabemos o que realmente aconteceu.

— Oh, droga! Como você quer que eu não fique curiosa? Uma vez tentei arrancar isso dele, mas ele é muito fechado. Sinceramente esse jeito dele me incomoda porque acho que uma coisa ruim aconteceu para ele ser assim. — A cara que ela faz só confirma minhas últimas palavras.

— A única coisa que posso dizer é que ele perdeu uma pessoa muito especial na vida dele e se culpa por isso até hoje. — Merda!

— E ele é culpado? — Benny faz uma cara tão triste que ela nem precisa me responder.

— Vamos dizer que, por mais que digam que não, lá no fundo sabemos que ele teve culpa disso, mesmo indiretamente.

— Sabe que vou te encher o saco para me contar isso, não é?

— Eu vou lutar para não ser vencida pela sua insistência. — E pela primeira vez em anos eu ri com uma pessoa que não era nem meus pais ou funcionários, e ri de verdade.

— Sabe, é a primeira vez que converso assim com uma mulher, minhas colegas das escolas e faculdades era tão fúteis que só sabiam falar de homens ricos, dinheiro e casamento com homens ricos.

— E você é diferente do que dizem dos seus pais. — Abaixo a cabeça sem saber o que responder. — Oh, me desculpa, é que... Ah, merda! Às vezes eu falo demais. — O pavor dela me faz sorrir timidamente.

— Está tudo bem, eu sei como eles são e sei que a fama deles no quesito simpatia não é a melhor. Eles são superficiais demais e acham que devo me casar com um homem com o nível igual ao meu. Acho que se eu chegasse com um homem que eles julgassem ser um qualquer, além de me deserdarem, iriam fazer o possível para a vida dele ser reduzida a cinzas e eu jamais permitiria isso.

— Eu achava que você seria uma patricinha cheia de não me toque, já tinha um estoque pronto para atazanar sua vida aqui, mas vi que as aparências enganam.

Sim, realmente enganam; eu que o diga, já que caí nas garras de Marley acreditando na aparência de bom moço, quando, na verdade, ele era o ser mais desprezível do mundo.

ANDREY NIKOLAI

Todos reunidos na mesa do café da manhã, Benny e Violetta se aproximaram muito e conversam animadamente entre elas, o que me deixa feliz. Conheço um pouco de Violetta e sei que ela é bem diferente do que aparenta ser, nunca teve amigos de verdade e ver ela assim me deixa contente. Por outro lado, Benny sempre teve uma personalidade forte, fora que sempre se orgulhou da cor da sua pele, igual à do pai; dos três filhos que minha tia teve com Rick, ela foi a única que nasceu negra e, quando crianças, éramos questionados por ela ser a única com essa cor, geralmente a gente xingava quem falava alguma besteira, mas hoje em dia passamos a ignorar, ela então nem se fala.

Já os cabelos dela são castanhos, longos e enrolados igual ao da minha tia; sinceramente ela é uma mulher linda, sempre que ia nos visitar na Rússia ou passar as férias lá, não tinha um que não olhasse.

Mas é uma pena que a fruta de que eu gosto ela chupa até o caroço... Sim, ela é lésbica e foi um choque quando revelou isso cinco anos atrás, mas nós, primos e irmãos, já sabíamos, então não

foi algo novo, mas para os nossos pais foi algo inesperado. De uma forma bem positiva e surpreendente, todos a apoiaram e respeitaram o que ela é e isso a deixou tão feliz que nunca a vi chorar tanto como nesse dia.

— Sabe, sua protegida é uma linda mulher e o melhor, se deu bem com Benny, que quase não gosta de ninguém — murmura Marvin e Eduard concorda.

— Ela é filha do meu cliente mais importante, a estadia dela aqui tem que ser a mais perfeita possível e sem problemas com primos babando em cima dela o tempo todo.

— Difícil... Não sei como consegue ficar ao lado dela e não sentir nada. Eu amo minha esposa, Lisa, mas reconheço uma mulher bonita de longe — comenta Eduard.

— Essa é a primeira regra da minha agência então não, ela não me atrai. — Que puta mentira hein, senhor Andrey!

— Então acho que ganhei a aposta. — Marvin diz estendendo a mão para Eduard, que nega com a cabeça.

— Que aposta?

— A gente apostou se você é gay ou não, só um gay para não sentir nem sequer um pouco de atração por ela, nem que seja para ficar olhando de longe. — Olho para eles, incrédulo.

— Vocês são sujos, não sei como conseguiram se casar com mulheres tão boas.

— Temos o lado bonito da família, não resistiram a nós e até nossos filhos são perfeitos. — Marvin se gaba.

— Andrey, eles estão te enchendo, não é? — indaga Anne.

— Se me perturbarem muito, os jogo no fundo do lago. — Ela ri.

Anne é diferente do seu irmão, Marley, que nem está na mesa, que bom. Ela é boa, sensata e simples, sempre se contentou com

pouco e sonha em se casar assim como os primos, mas por ter dezenove anos, ainda vive sob a rigidez do meu tio, Ford. Ela tem cabelo loiro, curto, olhos esverdeados, pele branca e um corpo esguio, nada muito exagerado, diferente de Benny que é cheia de curvas. Anne se acha simples demais e às vezes tenho pena dela por ser irmã de um ser tão idiota como Marley, que sempre fez de tudo para diminuir a irmã. Ela é a caçula de todos nós, então a proteção em cima dela é enorme, e eu sou o mais velho.

— Vamos ao lago, aproveitar esse sol aqui de Starkville — comunica Benny.

— Acho que seria bom todos irem e aproveitar, afinal, não é sempre que a família Russell está toda reunida. — Margot profere e todos concordam, menos eu.

— Por que você sempre é o estraga-prazeres? — Lisa diz, fazendo todos rirem.

— Sabem que não gosto muito dessas coisas — murmuro.

— O quê? De pessoas? A gente já sabe disso, conte uma novidade. — Tia Emma fala fazendo meu tio Rick quase engasgar com o suco, pois não conseguiu conter o riso.

Minha tia é um pouco louca, diz as coisas que vem à cabeça e sempre foi sincera, até demais.

— Já tem três filhos, nunca vai crescer? — Meu tio Ford diz, sério.

Ah, ele sempre foi o cabeça-dura dos irmãos Russell, sério e quase nunca sorri, mas no fundo tem um bom coração. Já meu pai é o equilíbrio entre eles e imagino como deve estar sendo difícil para meus tios aceitarem que o seu “equilíbrio” logo não vai estar entre eles.

— Bom, vou me arrumar, vamos Violetta? — A encaro e falo.

— Violetta vai?

— Claro, por que não iria?

— Ela não pode ficar sozinha, mesmo estando aqui com vocês, sou pago para ser a sombra dela. — Vejo Violetta revirar os olhos.

Quer i quer evi r a se ra out r a si r cunst ânci a 3. quê? Para a com i sso, mal di t o Andrey

— Andrey, estamos dentro da propriedade da sua família, acha mesmo que se alguém quisesse me matar ou sequestrar iria entrar aqui, com o tanto de peão que tem aqui?

— Sei que isso é chato, acha que para mim também não é? Mas foi para isso que seus pais me pagaram e pagam; se algo acontecer, a culpa vai ser minha. — Isso não, de novo não, nunca!

— Está bem, então venha conosco. — Ela caminha em direção às escadas. Me levanto da mesa.

— Violetta, não torne tudo mais difícil, você não vai e ponto. — Ela me encara com as mãos na cintura e com o rosto visivelmente irritado.

Por que ela precisava ser tão teimosa?

— Você é meu segurança, não meu pai, então nós vamos e isso vai te fazer bem, vive de terno e gravata e nunca tira isso. Meu Deus, isso deve estar colado no seu corpo.

— Se você sair dessa casa sem que eu esteja junto, eu conto para seus pais do apartamento. — Sim, isso é jogar sujo, mas parece que ela não entende nada que aconteceu com sua família no decorrer desses anos.

— Andrey...

— Você não vai! — Minha voz sai um pouco mais alta que o normal, fazendo todos me olharem surpresos.

— Você é um idiota controlador que uma hora diz para eu enfrentar meus pais e depois, na primeira coisa que faço porque eu

quero, quer ligar para eles. Ok, se quer agir como um carrasco, tudo bem, mas saiba que consigo ser pior do que imagina. — Ela sobe as escadas correndo, extremamente puta, e quando olho em volta, todos me encaram com olhar de reprovação.

— Que estraga-prazeres, hein?— murmura Benny, ela sai da mesa e vai até as escadas, creio que atrás de Violetta e vejo Anne fazer o mesmo.

— Você foi rude demais com a moça. Não é porque você não quer ir a algum lugar que ela tem que se privar disso. — Meu pai me repreende.

— E jogou sujo em relação a esse tal apartamento que, creio eu, a moça não quer que os pais dela saibam. Se você sabe, é porque ela confiou em você. — Minha tia Emma completa.

— Foi um erro ter vindo para cá. — Saio da mesa irritado e vou até o celeiro e, depois de anos, eu monto. No começo fico sem jeito, mas logo me acostumo e disparo com o cavalo para longe da casa.

Sim, eu sei andar a cavalo e Violetta não precisa saber que menti sobre quase não ter vindo à fazenda, quando na verdade, minha infância, adolescência e começo da vida adulta foi toda aqui.

Fecho meus olhos por alguns segundos e aquela frase me vem à cabeça novamente.

“ — *Você não protegeu nem ela e nem o seu filho*” .

CAPÍTULO SEIS



VIOLETTA PETROV

Já passa das seis horas da tarde eu ainda não tinha saído do quarto. Não quis comer nada, estava puta demais e só queria realmente ficar sozinha. Benny e Anne vieram aqui, mas não estava com um humor dos melhores para conversa. Andrey é um filho da puta traidor. Eu confiei nele, contei algo que ninguém sabia e ele joga isso na minha cara e ainda me ameaça? Ele é um maldito hipócrita.

Escuto batidas na porta e estava pronta para dizer que queria ficar sozinha, mas a voz de Lorena ecoa do outro lado da porta; digo que ela pode entrar e logo que está em meu quarto, abre um sorriso sem graça.

— Acho que Andrey não merece que fique sem comer por causa do que ele disse pela manhã. — Se aproxima e se senta em minha cama, perto de mim.

— Seu filho... Ele me tira do sério. Eu confiei nele. Antes de virmos para cá tivemos uma conversa à noite em meu apartamento, ele me disse coisas que me encorajaram e me incentivaram a confiar ainda mais nele.

— Andrey não é um homem fácil, puxou um pouco o gênio do pai, mas de uns anos para cá ele mudou bastante. Ele se afastou de nós e só voltou a ficar mais com a gente quando meu marido descobriu que estava doente. — Ela fala algo que desperta a minha curiosidade.

— O que aconteceu para ele ficar assim? — Vejo dor em seus olhos, algo que me faz pensar o quão ruim deve ter sido o que ele passou.

— Essa fazenda não traz boas lembranças para Andrey, faz dez anos que ele não vem aqui e só aceitou estar com todos da família porque foi um pedido do seu pai. — A olho confusa.

— Dez anos? Andrey me disse que não vem aqui desde os dez anos de idade... Que nem chegou a vir no enterro dos avós porque ficou doente, você ficou com ele na Rússia e seu marido veio para o enterro. — Lorena me olha surpresa.

— O quê? Mas isso não é... — Ela para de falar ao ver a expressão que há em meu rosto.

Eu confiei nele, e ainda por cima, Andrey mentiu p

— Parece que ele não gosta muito de falar do passado dele, ao menos, não a verdade — ironizo.

— Andrey deve ter tido os motivos dele... Querida, o que aconteceu com meu filho foi algo bem grave e doloroso demais para suportar. Isso foi um dos maiores motivos para ele ter se tornado um segurança e ter aberto uma agência especializada nisso.

— Não precisa me dizer mais nada, se ele não quis me contar, é uma escolha dele. — Abro um sorriso fraco.

Por que fiquei tão triste com algo assim? Ele é só meu segurança.

— Olha, hoje à noite meus sobrinhos vão até a cidade, abriu um bar muito bom, com música e tudo que a garotada gosta, deveria ir.

— Não posso sair sem ele.

— Ele vai, pode apostar — diz com convicção.

— Tudo bem, a que horas eles vão?

— Às nove. Coma algo antes, vou pedir para preparem um sanduíche bem gostoso e trazer aqui para você. Enquanto isso, se anima, escolhe uma roupa bonita e se arrume, vá se divertir.

Me encaro no espelho bem satisfeita com o resultado. Estou usando um vestido branco de alças finas que molda bem minhas curvas, que ficaram maiores. Imagino que devo ter engordado, mas sou um tipo de pessoa que nunca se importou com isso; quando eu era adolescente era bem magra e parecia mais alta.

Minha cabeleira ruiva está solta, o vestido é bem simples e só é um pouco acima dos meus joelhos. Passei um lápis de olho, delineador, rímel e um batom bem fraco, vermelho quase rosado. Coloco minha sandália de tiras escuras e estou pronta, pego minha bolsa e saio do quarto. Já estava na hora, Lorena disse que sairiam daqui às nove horas, devem estar me esperando.

Começo a ouvir as vozes altas e risadas vindas do hall, ao chegar nas escadas Benny me vê e me encara surpresa, fazendo todos olharem para mim também e ficarem com a mesma expressão em seus rostos.

ANDREY NIKOLAI

Sim, ela estava linda! Eu não podia me fingir de cego, era impossível, e quanto mais ela descia as escadas, melhor dava para ver a sua beleza, e não era só eu que a estava admirando.

— Violetta, você está muito linda. — Benny elogia.

— Realmente, resolveu seguir meu conselho e se superou, adorei como seu cabelo ficou. — Minha mãe diz e Violetta abre um sorriso tão grande quanto bonito.

Meu Deus, o que está acontecendo comigo?

— Vamos logo antes que Andrey mude de ideia e estrague tudo, temos que aproveitar que as crianças ficaram com nossos pais e tios — diz Marvin caminhando com sua esposa na frente, logo o seguimos.

Tivemos que usar dois carros e como eu não vou beber e nem Anne, somos os motoristas. No carro da frente vão Marvin, Margot, Eduard, Lisa e Anne. No outro estão eu, Violetta ao meu lado, Benny e infelizmente, Marley. Ele realmente se manteve longe não só de Violetta, mas também de mim e isso é ótimo, no entanto, ficar no mesmo carro que ele não está sendo algo que eu goste.

Olho rapidamente para essa ruiva ao meu lado, ela se mantém distraída olhando para a estrada; não me olha e não está errada, eu cometi um erro e talvez tenha perdido a confiança dela. Isso não deveria ser importante para mim, eu só deveria me preocupar em mantê-la sempre por perto, mas não, estou me sentindo mal por Violetta estar assim, ainda mais por minha culpa. Também sei que, lá no fundo, ela também está incomodada com o Marley aqui, e quero chegar o mais rápido possível ao bar.

— Sabe, esse silêncio está bem chato e acho que alguém deve um pedido de desculpas a uma ruivinha. — Benny pode ser inconveniente quando quer.

— Benny, só fica quieta — murmuro.

— Eu só quero que esse clima chato acabe logo. Hoje é uma noite de diversão e não de ficar com essas caras de enterro.

Eu sabia, lá no fundo, que Benny tinha razão, mas este não era o momento para discutir isso.

VIOLETTA PETROV

O caminho para o bar foi estranho e incômodo, mas a todo momento sentia o olhar de Andrey em mim; eu sei que era o dele, pois sempre sinto a mesma coisa quando seu olhar cai em cima de mim. Minha barriga parece que gela, meu corpo se arrepia e um rubor surge em minha bochechas.

Devo admitir que ele está bem bonito hoje, pela primeira vez não usa terno e gravata. Veste uma blusa de mangas, calça jeans e tênis, agora sim dá para ver suas tatuagens. Andrey as tem em seus dois braços e isso é bem sexy, mas a cara de homem sério sempre prevalece; as palavras da mãe dele me vem à mente quando penso nisso.

“... o que aconteceu com meu filho foi algo bem grave e doloroso demais para suportar. Isso foi um dos maiores motivos para ele ter se tornado um segurança e ter aberto uma agência especializada nisso”.

O que será de tão grave que pode ter acontecido para ele se tornar assim? Será que perdeu alguém que amava? Ou não conseguiu proteger alguém que gostava muito? São tantas perguntas e, quanto mais penso, mais dúvidas surgem em minha cabeça.

Outra coisa que notei foi o silêncio de Marley, ele não fala nem comigo nem com Andrey e isso está ótimo, mas sei que a todo momento me olha. Eu ainda fico me perguntando o que eu tinha na cabeça quando me envolvi com esse escroto de merda, mas logo me lembro que, no começo, ele não era assim; Marley era como muitas mulheres sonhavam, tudo uma grande mentira.

Ao chegarmos no bar não parece ser simples, na verdade está mais para boate, grande e com seguranças na entrada. A cidade é pequena e acho que deve ser noite de inauguração, já que vejo um monte de gente entrando sem parar. Mal entramos e Benny já me puxa para a pista de dança. Andrey olha e tenta impedir, mas já é

tarde demais, fomos bem para o meio de todos e logo ela começa a dançar.

— Se solta, vamos extravasar essa noite — grita por cima da música alta.

A música era *Ri dei tde* Regard. Era dançante e as letras bem explícitas. Começo a dançar; no começo fico um pouco acanhada, mas logo me solto e já estou rebolando feito uma louca.

É hoje que me acabo.

ANDREY NIKOLAI

Era difícil não olhar, ainda mais quando ela rebolava e seu vestido subia um pouco, Benny a acompanha e, de uma certa forma, ambas viram o centro das atenções dos homens. Não os culpo, elas são lindas.

— Parece que as meninas estão realmente arrasando — diz Lisa bebendo um gole de cerveja.

Seus olhos se encontram com os meus, e em um movimento tão sensual, dança lançando olhares para mim e murmura algumas partes da música; por um momento paro para prestar atenção na letra e logo me surpreendo.

Apr ovei t e, est amos sozi nhos
Apr ovei t e, apenas per ca o cont rol e
Apr ovei t e, apr ovei t e, venha t ocar mi nha al r
Apr ovei t e, apr ovei t e, dei xe-me sent i r voc
Apr ovei t e, apague as l uzes
Apr ovei t e, da cabeça aos pés
Apr ovei t e, apr ovei t e, t oque mi nha al ma
Apr ovei t e, apr ovei t e, dei xe-me sent i r voc

Tantas músicas para tocar e tinha que ser justamente essa? Ela rebola ainda mais e aquilo faz algo entre minhas pernas acordar. Nunca tinha acontecido algo assim, ficar dessa forma porque estou vendo uma mulher dançar sensualmente. Seu vestido sobe ainda mais e vejo mais de suas belas pernas.

— Eduard, perdi a aposta, me passa a grana. — Olho para os dois sem acreditar nisso.

— Bom, contra fatos não há argumentos, está babando olhando para ela, então não é gay. — Entrega cem dólares para Eduard, que sorri contente. — Vamos querida, mostra quem são os donos da pista de dança. — Ele puxa Lisa, que vai de bom grado, sorrindo.

Em um outro canto, vejo Anne conversando com um cara, Marvin também faz o mesmo que Eduard e leva sua mulher para a pista de dança. Sozinho, aproveito e me sento em uma cadeira do bar e fico somente observando tudo a minha volta.

Que grande mentira.

Sim, Andrey Nikolai, você a está secando sem pudor algum e não consegue ao menos disfarçar. Como um ímã, ela para de dançar e vem até mim, com todo seu charme e beleza, não há um que não olhe e seria impossível não olhar; Violetta é uma mulher lindíssima e o pior de tudo é que ela nem se esforça tanto para ser.

— Uma cerveja — pede ao bartender.

— Não exagere — digo alto para que ouça.

— Não sou menor de idade e muito menos adolescente, então bebo o quanto eu quiser.

— Vai querer agir assim mesmo?

— Foi você que começou quando disse aquilo, Andrey, eu confiei em você. — Solto uma respiração pesada.

— Eu sei, admito que errei, e quero pedir que me perdoe por isso, fui um idiota ao dizer aquilo, ainda mais na frente da minha

família. — Ela me encara surpresa.

— Nossa, você admitindo que está errado parece ser algo que não é acostumado a fazer.

— Olha, já pedi desculpas, se não quiser aceitar, o problema é seu. — Ela ri.

— Como você é grosso, acabou de me pedir perdão e agora está sendo um grosseiro. — Violetta começa a caminhar em direção à saída e eu a sigo. Ela está reclamando enquanto caminha e acho até engraçada a cena, outra coisa que notei foi a bunda dela, que parece ainda maior nesse vestido.

André, seja a prudente.

Ao chegarmos na parte de fora da boate, ela continua a andar.

— Aonde pensa que vai?

— Andar um pouco — diz sem me olhar.

— Você nem ao menos conhece a cidade, não pode andar por aí assim. — Ela para e se vira para me olhar.

— Por quê? Vão me sequestrar?

— Não seja infantil, garota, não tem razão para você sair andando feito uma louca sem rumo por uma cidade que não conhece; não sabe nem chegar na fazenda.

— Quem sabe eu acabe voltando para casa. Ficar perto de você está me enjoando e me deixando estressada.

— Que pena, mas vai ter que ficar aqui, comigo. — Ela me ignora e continua a andar. Sem paciência para aturar suas crises de infantilidade, paro na sua frente, a pego pelas pernas e a jogo em meus ombros.

Ela grita, me xinga e bate em minhas costas.

— Eu te odeio, você é a pior pessoa que pode existir, não confia em mim e não posso confiar em alguém que na primeira discussão quer contar um segredo que confiei em contar. Eu te odeio com todas as minhas forças. — Não aguentando mais, entro em um beco escuro e a coloco no chão.

Mesmo estando um pouco escuro, posso ver que ela ficou surpresa.

— O que...

— Você me odeia? Será? — Violetta caminha para trás e acaba contra a parede, me aproximo mais dela, sua respiração fraqueja e ela mantém seus olhos nos meus.

— Sim — afirma sem muita certeza.

— Tem certeza? — sussurro bem perto do seu ouvido. Ela me olha completamente hipnotizada e eu não estou muito atrás. Essa mulher desperta desejos em mim que se eu contasse, seria tachado como louco.

Eu sei que não deveria ir por esse caminho, mas nesse momento, estou querendo tacar o famoso foda-se e não ligar para as consequências. O ápice para mim é quando ela morde os lábios; não tem como resistir e, sem me importar com o que pode acontecer, meus lábios tocam os seus e puta merda! Que macios.

O beijo é lento, com delicadeza. Minha língua pede passagem para entrar em sua boca e ela deixa sem pensar duas vezes. O beijo se intensifica, ficando mais quente e gostoso, a puxo da parede e coloco uma mão em sua nuca e a outra em seus quadris. O encaixe é tão perfeito que não quero sair dele nunca mais. Deus! Como aquela boca é gostosa.

Seus braços se enroscam em meu pescoço. Minha mão desce para sua deliciosa bunda, minha ereção fica ainda mais evidente e sei que ela deve estar sentindo. Em um movimento rápido, puxo suas pernas para cima e com seu impulso, ela está em meu colo, suas pernas em cada lado do meu quadril; sem parar o beijo, me

viro e encosto na parede. Minha boca desce por seu pescoço e fico com mais tesão quando geme.

At é o gemitos dessa mulher é gostoso.

— Andrey. — Caralho, que delícia, como essa mulher é demais.

Quando o beijo para, coloco meu rosto em seu pescoço e ficamos quietos, somente ouvindo o barulho de nossas respirações entrecortadas. Devagar, a coloco no chão novamente, suas mãos param em meu peitoral e com rubor em suas bochechas, ela me olha.

— Isso não pode se repetir novamente — murmuro.

— Então, podemos fazer essa noite se estender ainda mais e depois fingir que isso nunca aconteceu. — Balanço a cabeça concordando e novamente seus lábios estavam nos meus.

Eu sabia que isso ia ser impossível de esquecer.

CAPÍTULO SETE



VIOLETTA PETROV

Andrey dirige com atenção, mas quando percebe que está sendo observado, me olha rapidamente. Ele abre um sorriso tão lindo que quase derreto, eu nunca o vi sorrir assim, é um avanço e tanto.

*Querida, ele está te levando. Deus sabe onde para e onde
loucamente, então como ele não ia sorrir?*

— Violetta, ainda estou pensando no que vamos fazer — murmura.

— Já desistiu?

— Claro que não, só que isso pode estragar tudo que construí até aqui, se seu pai...

— De mim ele nunca vai saber, sei ser discreta e isso pode ser o nosso segredo. E sou adulta o suficiente para saber que não passa de sexo. — Ele não diz mais nada, continuamos por mais cinco minutos na estrada até que o carro entra em uma outra estrada entre árvores.

— Para onde estamos indo?

— Confia em mim?

— Não deveria, mas confio. — Andrey sorri.

O carro para perto das árvores, ele sai e eu faço o mesmo. Fico boquiaberta quando olho para o céu, a lua está grande e brilhante, nunca tinha visto tantas estrelas assim. A nossa frente a uma espécie de jardim imenso coberto por flores, acho que de várias cores. Mesmo à noite, posso ver isso devido à bela luz que as estrelas e a lua nos proporcionam.

— Isso aqui é lindo, como conhecia esse lugar se quase não vinha aqui? — pergunto já sabendo que ele mentiu para mim, mas não vou questionar ou algo do tipo, não quero estragar esse momento.

— Um dia prometo te explicar tudo, mas esse não é o momento, muito menos o local. — Ele me puxa para ficar na sua frente, suas mãos passeiam pelo meu corpo e, sem pressa, me beija.

Essa boca é tão gostosa! Sua língua dança dentro da minha boca quando dou passagem, elas se entrelaçam de forma uniforme; enroscos meus braços em seu pescoço e novamente, assim como no beco, ele pega as minhas pernas e me puxa para seu colo. Andrey se vira, e sinto minha bunda em cima do capô do carro.

— Você é tão linda — sussurra em meu ouvido, sinto todo meu corpo esquentar e uma excitação enorme se forma em minha vagina.

Enquanto sua boca trabalha em meu pescoço, suas mãos hábeis vão até a barra do meu vestido, e devagar, passeia com elas pelas minhas coxas e posso sentir perfeitamente quando sua mão roça em minha calcinha, o que me faz ansiar ainda mais por seu toque onde uma umidade bem grande começa a se formar.

Com a boca ele desce as alças finas do meu vestido, e com as mãos o abaixa o suficiente para ver meus seios. Posso ver seus olhos cor de mel brilharem de extremo e puro desejo; o toque de sua boca em minha pele tão sensível faz meu tesão aumentar ainda

mais, sua língua faz movimentos circulares e depois de cima para baixo em meus mamilos duros e sensíveis.

Um gemido baixo escapa de meus lábios e sinto o seu sorriso quando ele coloca meu mamilo em sua boca e suga com vontade. Quando ele começa a descer com sua boca pelo meu corpo, no automático eu me deito, minhas costas ficam no para-brisa da picafe e o resto em cima do capô, ele levanta mais meu vestido e quando sua respiração quente entra em contato com a minha boceta tão molhada, a vontade de gozar fica ainda maior, acho que no momento que ele por a boca nela, vou gozar alucinadamente.

— Posso sentir o seu cheiro, minha boca saliva só em ver como ela está molhadinha para mim. — É impressão minha ou a voz dele ficou ainda mais grossa e rouca? Senhor! Que delícia.

Posso sentir quando seus dedos grandes e grossos entram em contato com a minha calcinha, ele a coloca para o lado e antes que eu tenha o prazer de ser chupada por seus maravilhosos lábios carnudos, ele abre um sorriso safado e murmura.

— Você só vai gozar no meu pau. — Ai meu Deus, mal tenho tempo para raciocinar, sua boca já estava na minha boceta e...porra! Há quanto tempo que não transo? Acho que a última vez foi em Paris com um colega da faculdade, mas nada se compara com essa maravilhosa chupada que ele está me dando.

Sua boca suga meu clitóris com maestria, logo depois sua língua entra em ação, com um movimento gostoso de cima para baixo, mas minha perdição é quando Andrey faz círculos em meu clitóris; gemo bem alto, sem me importar se alguém possa estar ouvindo ou não. Me perco totalmente quando ele enfia sua língua na minha boceta e depois volta com a língua para o meu clitóris e, com os dedos, me fode bem gostoso.

Sinto todo meu corpo convulsionar, uma quentura enorme e uma vontade louca de gozar, mas parece que ele viu o que ia acontecer se continuasse com o seu trabalho tão bem feito e para, depois me encara com um sorriso enorme.

— Volte com a porra da sua boca aqui. — Passo meus dedos em meu ponto sensível. O infeliz ri com meu ato.

Andrey me puxa para baixo, me colocando de costas para ele; sem que diga nada me inclino, ficando de quatro e deixando toda a minha bunda exposta. Sinto suas mãos passearem por ela e me assusto quando elas se chocam com minha nádegas, bem forte, mas de uma forma extremamente gostosa. Escuto ele abrir seu zíper. Quase deixo minhas pernas fraquejarem quando sua boca se aproxima do meu ouvido e sussurra:

— Espero que nunca esqueça de como foi bem comida no meio da floresta. — Meu gemido aumenta e sai quase como um grito quando ele entra de uma vez só. Puta merda!

— Oh, Droga. — Eu vou acabar gozando logo. Como ele é grande e grosso. Porra!

— Essa...boceta é tão gostosa. — Andrey enrosca uma de suas mãos em meu cabelo e puxa, a sua outra ajuda com suas investidas dentro de mim; espalmo minhas mãos no carro e fecho meus olhos absorvendo a sensação de ser bem fodida em uma floresta. Jamais em toda a minha vida eu poderia imaginar que um dia eu estaria transando com Andrey Nikolai, o único homem que conseguia me fazer realmente intimidada ou com vergonha só por estar em sua presença. Quantas vezes eu já tive sonhos eróticos com esse homem e agora o tenho bem atrás de mim, me fazendo gemer igual uma louca de tanto tesão.

É, acho que tem muito mais por debaixo daquele terno.

Abro meus olhos lentamente para me acostumar com a luz forte que vem do lado de fora; quando consigo, percebo que estou deitada de lado, bem em frente à janela, que está aberta e deixando os raios solares entrarem no quarto.

Espera... Quarto?

Levanto no sobressalto, olho em volta e sim, eu estou na fazenda e em meu quarto, olho em baixo da coberta que me cobre e estou nua. No canto, perto da porta, meu vestido da noite passada está em cima da cadeira.

A n o i t e , d e p o i s d a b o a t e , s e r á q u e f o i u m s o n h o . . . d e

Jogo a coberta para o lado e me levanto para ir ao banheiro, mas paro ao sentir um leve incômodo entre minhas pernas ao caminhar, por alguns instantes fico pensando o que tinha acontecido para ter ficado assim, mas arregalo meus olhos ao constatar o motivo.

N ã o V o l e t t a , i s s o a c o n t e c e u m e s m o .

Abro um sorriso ao lembrar dos detalhes, mas ainda não entendo como vim parar aqui. Não me lembro do que aconteceu, a não ser que transamos várias vezes na noite passada. Será que acabei dormindo e ele me trouxe? Essa é única explicação lógica.

Vou ao banheiro, tomo um banho, escovo meus dentes e penteio meu cabelo o deixando preso em um rabo de cavalo, o dia hoje parece que vai ser bem quente. Opto por usar um shorts jeans e uma blusa bem fresca sem mangas, coloco chinelos, pego meu celular e saio do quarto.

Uau, já passa das dez horas, todos já devem ter tomado café, então não vou incomodar ninguém; desço as escadas e dou de cara com Benny.

— Ei bela adormecida, dormiu bem? — Tento disfarçar um sorriso malicioso.

— Estou bem, eu nem me lembro como cheguei aqui — minto.

— O Andrey que te trouxe; depois de deixar você aqui, ele foi nos buscar no bar.

— Hum, e onde ele está? — Tento fazer o máximo possível para que não soe interessada demais.

— Acho que está no escritório com meu tio.

— Ah, sim.

— Vou dar uma volta na cidade, quer vir comigo?

— Não, eu estou ainda cansada da noite de ontem, acho que vou comer algo e relaxar um pouco. — Ela dá um breve aceno para mim e vai em direção à porta.

Caminho em direção à cozinha e dou de cara um moça bem simpática, ela sorri quando me vê.

— Olá, a senhora Lorena avisou que podia sentir fome, já que não estava na mesa do café da manhã. — Ela caminha até uma bandeja e coloca bem na minha frente um prato com um pedaço de bolo, pães de queijo, uma pequena tigela com frutas picadas e um copo de suco.

— Uau, tudo está muito lindo, senhora....?

— Oh, desculpe minha falta de educação, me chamo Judith, sou responsável pela cozinha da fazenda. — Estende sua mão para mim e eu aceito de bom grado.

— Me chamo Violetta.

— Todos sabem quem é, afinal, quem não conhece a princesa dos diamantes Petrov? — Abro um sorriso sem graça. Esse foi um apelido bobo que a mídia colocou em mim há um tempo, mas não gosto muito dele.

— Pode me chamar de Vi, não sou muito chegada a esse apelido.

— Claro, me desculpe se fui indelicada.

— Não! De forma alguma, a senhora não teria como saber. — Vejo que a mulher ficou bem desconcertada.

— Bom, Vi, você quer mais alguma coisa? Esse suco é de pêssego, mas se quiser de outro sabor ou outra coisa para beber, é só me pedir.

— Não precisa se incomodar, está tudo ótimo, obrigada. — Ela abre a boca para falar mais alguma coisa, mas se cala quando Andrey entra.

— Olá Judith, pode nos dar licença? Preciso fala com a Violetta. — Essa voz é extremamente gostosa de se ouvir, ainda mais ao pé do ouvido.

Control e-sèpVet t a Pet r ov!

Sem dizer nada, a moça sai da cozinha e, quando estamos sozinhos, Andrey se aproxima, puxa uma cadeira e se senta ao meu lado.

— Pode continuar a comer — diz quando o encaro.

— Você não quer conversar comigo?

— Sim, mas não vou privá-la de comer antes, inclusive, acordou tarde. — Abro o sorriso mais cínico que tenho.

— Tive atividades extras na noite passada que me impediram de dormir cedo. — Ele tenta disfarçar um sorriso.

— Violetta, é sobre isso que vim conversar com você, sabe que a noite de ontem, ela...

— Eu sei, não precisa repetir, sou adulta o suficiente para separar as coisas. O que aconteceu ontem não vai mais se repetir. Ficará somente na minha memória.

— Tinha medo de você achar que...

— Andrey, sei das nossas circunstâncias, não colocaria sua carreira em risco por isso. Já disse, sou adulta e sei separar isso que tivemos, foi apenas sexo. — Lá no fundo, você sabe muito bem que aquilo não foi somente sexo puro, tinha mais coisa, não sei bem o que é, mas o melhor é esquecer.

— Não me arrependo, fui impulsivo e podia me foder por fazer algo que vai contra as políticas da minha agência, mas foi mais forte

que eu. — Ele me olha de cima a baixo. Para provocar, me viro toda para ele e cruço minhas pernas.

— Acho que você fodeu outra coisa. — Mordo meus lábios.

— Violetta...

— Eu sei querido, mas você não disse nada que não podia haver... — Me inclino perto do seu ouvido e sussurro. — Provocações. — Quando me afasto nossos rostos ficam bem perto um do outro, seus olhos devoram a minha boca com fervor. É óbvio que ainda havia muita tensão sexual entre nós, e isso torna tudo ainda mais interessante.

— Um jogo de provocações? Não é bem meu forte, mas devo admitir, sua boceta é maravilhosa. — Nunca imaginei o quão sujo ele podia ser, e estou amando.

— Vou comer no quarto. — Não digo mais nada, pego a minha bandeja e saio rebolando da cozinha, de longe posso ouvir ele soltar um xingamento.

Abro um sorriso de satisfação.

CAPÍTULO OITO



VIOLETTA PETROV

DOIS DIAS DEPOIS

O sol está radiante no céu, todos da família estão aqui no lago se banhando ou só curtindo o momento. Já eu estou feito uma boba olhando Andrey só de bermuda, todo molhado, conversando com seus primos perto de uma árvore. Quando ele leva as mãos até o cabelo todo molhado e joga para trás eu quase desmaio, e as tatuagens em seu corpo deixa tudo mais apetitoso.

E pensar que faz dois dias que ele nem sequer dirige o olhar a mim, no máximo me cumprimenta, mas sem olhar em meus olhos. Sei o que combinamos, que seria somente uma noite em que nos deixaríamos levar pelo desejo e tesão, mas é impossível olhar para ele e não lembrar da delícia que Andrey é no sexo; esse homem é um verdadeiro Deus nesse quesito.

Nos anos em que morei em Paris fiz de tudo que desejei, conheci gente nova, curti as baladas, as casas noturnas, as de swing, BDSM, tudo, e nesses lugares encontrei diversos homens e tenho que admitir, nenhum chega aos pés do que Andrey Nikolai pode fazer e acho que pode se superar ainda mais.

Infelizmente, em um destes lugares encontrei Marley. Como me arrependo de algum dia ter me envolvido com esse crápula... Eu tenho pena dessa família, que nem imagina do que ele é capaz de fazer para conseguir o que quer. Infelizmente não posso nem sonhar em abrir a boca e falar nada, ele me tem em suas mãos.

Sua burra! Como dei xou-se l evar por bel as pal avr a

— Ei, está tudo bem? Parece perdida em pensamentos. — A voz de Benny me faz sair de meus devaneios.

— Coisas bobas. — Tento disfarçar.

— Sabe, nunca vi meu primo assim animado — diz, se referindo a Andrey. Olho para ele e pela primeira vez, desde que o conheci, o vi sorrir e gargalhar. Aquilo me deixou hipnotizada, me perdi na luz linda que a alegria em seu rosto transmitiu e por alguns segundos me peguei sorrindo também.

— Acho que devo dizer o mesmo — murmuro.

— Isso se deve a uma boa noite que ele teve, *né?* — questiona me fazendo a olhar, surpresa.

— Como assim?

— Quando eu estava chegando da boate o pessoal foi à cozinha comer algo e eu fui até seu quarto para saber se você estava bem, já que Andrey mandou uma mensagem avisando que você estava indisposta e teve que te levar em casa. Quando cheguei, vi a porta do seu quarto entreaberta e ao dar uma espiada, eu vi ele deitado com você, te abraçando, e você estava deitada com a cabeça no peito dele. Fiquei surpresa pelo que vi; a única coisa que fiz foi fechar a porta para ninguém passar ali e ver, já que pelo visto, parece ser algo que não querem que saibam. — Olho abismada para ela, tento pensar em algum argumento, mas nada me vem à mente a não ser admitir.

— Ele me levou a um lugar especial para ele e foi algo muito bom o que tivemos ali. — Benny arregala os olhos.

— Andrey te levou no bosque? — O espanto em sua voz é nítido.

— Sim, por quê?

— Eu nunca imaginei que algum dia ele levaria alguém lá além da... — Ela se cala quando percebe o que ia dizer.

— Benny, termine, por favor, parece que todos querem me dizer algo, mas têm medo.

— Violetta, todos prometemos que nunca falaríamos sobre isso; até Marley, que é um insuportável, não toca nesse assunto.

— Mas por que isso é proibido?

— Porque envolve muita dor e sofrimento, muita amargura e ódio, principalmente para meu primo. Mas essas coisas somente ele pode te contar, e acredite, não acho que esteja tão longe de saber.

— Por que diz isso?

— Porque você foi a primeira pessoa que ele levou ao refúgio dele, onde ele se sente em paz.

Posso ver uma tristeza nos olhos de Benny e isso me faz questionar o quão doloroso deve ter sido o que Andrey passou para afetar toda a família desta forma.

Estava lendo um livro quando ouço batidas na minha porta; ao permitir a entrada, Andrey entra vestido de forma bem diferente, com bermuda jeans, blusa vinho com mangas curtas e chinelos, seu cabelo está solto, algo difícil de se ver.

— Oi.

— Vim saber se precisa de algo. — Ele não dirige o olhar para mim e sua frase soou seca e sem vontade.

Por alguns instantes achei que Andrey ia entrar aqui e... Ah, como você ainda continua inocente.

— Não, eu estou bem. Obrigada. — Tento me fazer de indiferente.

— Ok então... Boa noite. — Sem me olhar, ele se vira e sai do meu quarto. Coloco meu livro em cima da cama e solto uma respiração pesada.

Por que sinto que me entregar a ele foi um erro terrível?

ANDREY NIKOLAI

Bebo mais um pouco de uísque enquanto olho fixamente para o quadro no canto da sala de visitas, lembro bem o dia em que ela o pintou. Melinda me disse que era assim que ela via o mundo, colorido e feliz. A alegria que senti ao receber um presente tão especial dela foi uma das coisas que nunca esqueci, mas olhar para ele também me lembra da merda que foi meus últimos anos.

— Perdido em pensamentos? — Olho para Benny, Lisa, Anne e Margot, que sentam perto de mim.

— Pensei que tinham jogado esse quadro fora — murmuro virando todo o líquido do copo na minha boca.

— Sua mãe não quis se livrar dele e nem nós, ele traz boas lembranças de Melinda. — Abro um sorriso sarcástico.

— Boas? Acho que vivemos em épocas diferentes então, Lisa.

— Lisa tem razão, e você sabe que ela não...

— Benny, já sei o que vai falar, mas não estou a fim de ouvir essas drogas toda, me deixa enjoado.

— Tão sensível, por isso não arrumou mais ninguém — diz Margot.

— Arrumar ele arrumou, *né*, só que age como um babaca às vezes com ela. — Olho confuso para Anne.

— Como assim?

— Estamos falando da Violetta. Além de linda e inteligente, ela é o tipo de mulher que agrada a qualquer um que a conhece, e o melhor de tudo, parece ter uma quedinha por você.

— Acho que vocês beberam ou comeram algo que não caiu bem. — Quedinha por mim? Pelo que eu saiba era só sexo, não?

— Típico dos homens fugirem de assuntos do coração, até porque você também tem uma quedinha por ela. — Começo a rir das besteiras de Margot.

— Eu vou ver meu marido e meus filhos, porque falar disso com ele é como falar com a parede. — Lisa se levanta e Margot diz que vai fazer o mesmo e a acompanha.

— Eu vou dormir, é o melhor que faço. Boa noite pessoal — diz Anne se levantando.

— Deveria tratar ela melhor do que só um sexo. — Faço uma cara de desentendido.

— Não sei do que está falando, Benny.

— Eu vi você no quarto dela, fechei a porta para que ninguém visse assim como eu vi.

— Está uma ótima fofoqueira. — Me levanto.

— Levá-la para seu lugar especial foi bom, mas acho que só isso não é o suficiente, Andrey.

— Você não sabe de nada. — Começo a caminhar.

— Sei que você gosta dela e acha que não podem ficar juntos, do mesmo jeito que ela gosta de você, seu idiota. — Me viro para falar.

— Acho melhor parar de falar sem antes saber das coisas.

— Sei que preza mais seu trabalho do que seu coração, não me admira ter perdido Melinda. — A pego pelo braço.

— Nunca mais, entendeu? Nunca mais diga o nome dessa mulher aqui dentro desta casa, ela é uma morta e assim deve ser. — Ela sai do meu aperto bruscamente. — Os pais dela são poderosos o suficiente para não só destruir minha empresa, mas toda a minha vida e da minha família, por isso, nada disso deve sair daqui.

— Nossa família entenderia bem se fosse por algo tão puro e bom. — Solto uma alta risada.

— Não diga besteira, você gosta muito de viver em um mundo de faz de conta que esquece da porra do mundo real, prima! — Ela sorri.

— Eu não fujo do meu passado e não fujo do meu presente e do meu possível futuro; não sou você, primo. — Não digo nada, então ela prossegue. — Sua vida foi uma droga, foi doloroso e horrível o que passou, mas lá no fundo, você sabe que errou e errou feio nas suas escolhas e nas suas atitudes. Então, agora, seja adulto o suficiente e arque com as consequências, mas peço, por favor, que se não tem intenção de algo melhor para Violetta, deixe isso claro ou não faça mais a segurança pessoal dela.

— E por que te daria ouvidos?

— Porque se você não valorizar vai perder, e eu terei o prazer de ser essa pessoa que mostrará bem o que você perdeu, priminho. — Antes que eu diga algo ela sai andando sem me dar chances de argumentar.

Ah, isso é um saco.

CAPÍTULO NOVE



VIOLETTA PETROV

Hoje decidi montar, ainda bem que as aulas de montaria que tive vão servir para algo. Aspiro o ar gostoso do campo, sentindo o ar puro; isso é bem relaxante, ainda mais depois de uma noite mal dormida. Acho que a indiferença de Andrey ontem me atingiu de alguma forma; geralmente, eu rebato isso fazendo o mesmo ou fazendo algo bem provocativo, mas sinceramente, eu não estou me reconhecendo.

— Está tudo bem? — Por alguns minutos esqueci que o tio de Andrey estava ao meu lado com outro cavalo; como eu tinha dito na mesa do café da manhã que gostava disso, ele me chamou para montar, já que ninguém quis vir junto.

— Está sim, só estava vendo o quão diferente é a minha vida, comparada a isso tudo. — Me refiro à fazenda.

— E está gostando?

— Aqui é lindo, tranquilo e sem a agitação da cidade grande, parece perfeito.

— Seus olhos dizem algo bem diferente, parece que algo te atormenta. — Merda, não dá para esconder nada de ninguém desta casa.

— À svezes... Não gosto da vida que tenho, de ser filha de um homem muito importante.

— Por que isso seria tão ruim? Tem pessoas que morreriam para estar no seu lugar. — Sim, sempre escuto isso quando digo algo do tipo.

— Mas ninguém sabe como realmente é por trás disso. Meus pais são maravilhosos e os amo muito, mas isso não significa que eles também sejam assim com as outras pessoas, bom, as que não tem um sobrenome de peso.

— Andrey chegou a comentar conosco, mas foi bem vago com isso. — Me encara por alguns segundos. — E isso te afeta muito?

— Eu nunca tive amigos, todos que conhecia pareciam que passavam por alguma lavagem cerebral e, ainda crianças, se mostravam escrotos e esnobes. Eu nunca me encaixei em nada disso, então preferi me manter sozinha.

— Isso é bem ruim, nunca contou a seus pais como se sentia?

— Não, eles não me dariam ouvidos, ou até seria capaz de me odiarem por isso, por querer ser... diferente. — Ele solta uma risada.

— Benny, quando nos contou sobre sua sexualidade, foi um pouco chocante no começo; eu e minha esposa ficamos sem saber o que fazer, mas eu demorei um pouco mais a aceitar, quer dizer... Sempre a tratei como a princesa do papai, a menina que um dia me daria o orgulho de vê-la casada com um bom homem, que a amasse e me desse netos, mas sabe, eu percebi algo que me fez ver essa situação com outros olhos.

— Como assim?

— Eu percebi que a amo acima de tudo e o que me importa é que a minha menina, minha princesa, seja feliz com a sua escolha e que eu a ajude a enfrentar cada obstáculo que surja porque, infelizmente, o preconceito existe, e por causa dele muitas pessoas acabam sendo machucadas ou até mesmo mortas. — Abaixo o olhar com tristeza por perceber duas coisas.

Sim, ele está certo, o preconceito ainda é algo muito comum no mundo e isso pode ferir pessoas gravemente, então Benny tem muito o que enfrentar. E a segunda coisa é que eu nunca teria o apoio dos meus pais para algo que eu quisesse fazer ou ser, porque tem que ser sempre do jeito deles, isso inclui Andrey. Se algum dia minha família sonhar com meu envolvimento com ele, eu não sei do que seriam capazes, e isso eu não posso permitir.

— Ei, já souberam do concurso de beleza da cidade? — Benny entra animada na sala de estar, onde só estão as mulheres da casa. Os homens saíram para beber em um bar próximo.

— Como funciona? — pergunto curiosa.

— Ele é em uma semana, eu fiquei sabendo hoje na cidade.

— Mas tão rápido? — questiona Anne.

— Já foi anunciado há dois meses, mas parece que as notícias demoram demais a correr nessa cidade.

— Violetta devia participar, você ganharia com certeza — profere Margot.

— Acho melhor não. Não sou da cidade e muito menos tenho beleza para disputar algo assim. — Todas me olham, incrédulas.

— O quê? Eu vou bater em você até perceber que é linda. Ganharia de lavada — diz Lisa.

— Eu não acho que conseguiria ficar bem na frente de um monte de gente. Fazer isso em festas é uma coisa, porque não são todos

te olhando, mas ficar em cima de um palco sendo o centro das atenções... Não sei...

— Deveria participar, assim mostraria ao Andrey o que ele está perdendo. — Arregalo meus olhos na mesma hora em que a mãe de Benny fala isso.

— Não faça essa cara, todo mundo já percebeu o que está acontecendo entre vocês dois — complementa a mãe de Andrey.

— Não dá para esconder nada de vocês mesmo. — Abro um sorriso sem graça.

— Por que vocês não ficam juntos se, pelo que já percebemos, se gostam? — Boa pergunta, Margot.

— Minha família jamais permitirá algo assim, ainda mais da herdeira do império Petrov.

— Mas quando se gosta, certas coisas não importam.

— Lorena, é um pouco mais complicado. Seu filho trabalha há anos para a minha família e confiam de olhos fechados nele, tanto que deram a minha vida nas mãos dele; ele me viu ainda adolescente. Para meus pais é como se ele fosse um irmão mais velho para mim. Aos olhos deles, não só seria uma traição da parte dele, mas também seria algo proibido.

— Proibido? Por quê?

— Porque eles jamais permitiriam que eu ficasse com alguém com um nível social inferior ao meu. Andrey tem uma empresa e um bom sobrenome, mas não vai ser o suficiente para eles. Eles sempre foram pais incríveis comigo e bem atenciosos, mas nunca me deixaram ter um amigo com menos condições que eu, por isso cresci sozinha e sem ninguém. As amizades que desenvolvi com os empregados eram escondidas por já ter situações de demitirem pessoas somente por isso. Imagine o que seriam capazes de fazer se soubessem que eu e Andrey tivemos algo ou ainda temos! Eles poderiam destruir a vida dele e a empresa que construiu com

dedicação e esforço, e isso eu jamais vou permitir — digo com uma certa tristeza.

— Acha mesmo que eles seriam capazes de...

— Sim, Emma, se não quer ver seu sobrinho arruinado, é melhor deixar as coisas como estão.

— Isso é muito errado, me desculpe, mas seus pais são uns preconceituosos. No coração de ninguém se manda. — Anne diz e todos concordam, menos a mãe de Anne, Tina.

— Não acho que está errado, o que Violetta está fazendo é o certo. — Todos a olham, incrédulas.

— Tina, mas é da felicidade deles que...

— Lorena, vamos deixar o sentimentalismo um pouco de lado e sermos racionais. Andrey já passou por coisas horríveis e encontrou um meio de se reerguer na empresa que construiu com muita dedicação e esforço, imagina como ia ser para ele perder isso tudo? Ele voltaria a ser aquele homem amargurado e sem rumo. Amo meus sobrinhos e só quero o bem deles.

— Mas mãe, talvez tendo Violetta as coisas possam mudar. — Tina ri das palavras de Anne.

— Filha, por favor, homem é orgulhoso demais. Ele ia perder seu sustento e como ia sustentar Violetta e seus luxos? Ia ser sustentado por ela? Isso o faria se sentir um lixo e inútil, fora que ela ainda corre o risco de ser deserdada, devido às circunstâncias dos fatos.

— Por mais ruim que seja ter que ouvir isso, ela tem razão. Eu não sei bem o que Andrey passou, mas não quero que ele fique mal e perca tudo por minha culpa. — Tina se aproxima e coloca sua mão em minhas costas.

— Faz o certo, querida, eu sei que é bem duro de se ouvir isso, mas é a verdade. Diferente delas, eu vejo todas as possibilidades,

não só as boas. Seria muito bom ver vocês juntos, mas não quero ver meu sobrinho como estava alguns anos atrás. — Todas ficaram quietas, sem saber como argumentar, pois ela tem razão.

— Mas isso não impede de vocês terem algo enquanto estão longe — murmura Benny, chamando nossa atenção.

— Como assim? — questiono.

— Aqui na fazenda vocês podem ficar à vontade e sem medo de ninguém ver ou saber. Ao menos, já que não vão ficar juntos, aproveitem o tempo que estão aqui e sejam felizes, nem que seja por alguns dias.

— Mas isso pode ser doloroso depois para os dois, não concordo.

— Tina, deixa de ser chata por um momento, não custa tentar. — No momento em que Emma diz isso, a porta do hall é aberta e todos os homens da família entram. Quando vejo Andrey se aproximar, decido agir por impulso e, quando dou por mim, estou em seu colo com meus lábios colados nos dele.

— Violetta... — sussurra com a boca ainda na minha.

— Vamos aproveitar esse tempo, fazendo o que tanto almejamos. — Por alguns segundos ele me encara confuso, olha para trás e percebe que somos o centro das atenções.

— Ao menos vão para um quarto, porra! — exclama Eduard e todos riem.

— Como eu senti falta desses lábios — fala no meu ouvido.

— Eu também, meu Andrey.

CAPÍTULO DEZ



VIOLETTA PETROV

Aos beijos, subimos para o meu quarto. Andrey, em nenhum momento, me tirou de seu colo; senti perfeitamente seu pau roçar em mim quando ele senta na cama comigo no colo. Suas mãos passeiam por todo meu corpo enquanto mantém seus lábios nos meus, ele parece faminto, devora minha boca com fervor e intensidade que posso sentir meu shorts molhar, isso porque minha calcinha já foi pro cacete, de tão molhada que estou.

— Como senti falta desse toque, de tudo, nossa, como você é maravilhosa — sussurra cada palavra em meu ouvido e sinto os pelos da nuca se arrepiarem, o que me faz perder completamente o autocontrole, sair de cima dele, tirar meu shorts junto com a calcinha e a blusa. Ele me olha fascinado e não pisca por um momento.

— Quero provar dessa coisa que está roçando em mim desde que subi em seu colo. — Com isso, me ajoelho bem na sua frente, abro seu zíper e, quando abaixo sua calça junto com a cueca, seu pau salta para fora, duro feito pedra. Posso ver a glândula bem molhada, isso me faz salivar.

— Violetta, eu quero... — Ele para de falar quando sente a minha língua passar pela cabeça do seu pau. Ao olhar para cima, posso vê-lo morder os lábios e revirar os olhos.

Ô delícia!

Cubro metade do seu pau com a minha boca, aperto os lábios e sugo com vontade, depois começo a subir e descer com a boca, sem parar. Posso sentir o membro dele pulsar em minha boca; quanto mais ele geme, mais eu chupo com vontade. Andrey leva uma de suas mãos até meu cabelo, enrosca e acompanha meus movimentos de subir e descer com a boca em seu pau, faço tudo isso olhando para ele.

— Baby... Eu vou gozar — continuo sem parar, quero sentir seu jato quente em minha boca, sentir escorrer pela minha garganta. Quando ele vai gozar, Andrey tenta tirar minha cabeça dali, mas me mantenho firme, o avisando que quero aquilo, e então ele se libera. Sinto o líquido quente ir todo na minha boca e o pau dele soltar tudo.

Porra!

Mal tenho tempo de raciocinar, Andrey me pega do chão e me joga de costas na cama.

— Empina esse rabo gostoso para mim. — Senhor! Que homem quente!

Sem questionar faço, ele se agacha e logo sinto sua boca beijar minhas nádegas, seus lábios passarem pela entrada do meu ânus e logo chegar onde parecia uma cachoeira. Sua língua entra em contato com meu clitóris e sinto minhas pernas fraquejarem por um momento.

— Eu vou comer tanto você, que não vai conseguir se levantar da cama. — No momento em que olho para trás, sinto seu pau entrar de uma vez na minha boceta, fazendo-me soltar um gemido bem alto; ele segura em meu cabelo, enrosca uma de suas mãos e puxa e a outra ele mantém em minha cintura, com força e rapidez ele me fode. Eu sei que depois vou ficar com uma puta vergonha, mas nesse momento, só quero esquecer disso e gemer feito uma louca, gritando por mais.

— Mais forte, me fode gostoso!

— Seu pedido é uma ordem.

Acordo sentindo um corpo me abraçar bem forte e abro um sorriso enorme quando vejo de quem se trata.

— Já acordada? Está cedo — sussurra em meu ouvido.

— Eu nem lembro em que momento peguei no sono.

— Então o sexo foi maravilhoso. — Sinto ele apertar seu braço em minha cintura, me puxando para mais perto.

— Sei que esse não é o melhor momento para falar disso, mas o que vamos fazer quando voltar para a Rússia? — Posso sentir sua postura mudar, então resolvo virar para olhá-lo.

— Sinceramente eu não sei, estando aqui não tem risco dos seus pais saberem, mas voltando ao país, as coisas se tornam perigosas.

— Então acha melhor que, quando voltarmos à cidade... — Ele me interrompe, beijando meus lábios.

— Jamais faria isso, até porque não conseguiria olhar para você e não te tocar.

— Vamos nos ver às escondidas? Isso seria bem excitante.
— Andrey sorri.

— Excitante é esse seu corpo, puta que pariu, é quase impossível desgrudar dele. — E me beija, me fazendo sorrir feito uma boba.

— Andrey, e o Marley? Meus pais, quando foram a Paris, o conheceram. E se ele contar algo a eles?

— Deixe-o comigo, vou garantir que ele não abra a boca. — Por alguns segundos ele fica quieto, mas parece lembrar de algo. — De onde vocês se conhecem? — Meu sorriso some.

— Andrey...

— Acho que, para que isso funcione, precisamos confiar um no outro.

— Então você contaria também sobre seu passado? — Ele respira fundo.

— Sim, seria um babaca se negasse isso.

— Ok. Conheci ele na minha primeira semana em Paris, não tinha muitos amigos, ele estava no último período da faculdade e eu estava começando. Graças a ele conheci pessoas lá e por algum tempo não me sentia mais sozinha. Meses depois, começamos a ter um relacionamento; no início era a coisa mais linda do mundo, ele era carinhoso e sempre me agradava em tudo, me tornei o tipo de mulher que sou hoje graças a ele. Marley tirou a menina tímida e acanhada e transformou em uma mulher respeitada e desejada na faculdade. Logo ele se formou e eu continuei lá, ele começou um negócio próprio e por muito tempo eu não soube o que fazia exatamente. Em um coquetel com sócios ele me convidou para ser sua acompanhante, lá conheci um pessoal um pouco estranho, mas todos ricos e influentes, até famosos haviam lá. Em uma sala separada, eu via um entra e sai de homens e até gritos eu ouvia, por curiosidade fui lá e aquela imagem nunca saiu da minha mente.

— O que você viu?

— Todas as mulheres estavam drogadas e até inconscientes, homens estavam abusando delas e algumas transavam de forma frenética com vários homens. Aquilo foi algo horrível de se ver; corri para o mais longe e quando um garçom veio me oferecer algo para beber, para me ajudar a esquecer o que vi ali, tomei uma taça de champanhe.

— Marley é um infeliz! Olha o tipo de gente que ele está metido, meus tios precisam saber disso. — Andrey se levanta com rapidez da cama, mas entro na sua frente, o impedindo.

— Por favor, não faça isso. — Quase choro.

— Violetta, o que ele está fazendo é crime, está compactuando com pessoas que...

— Você não pode falar nada sobre isso, por favor.

— Por que não?

— O champanhe que bebi estava batizado; quando acordei no dia seguinte, Marley me mostrou uma sequência de vídeos e fotos minhas. — Sinto uma dor imensa só de lembrar disso.

— Como assim? Que tipo de vídeos e fotos?

— Eu não sei que droga é essa que colocaram na bebida, mas nos vídeos e fotos eu apareço com vários homens, fazendo coisas que se um dia caíssem nas mãos dos meus pais, ou pior, da mídia, eu seria crucificada. E não é só isso, também tem imagens minhas me drogando.

— Ele... Violetta, eu vou matar esse filho da puta! — Novamente o impeço de sair.

— Não! Andrey, não faça isso, ele vai me expor, vai ferrar com a minha vida. Meus pais vão me odiar para o resto da vida e eu nunca vou poder andar na rua sem ser julgada ou vista com maus olhos.

— E você vai deixar isso impune? Violetta, esse infeliz é um criminoso, ele te dopou e você foi praticamente abusada por... — Ele não consegue terminar de falar.

— Não é só isso.

— O quê? Tem mais?

— Depois do que aconteceu naquela noite, eu comecei a ter enjoos e tonturas, no hospital descobri que estava grávida e sabe a pior parte disso tudo? Eu não sabia qual daqueles infelizes era o pai do meu filho. — Andrey parece que levou um baque tão forte que caiu sentado no sofá.

— Violetta... — Ele mal consegue falar.

— Eu tranquei a faculdade até o nascimento da criança, e quando nasceu, eu não conseguia olhar no rosto daquele bebê. Tudo que passava na minha cabeça é: que resposta eu vou dar a esse menino quando ele perguntar quem é o pai dele? O quão rejeitado ele vai ser pelos meus pais, o quanto esse ser inocente vai sofrer? Então, com a ajuda de uma enfermeira do hospital, eu deixei meu filho aos cuidados de uma família na Rússia que não podia ter filhos. Nunca falei para Marley o que aconteceu com o bebê, ele não sabe nem se está vivo ou morto, só eu sei onde está, por isso iniciei um estágio, porque com o trabalho juntei dinheiro para meu apartamento e, com o que meus pais mandavam, eu me mantinha e ainda dava para mandar algo para ajudar na criação do meu filho.

— Espera, o apartamento... A criança mora no mesmo prédio?
— Sinto as inúmeras lágrimas descenderem dos meus olhos e eu só balanço a cabeça, confirmando.

— Eu sou uma pessoa horrível. Uma mãe de merda que nem criar seu filho pode porque não consegue enfrentar o fato dele ter sido fruto de algo tão sujo e baixo. — Abro meus olhos ao sentir braços me rodeando.

— Agora você tem a mim e sempre estarei aqui por você.

CAPÍTULO ONZE



ANDREY NIKOLAI

Olho para Violetta, que chora em meus braços feito criança. Eu ainda estou surpreso com tudo que ela me falou, parece surreal. Nunca imaginei que algo do tipo tivesse acontecido a ela e muito menos que teve um filho no meio disso tudo. E ainda tem Marley nesse meio todo. Eu devia matá-lo com as minhas próprias mãos, mas se eu fizer algo, a vida dela seria arruinada.

— Sinceramente, eu não sei o que fazer nesta situação. Marley tem que ir para a cadeia pelo que fez a você. — Ela levanta seu rosto e quase a puxo para outro abraço ao ver as lágrimas escorrerem de seus olhos.

— Marley é muito pior do que imagina; se fizer isso, ele pode acabar com você também.

— Mas, Violetta é o certo a se fazer, ele te dopou, deixou pessoas fazerem coisas horríveis com você e disso ainda nasceu uma criança que não tem culpa de nada. Como quer que eu fique quieto? Ele deve fazer isso com outras, pensa em quantas mulheres devem ter passado ou passam pela mesma situação que você. — Violetta ri.

— Infelizmente vivemos em uma sociedade onde a vítima é sempre culpada. Acha que nunca passou pela minha cabeça denunciá-lo e a todos aqueles monstros? Até pensei em usar meu sobrenome, a influência que ele tem para que isso aconteça, mas meus pais podem ficar contra mim, achando que tudo que fiz foi porque eu quis. Eles veem Marley como um santo e um ótimo rapaz. Quando disse que não estava mais com ele meu pai ficou louco, disse que homem igual a ele eu não acharia. — Ela solta uma risada sarcástica. — Ele é um grande manipulador, consegue enganar todos com um simples olhar e palavras que parecem vir do fundo do seu coração. Marley é um grande filho da puta!

— Eu já sabia que ele nunca foi algo bom, mas chegar a esse ponto, jamais passou pela minha cabeça.

— Tem um monstro entre vocês, sujo e ardiloso. Minha outra preocupação é meu filho, imagina a merda que seria ele saber de tudo isso, ficar no meio dessa sujeira toda. Por isso escondo ele de Marley. Eu disse a ele que meu bebê havia morrido, mas na verdade eu só o escondi por esses anos.

— Não acha que Marley pode ser o ...

— Não, ele me garantiu que não fez nada comigo naquele dia e fazia uma semana que não tínhamos relações, e o tempo de gestação bate perfeitamente com esse maldito dia. — Ela me encara com os olhos cobertos por lágrimas. — Eu tive um filho fruto de um estupro, tem noção do quão ruim isso é? Meu menino, ele é tão inocente, Meu Deus!

— Saiba que vou estar aqui para o que precisar. — A puxo para meus braços, ela abre um sorriso triste.

— Obrigada por me ouvir.

— Eu que agradeço por dividir algo comigo. — Dou um beijo em seus lábios. — Agora acho que é minha vez. — A puxo para a cama comigo e deito com ela, ainda nus; Violetta se deita em cima do meu peito e me encara, esperando que comece a falar.

— Até dez anos atrás vivi aqui nesta fazenda, adorava o cheiro do campo pela manhã, andar a cavalo e a vida tranquila que aqui me transmitia. Quando eu tinha dezessete anos me formei no ensino médio, logo após decidi que queria seguir a carreira policial e queria continuar na cidade exercendo essa função. Lembro bem o quanto estudei e treinei para passar e me tornar braço direito do chefe de polícia do Mississippi aos vinte e dois anos. Passava a semana toda fora, trabalhando, e aos finais de semana voltava para a fazenda; meus pais viviam na Rússia e sempre que podiam também vinham para cá, lembro bem dos almoços em família, era a coisa mais feliz do mundo ver a alegria de todos à mesa, era algo maravilhoso. Em um dia de trabalho na delegacia acabei esbarrando com uma moça, era a coisa mais linda que tinha visto. Ela carregava uma sacola na mão e parecia envergonhada a cada olhar que lançava a ela; quando ia me apresentar, o chefe de polícia, Erwir, a chamou de filha. Fiquei surpreso ao saber que era sua filha, ele nunca falou muito sobre sua família, que só tinha ele e sua filha. Ela se chamava Melinda, uma mulher bela e que sempre chamava a atenção por onde passava.

— O que aconteceu com ela? — Fecho meus olhos lembrando daquele doloroso dia.

— Não demorou muito e logo começamos a sair, e o melhor de tudo é que o pai dela fazia bom gosto de nossa relação. Iniciamos um namoro e logo a pedi em casamento, foi algo sem igual. Todos da minha família a adoravam; lembro bem do meu aniversário, ela me deu um quadro, um que minha família fez questão de guardar e ainda deixar pendurado aqui na casa. Nossa vida era perfeita, mas meses antes do casamento, eu me afundei no trabalho com o objetivo de substituir o pai dela no comando da delegacia e Erwir apoiava bem a ideia. Ele já estava prestes a se aposentar e queria uma pessoa de sua confiança comandando tudo. Eu me sentia um homem de sorte, pois estava prestes a conseguir algo que almejava muito e ainda por cima tinha a mulher perfeita ao meu lado. Mas ao me afundar em trabalho, fui deixando coisas de lado, principalmente Melinda, e sempre quando chegava perto da data do casamento o mesmo tinha que ser adiado devido ao grande trabalho que eu

tinha. Isso foi deixando as coisas entre nós um pouco ruins, sempre brigávamos e quase não nos víamos. Um mês após o pai dela morrer em um acidente eu assumi o comando da delegacia, o que me sobrecarregou mais, e por culpa minha, não a apoiei quando mais precisava.

— Andrey...

— Aos vinte e cinco anos eu já tinha me casado e me tornado uma das pessoas mais respeitadas da cidade e do estado, sempre solucionava os casos e ainda solucionei alguns que estavam arquivados. Eu me sentia orgulhoso de mim mesmo, e ainda por cima, recebi a notícia de que seria pai, não poderia ter momento melhor na minha vida. Mas eu havia esquecido de um detalhe; meu casamento não estava sendo dos melhores. Sempre quando chegava em casa brigávamos, ela me chamava de negligente e que havia esquecido dela, eu sempre rebatia dizendo que não era verdade, mas no fundo sabia que estava certa. Passou meses e nosso casamento já estava por um fio, eu fui tão negligente que nem no nascimento do meu filho fui porque tinha trabalho acumulado. Quem a ajudou com o bebê foi minha mãe, que sempre brigava comigo por não ser um marido e um pai presente. Havia noites que eu nem dormia em casa e, em uma dessas noites, eu havia ligado e disse que não iria para casa, mas acabou que o que tinha para fazer resolvi no mesmo dia e deu para sair antes do esperado. — Fecho meus olhos e solto uma respiração pesada. — Ao chegar em casa e abrir a porta do meu quarto, vejo Melinda na cama com o seu amigo de infância. Naquele momento tive que me segurar para não atirar nos dois. Ela levantou da cama, completamente nua e disse as seguintes palavras.

“ —Andr eynão vou pedi que me perdoe por que seiqueo que fi nãofoicert, mas eu sópr ocur à r uao que meu mari doão me dava em casa.”

— Eu fiquei possesso e comecei a quebrar tudo, a xinguei de tantos nomes e praticamente joguei aquele merdinha para fora da minha casa. Disse coisas horríveis a ela e até cheguei a duvidar da

paternidade do meu filho. Ela se arrumou, pegou nosso filho e saiu da casa, eu fiquei lá, triste, puto, magoado e querendo matar alguém. Dias se passaram e eu não a procurei, ela veio até mim pedindo o divórcio e exigindo que eu agisse como um pai, já que não fui um bom marido. Eu quase bati nela e gritei dizendo que o menino não era meu, cheguei a pedir um teste de paternidade e ela aceitou, mas me disse que se o resultado fosse positivo, eu nunca mais veria meu filho, e assim mesmo insisti, cego pela raiva da traição. Antes do resultado sair, meu filho sofreu uma queda que o deixou em coma, mas infelizmente não durou muito, e no mesmo dia morreu.

— Eu sinto muito. — Ela beija uma das lágrimas que escorriam pelo meu rosto.

— O pior de tudo é que no dia que aconteceu a queda ela me ligou chorando, dizendo que nosso filho tinha sofrido uma queda e tudo que disse a Melinda foi que ligasse para o verdadeiro pai dele e não para mim. Eu fui tão filho da puta que fiz questão de ir ao laboratório buscar o teste de DNA para realmente comprovar que ele não era meu filho, mas quando li a palavra positivo naquele papel, eu me ajoelhei no chão e só pedi para morrer. Logo após, corri para o hospital e lá recebi a notícia da morte do meu filho. Eu senti que todo meu mundo fosse desmoronar. Eu deixei o ódio me cegar e reneguei o meu bem mais precioso. Depois do enterro dele, eu fui tentar falar com Melinda que, pelo que minha mãe havia me contado, estava devastada e tinha tentado suicídio duas vezes. Ao chegar lá e entrar no seu apartamento, que ficava no último andar de um prédio de quinze andares, eu a vi na sacada, estava com uma taça de vinho na mão e tinha vidros de remédios jogados pela casa. — Fecho meus olhos lembrando exatamente deste dia.

” — Mel i n d a . — El a se vi r a e a b r e u m s o r r i s o .

— N o s s o b e b ê m o r r e u , e v o c ê n ã o e s t a v a l á .

— Eu d a r i m i n h a r i d a d e p a r a e n d o n o l u g a d e l e E u t i n h a q u e t e r e s t a d o n o s e u l a d o q u a n d o p r e c i s o u . — El a r i .

— Você nem achava que eu era seu filho? Eu queria que fosse verdade, que o pai dele fosse o Zac; ele sim é uma pessoa maravilhosa. Eu me apoiava em todos os momentos em que você não estava presente. — Seguro minhas lágrimas.

— Eu deixei a raiva me cegar, nunca imaginei que...

— Sim, eu sei admitir que cometi um erro em entrar com você, deveria ter pedido o divórcio.

— Como você está? — Melinda: de costas para mim, me ficou encostada na grade da sacada e diz:

— Eu vou ficar aqui sozinha e fazer companhia ao meu filho. — Vira seu rosto, abre um sorriso e fala. — Me perdoa.

— Melinda: E antes que eu pudesse impedir, ele se jogou contra a sacada e a única coisa que vejo é ele chocar como chão.”

CAPÍTULO DOZE



VIOLETTA PETROV

Meus olhos estão em completo espanto. Jamais imaginei que algo assim havia acontecido com ele, agora entendo o motivo de ser tão fechado assim. Em menos de dois dias ele perdeu duas pessoas que eram sua vida, e tudo foi causado por um simples descuido da relação. Sinceramente não posso nem dizer que ele não teve nada a ver com o que aconteceu, mas em partes, teve sim. Abandonou a esposa quando ela mais precisou e mesmo desconfiando que o filho não era dele, deveria ter levado em consideração os sentimentos que ainda tinha pelos dois, mas isso também não tira a culpa de Melinda. Entendo que é uma situação difícil e deve ter sido horrível para ela enfrentar tudo sozinha, sem o apoio do marido, que se importava mais com o trabalho do que com ela e seu filho e, geralmente, esse é um dos maiores motivos para haver traições em uma relação, mas ela deveria ter pedido o divórcio e não ter traído Andrey e ainda mais na própria cama onde dormiam.

— Andrey...

— Nada do que diga vai me fazer mudar de ideia sobre minha parcela de culpa. — Eu só balanço a cabeça, concordando.

— Eu sei, mas não acho que deveria remoer tanto isso, tenta só lembrar dos momentos bons. Por mais que o relacionamento de vocês não tenha sido como esperavam, acredito que tiveram momentos que ficaram em sua memória. — Ele sorri.

— Foram poucos, mas nunca esqueci dos nossos momentos. — O puxo para um abraço.

— Tenho certeza que ambos estão torcendo para a sua felicidade e que te perdoaram. — Ele ri ironicamente.

— Acredito que não, isso vou carregar para o resto da minha vida; é minha sentença, até eu morrer. — Acaricio seu rosto.

— Olha, quero aproveitar esse tempo aqui com você. O que acha de passearmos pela cidade amanhã, mas sem essa de meu segurança?

— Então como seria?

— Alguém muito especial, que quero sempre do meu lado. — Andrey sorri e me puxa para seu colo.

— Tudo bem, posso te mostrar os lugares legais da cidade, mas por agora, quero te mostrar outra coisa. — Seu sorriso malicioso me fez imaginar coisas extremamente sujas.

— E o que o senhor Andrey Nikolai quer me mostrar? — Ele beija meu pescoço, sobe com sua boca por ele e sussurra em meu ouvido.

— Mostrar que posso foder tanto você que vai implorar que pare, pois não aguentará gozar tanto. — Oh meu Deus! Como esse homem é quente.

Como não sou nenhuma boba, abro o sorriso mais cínico do mundo e digo:

— Então terá que transar até o amanhecer para que, talvez, isso aconteça.

— Não me provoque, Violetta.

— Não me subestime, Andrey.

Com isso, ele devorou minha boca e cumpriu com o que disse, mas eu não dei braço a torcer; por fim, ambos entramos no consenso que precisávamos dormir, senão não iríamos sair daquele quarto.

Nosso dia foi incrível, acordamos juntos e foi tão bom não ter que se esconder, mas ainda assim, a única pessoa que me preocupa é Marley. Ele ainda tem contato com a minha família, para contar a eles pouco custa. Andrey disse que já o deixou sob aviso e que se Marley falasse algo, iria se ver com ele, mas sinceramente, não confio nem um pouco na palavra dele.

— Violetta. — Olho para o outro lado e Andrey sai da loja com um urso enorme, abro o sorriso mais bobo do mundo.

Ele havia pedido para esperá-lo aqui perto do carro que tinha que pegar algo na loja, mas nunca ia imaginar que seria algo assim.

— Oh meu Deus, ele é lindo! — Dou pulos de alegria e um beijo demorado em seus lábios.

— Eu tinha visto ele na vitrine quando saí para beber com meu pai, meus tios e primos. Me veio você na cabeça quando olhei para ele.

— Eu achei ele lindo, mas agora precisamos chamá-lo de algo.
— Começo a pensar em vários nomes e no momento em que olho para Andrey, um nome me vem à cabeça. — Niko! — digo alto.

— O quê?

— O nome dele vai ser Niko. — Andrey ri.

— Meio óbvio, não acha?

— Niko é um nome bem comum, então não vai ter problema, senhor Nikolai. — Ele abre o sorriso mais lindo do mundo.

— Temos que aproveitar bem esses últimos dias na cidade. — Em uma fração de segundos posso ver uma tristeza pairar em seu olhar.

— Aconteceu algo?

— Minha mãe me ligou enquanto estava na loja, meu pai não acordou muito bem e mal conseguiu se levantar da cama. — Sua voz está fria e cheia de angústia.

— Andrey, você sabia que...

— Sim, mas é que... Não estou preparado, ainda não. — Encosto minha cabeça em seu peito e murmuro:

— Vamos para a fazenda e ficar lá para você... Ficar ao lado do seu pai. — Ele só acena, concordando.

Em silêncio, Andrey dirige para a fazenda e isso me deixa muito mal, saber que não posso fazer nada além de tentar consolá-lo. Pior vai ser quando o pai dele partir, imagino como deve estar sendo bem difícil para ele ter que ver seu pai doente e não poder fazer nada para salvá-lo.

Na fazenda, Andrey subiu direto para o quarto do pai, resolvi ficar com todos que estão reunidos na sala de estar, com o olhar triste e alguns com lágrimas; Lorena está com um sorriso falso no rosto, tentando acalmar a todos e isso é doloroso de se ver. Quando ela vai para a cozinha, resolvo ir atrás dela.

— Lorena. — Ela para no meio da cozinha, olha para mim e sorri.

— Oi querida, você... — Lorena para de falar no momento em que a puxo para um abraço. Por alguns segundos ela parece confusa com o que houve, mas quando entende, Lorena envolve

seus braços em meu pescoço, encosta a cabeça em meu ombro e desmorona em lágrimas; grita, chora e fica repetindo várias vezes a palavra “porquê?”. Não me contenho e choro junto com ela; por minutos ficamos sem dizer nada, apenas chorando feito crianças.

Ela deve ter segurado essa vontade a manhã toda para ninguém desmoronar, mas de todos aqui, quem mais está sofrendo é Lorena, pois está vendo o amor da sua vida partir aos poucos e não poder fazer nada.

— Obrigada, Violetta — sussurra em meu ouvido, logo depois se afasta um pouco.

— Eu vi nos seus olhos que precisava desse momento e que não queria fazer isso na frente da sua família. — Ela sorri.

— Todos estão apreensivos e angustiados com essa situação, Andrey é quem me preocupa muito. Ele nunca aceitou a doença do pai, e ele perder alguém assim, logo depois de... — Ela se cala ao ver que iria falar além do que devia.

— Ele me contou sobre Melinda e o filho dele, e sim, para ele deve estar sendo algo muito pesado de conseguir sozinho.

— Fico contente em saber que ele te contou, isso mostra o quão especial você é para meu filho. — Sorrio com suas palavras.

— Andrey também é bem especial para mim.

— Eu percebi pelo urso enorme que você chegou em mãos, algo que não imaginei ele fazer em anos. — Começo a rir ao lembrar do urso que deixei em cima do sofá ao vir aqui.

— Vou estar aqui para o que você e toda a sua família precisar.

— Obrigada, querida.

Três dias depois o pai de Andrey faleceu e foi horrível, pois eu estava no quarto junto com ele quando a mãe dele entrou correndo dizendo que seu pai estava partindo. Andrey correu para o quarto de

seu pai e eu fui atrás, ele pegou seu pai nos braços e as últimas palavras dele para seu filho foram:

“ Vvãua vi dãemarr epemãnt oã sej ã el iEu t eamo, meu meni no.”

Logo após isso, Andrey grita desesperado e todos tentam tirar seu pai de seus braços, mas ele não aceita e fica ali, chorando e gritando sem parar e aquilo foi uma das piores cenas que poderia presenciar. O que me fez levemente lembrar do meu filho; preciso voltar para casa e ver meu menino e dizer que sou sua mãe e que o amo mais que tudo nessa vida.

CAPÍTULO TREZE



ANDREY NIKOLAI

Todos reunidos na sala de estar, o enterro havia terminado a cerca de uma hora e quando vi o caixão do meu pai descer, o desespero bateu forte. Eu queria gritar e pular para tirar meu velho de lá, mas no momento em que iria fazer algo desse tipo, Violetta pegou em minha mão e suas mãos pequenas e delicadas, seus dedos finos e perfeitos entrelaçaram com os meus. No momento em que olhei para seu rosto ela me transmitia paz e consolo e aquilo me fez ficar calmo, mas não me contive e chorei feito uma criança em seus braços.

Minha mãe se conteve até entrar na fazenda e desmaiar, minha tia está com ela no quarto e já disse que ela se encontra bem, só está dormindo. Dona Lorena precisa, ela engoliu sua dor para acalmar a todos nós quando ele partiu, então foi muita emoção para suportar e agora, mais do que nunca, ela precisa de mim ao seu lado.

— Bom, amanhã eu vou partir, já liguei para meu trabalho avisando da minha volta e vou levar minha mãe comigo, sinto que nesse momento ela precisa de mim e eu dela.

— Não acha melhor ficar mais um dia aqui? — diz meu primo Eduard.

— Não acho que nesse momento vai fazer bem para minha mãe ficar onde há lembranças do papai. Na minha casa ela vai ficar bem, vou tentar não trabalhar muito para ficar com ela.

— Andrey, se quiser, Anne e eu podemos ficar por alguns dias na sua casa, para ajudar em algo. — Benny se prontifica.

— Eu acho uma boa ideia, e sempre que puder vou ficar com ela um pouco. Ela precisa de todo apoio possível, e você também — diz Violetta apertando minha mão, solto uma respiração me dando por vencido e não querendo questionar.

— Tudo bem, amanhã cedo vamos para a Rússia, estejam prontas às nove horas.

— Vou ligar para meu pai e pedir para ele providenciar o jato particular, assim evitamos transtornos. — Ela pega o celular.

— Ok, vou subir para ver como está a minha mãe. — Dou um beijo na testa de Violetta e subo as escadas, sentindo as lágrimas escorrerem por meu rosto.

VIOLETTA PETROV

Me afasto de todos para poder conversar com meu pai, que atende no segundo toque.

— *Fi l ha, como você est á?*

— *Não mui t bem, o cl i ma aqui não est á bom, o pai do senhoi Ni kol a acabou de ser ent errado. Tenho que manter as apar ênci as ai nda.*

— *Oh quer i da, que chat o eu devo i magi na o modo deve est a sendo di f í ci l para el e.*

— Si m pai el æquervol t a manhã mes mopar æ Rússi æcho que quer ocupar a ment e com poucode t rabal hoail eva a mãe e suas duas pri mas par æui dar edel a quand el enã oest i v porpet o. Quer poderaj udate al gumá or mã ambémel e\$ or ai t ão l egai s comi go.

— Cl ar vi ,acho que é o mí ni mEl ef ezo f avodel eva vocé par aum ambi et ede f amí l dæ ænt ão adamai quej ustrã osó você massua mãe e eudar moapoi a el eAndrey é um excel en f unci onáræipor ot egæocêmui t bem.— Ah pai não f azi dei do quãobem el æui da.— Só não f i quæmui t pa casadel enã osai ri bem na mí di a al go assi m, ai nda mai s uma mul her com l ugar i nferi or ao seu est i l o de vi da. — Já est ava der

— Pai , par a comi sso, você mesmo admi t i u que...

— Est ougrat porel eserum bom f unci onáræi sersol i dá i não si gi f i que devemos nos mi st uraapessoaassi mSomos bem super i ore seri am escândalos ver em com ami zade t ot al mérito ædonossæí r cuboci at. Revi ros meus ol hoæo ouvi r t ai s pal avras.

— Tudo bem, pai , pode pedi par aque o j at i nã est ej aqui no Aeropor t i nternaci onal Jackson-Medgar Evers pouco antes das nove horas?

— Si mVi ol et tæupr ovi denciã æagor amesmo, mas ai nda vamos f i cæal gundi a\$ or ælo paí sdevemosvol t æm uma ou duas semanas. — Ai nda bem.

— Cl ar o pai , manda um bei j o par a a mãe, t e amo.

— Também t e amo, quer i da, f i que bem.

— O senhor t ambém. — Comi sso el e desl i ga.

Saio do meu canto, digo a todos que vou subir para descansar um pouco e vou para meu quarto. Ao entrar, Andrey está sentado na minha cama, sem camisa, com as mãos no rosto, seu cabelo está solto e quase cobre seu rosto; me aproximo dele, me abaixo entre

suas pernas e, devagar, tiro suas mãos e cabelo do rosto, coloco seu cabelo atrás das suas orelhas. O rosto dele está molhado e meio inchado.

— Me desculpe não ficar mais, mas preciso sair daqui, ficar aqui vai me fazer sofrer mais e minha mãe também.

— Tudo bem, eu já liguei para meu pai. Amanhã o jatinho estará nos esperando no aeroporto, e ele disse que ainda vai ficar fora do país por uma ou duas semanas, então vou poder cuidar de você nesse período, claro que tomando todos os cuidados para que funcionários não vejam ou desconfiem. — Ele abre um sorriso fraco.

— Quanto tempo acha que vai durar até eles perceberem?

— Como assim?

— Violetta, algo desse tipo não vai ser fácil de esconder, temos que estar preparados quando isso acontecer.

— Eu já tenho um plano em mente, mas você só vai vê-lo em prática no dia que eles descobrirem; até lá, vamos tomar o máximo de cuidado possível. — Andrey me puxa para seu colo e beija meus lábios.

— Acho que não vou conseguir ficar longe de você, Violetta; você se tornou alguém extremamente importante na minha vida de uma forma que não sei explicar. — Sorrio para ele.

— Eu gosto muito de você e não quero me imaginar longe de você, meu Andrey. — Ele ri e isso é música para meus ouvidos.

— Seu Andrey? E você é minha Violetta?

— Vamos dizer que sim.

— “Vamos dizer que sim?”

— Quem manda aqui sou eu, *baby* — Andrey solta uma gargalhada alta e tão bela que me faz sorrir.

— E você acha que manda mesmo? — questiona.

— Claro, sou uma mulher que gosta de ter algo sob seu controle, e ter um homem tão gostoso como você assim, todo meu, faz meu ego ficar lá em cima. — Ele me olha surpreso.

— Sabe, nunca imaginei essas coisas saindo da sua boca. Você parecia uma menina muito tímida antes de viajar. — Sorrio ao lembrar disso.

— Você me deixava sempre desconcertada quando falava comigo ou me olhava. — Andrey ri. — Ei, não ria, isso é sério, nunca entendia o porquê sentia isso.. Eu ainda fiquei com você na minha cabeça por todos esses anos.

— Me sinto lisonjeado por ocupar seus pensamentos e imagino que os mais impuros. — Me puxa para beijar minha bochecha. — Então me diga, mulher que “diz” mandar em mim, o que seja fazer ao chegar na Rússia?

— Eu quero ver meu filho. — Ele arregala seus olhos.

— Aconteceu algo com ele?

— Não, mas depois de ver como a vida pode ser tão curta e tão fácil de terminar, quero aproveitar o máximo possível com ele. Quero ouvi-lo me chamar de mamãe e poder chamá-lo de meu filho e dizer que o amo com todo o meu coração.

— E está pronta para isso?

— Quero contar para ele o que aconteceu, mas da forma mais simples e menos agressiva possível. Depois disso quero tentar conversar com meus pais e explicar tudo e lhes dizer que têm um neto.

— Não precisa fazer tudo de uma vez, vá com calma, até porque ele é uma criança; fora que você corre o risco dele te rejeitar. — Balanço a cabeça em concordância.

— Esse é um risco que preciso correr. Depois disso tudo, quero lidar com Marley e poder denunciá-lo; ele precisa pagar pelo que fez não só comigo, mas a muitas mulheres.

— Deixe meu primo comigo, eu já estou cuidando de tudo. — Agora é minha vez de arregalar os olhos.

— Como assim?

— Ainda precisa ficar em sigilo, mas saberá quando a hora chegar. Prometo que ele vai ser um estorvo que vamos nos livrar e assim poderá viver em paz sem se preocupar com sua dignidade. — Me joga em seus braços e o encho de beijos.

— Obrigada por me apoiar.

— Eu sempre vou estar aqui, meu anjo, não importa o que aconteça.

Olho para ele por alguns segundos e imagino a cara de boba que estou fazendo, mas é por um bom motivo. Acabei de perceber que sim, estou apaixonada por esse homem e isso me assusta muito.

CAPÍTULO QUATORZE



VIOLETTA PETROV

Finalmente chegamos em casa. Depois de deixar a mãe de Andrey na casa dele junto com suas primas, ele me acompanha até meu apartamento para eu então poder enfrentar meu passado. Sei que, para muitas pessoas, o que eu fiz foi horrível, deixei meu filho com outra família e escondi sua existência. Mas o meu maior medo nisso tudo é Marley descobrir que, na verdade, meu bebê não morreu e que eu o mantenho escondido; faço isso porque não sei o que ele pode fazer, afinal, dele se pode esperar tudo. E também eu mesma quero contar isso a meus pais, só espero que o estrago não seja muito grande.

— Ei... — Saio de meus devaneios com a voz de Andrey, que me encara sentado em meu sofá. — Está tudo bem?

— Só estou pensando em como minha vida vai mudar quando tudo isso vier à tona. — Me sento perto dele.

— Você tem de pensar que o pior que pode acontecer é seu filho te odiar. — Sim, de fato isso é o pior que pode acontecer.

— Mande uma mensagem para Valéria, a mãe adotiva do meu filho, falei que queria contar tudo a ele hoje. Ela me disse para ir lá assim que chegasse de viagem e que vai prepará-lo para todas essas informações.

— Fico feliz que achou boas pessoas para cuidar dele. —
Balanço a cabeça em confirmação.

— Acho que é hora de irmos — falo referindo-me a meu filho. Andrey se levanta, pega na minha mão e, juntos, saímos do meu apartamento.

Meu coração estava acelerado, o nervosismo toma conta de todo meu corpo e pondero inúmeras vezes em dar meia-volta. Mas quando já estamos em frente ao apartamento, percebo que não existe mais volta.

— Viu, só precisamos andar alguns metros e já estamos aqui — murmuro.

— Violetta, tenha calma.

— Eu estou calma, por que acha que estou nervosa?

— Você está com lágrimas nos olhos. — Esfrego meus olhos, e sim, eu estava prestes a chorar.

— Estou com medo, muito medo. — Andrey toca a campainha, leva uma de suas mãos até meu queixo, segura com delicadeza e beija suavemente meus lábios, logo depois ele abre o sorriso mais lindo do mundo, me encara com seus belos olhos cor de mel e, de uma forma involuntária, me vejo sorrindo também.

— Não vou sair do seu lado. — Acho que simplesmente ganhei na loteria; Andrey é, sem dúvida, um homem maravilhoso.

A porta se abre e Valéria me recebe com um sorriso no rosto, seu marido estava sentado no sofá e ao lado dele estava meu menino. Yuli brincava com Pavel, marido de Valéria, e quando me

vê, para o que estava fazendo para olhar as duas pessoas desconhecidas que entram em sua casa.

— Yuli, essa é a moça que te falei. Você era pequeno quando ela veio aqui a última vez. — Ele me olha atentamente, com seus olhos esverdeados bem curiosos, sua pele com algumas sardas e cabelo levemente ruivo. Sem dúvida ele sou eu quando criança, exatamente igual a mim, exceto por um detalhe: ele tem um sinal que, pelo que sei, ninguém da minha família tem, o que me leva a crer que deve ser do... Ah! Inferno. Meu menino está tão grandinho, está com quase cinco anos.

— Olá Yuli, me chamo Violetta. — Me aproximo e me abaixo perto de Yuli.

— Por que está chorando? — Levo minhas mãos a meu rosto, secando minhas lágrimas.

— É que... Você se parece muito comigo quando tinha sua idade. — A curiosidade em seus pequenos olhos é ainda maior.

— Então, quando eu crescer vou ser muito bonito. — Abro o sorriso mais bobo do mundo.

Oh meu Deus!

— Eu não tenho a menor dúvida. Você também parece ser muito esperto. — Ele pega seu caderno e me mostra algumas páginas, parece ser da escola.

— Sou o mais esperto da minha turma, tirei A na prova de matemática ontem. — Dá para sentir a alegria em seu tom de voz e isso me contagia.

— Querido, a Violetta tem algo muito importante para falar com você, escute ela com atenção, é sobre o que conversamos mais cedo — diz Valéria. Ele olha para ela e depois me encara.

— A mamãe Valéria me disse que eu fui adotado e que a minha mamãe não podia cuidar de mim. — Olho para ela, que me lança

um sorriso de incentivo.

— Sim, sua mamãe infelizmente não pode ficar com você naquele momento por que... Ela estava passando por problemas horríveis. — Não consigo conter as lágrimas.

— Você conhece a minha mãe?

— Sim, Yuli, a conheço muito bem. — Posso ver os olhinhos dele brilhar.

— Mamãe Valéria, ela conhece a minha mãe de verdade. — Meu coração parecia que saía pela boca ao ver o quão animado e feliz ele ficou.

— Querido, é melhor você ouvir com atenção a Violetta — diz Pavel.

— Yuli, eu espero que você possa um dia me entender, porque o que eu fiz foi por puro medo de tudo de ruim recair em cima de você, meu menino. — Ele olha para Valéria e depois volta a me encarar, posso ver seus olhos ficarem em constante confusão. — Meu amor, eu sou sua mãe. — Minha voz quase não sai e meu coração se aperta quando o vejo arregalar seus olhinhos esverdeados, seguido de lágrimas.

— Mi...mi... minha mãe? — A emoção em sua voz é tão nítida quanto em seu rosto.

— Sim, eu peço perdão por não estar aqui com você quando precisou. Imploro, mas por favor, se quiser, não precisa falar mais nada ou simples... — Me surpreendo quando ele envolve seus pequenos braços em mim e coloca sua cabeça em meu peito. Eu fico por um bom tempo sem saber o que fazer, pois não esperava por essa.

— Minha mamãe. — Ele sussurra com a voz totalmente embargada. Quando finalmente saio do meu estado de transe, eu o pego em meu colo, me levanto e o abraço o mais forte possível, caio no choro sem me importar com as pessoas nos olhando.

MARLEY RUSSEL

HORAS DEPOIS EM OUTRO PAÍS

Sinto o gosto do sangue quando, mais uma vez, o infeliz desse brutamontes me acerta com tudo. A sala onde me trouxeram parece ser no meio do nada, já que só escuto barulho de grilos.

Eu estava no aeroporto e no momento em que fui ao banheiro, dois homens vestidos de preto me pararam e pediram para acompanhá-los até uma sala no saguão do aeroporto. Sem entender nada eu os segui e, chegando lá, me encapuzaram, me deram uma coronhada e eu caí no chão apagado. Ao acordar, me encontrei amarrado a uma cadeira com mais de dez homens vestidos iguais aos do aeroporto; me bateram sem ao menos me dizer o motivo e agora outro está prestes a me dar outro soco. Com o impacto parece que abre alguma ferida no meu rosto, igual as que provavelmente já estão lá.

— Podem ao menos me dizer... o porquê? — murmuro sentindo dor somente em falar.

— Ordens do chefe! — Um deles grita.

— Chefe? Que chefe? — Olho extremamente confuso para todos, até que uma pessoa em especial me chama atenção; ele sai do canto escuro da sala e caminha na minha direção, sinto um ódio descomunal quando vejo de quem se trata.

— Você vai se arrepender. — Ameaço e o infeliz ri.

— Acho que você não está na vantagem aqui, meu querido primo. — Andrey puxa uma faca e aponta para o meio da minha testa. — Não deveria ter sido um filho da puta covarde.

— Do que você está falando?

— Marley Russell Donavan, chefe de uma empresa fantasma que só serve para esconder o que, de fato, faz da vida. Traficante, assassino, aliciador de menores e ainda por cima compactou com um estupro. — Arregalo meus olhos.

— Como você... Aquela vagabunda! — Sinto o ferro da faca cravar na minha coxa quando mal termino de falar e um grito de dor sai da minha garganta.

— Acho melhor lavar sua boca antes de falar qualquer merda sobre Violetta, que nesse meio todo sujo, foi apenas uma vítima.

— Ela... Ela transou com aqueles caras... Porque...

— Você a drogou, Marley, ela não estava nem um pouco consciente do que estava fazendo, você se aproveitou da confiança dela! — O ódio em sua voz, a frieza, olho para ele por alguns segundos não o reconhecendo.

— Andrey, você está fazendo isso com o seu primo por causa de uma filhinha de papai? Que na primeira oportunidade vai te jogar no lixo? A família daquela piranha nunca vai te aceitar.

— Não me importa nada sobre a família dela, fodam-se eles, o que me importa é Violetta e a merda que você fez a ela e a muitas outras mulheres, seu filho da puta. — Novamente sinto um soco sendo desferido em meu rosto, o suficiente para me deixar grogue.

— O que faço da minha vida não tem nada a ver com você, e se eu sou um assassino você também é, afinal, Melinda e o seu filho morreram por culpa sua! Suas mãos estão sujas de sangue de inocentes, igual as minhas. — Andrey coloca sua mão em meu pescoço e aperta, a dificuldade de puxar o ar é grande demais.

— Diferente de você, eu fui negligente nos cuidados de ambos. Já você, Marley, sequestra mulheres, as dopa e as vende como objetos, além de aliciar crianças nesse meio sujo; trafica drogas para outros países, é procurado pela Interpol e pelo FBI nos Estados Unidos e o pior de tudo é que ninguém sabe seu maldito nome, só chamam você de M. Mas isso acaba hoje. — Quando ele

solta meu pescoço, uma enxurrada de homens vestidos com uniformes da Interpol e do FBI entram na sala.

— Você está preso pelos seus crimes e todos os seus comparsas também. — Ele me desamarra da cadeira e logo em seguida me algemam, tento olhar em volta, buscando uma forma de fugir, mas é impossível, tem diversas armas apontadas para mim e, se eu der um passo em falso, me esfaqueiam na hora.

— Sabe que a reputação da sua piranha de quinta vai para o lixo. — Andrey solta uma sonora gargalhada.

— Acha que sou burro o suficiente para fazer tudo isso e não destruir toda e qualquer prova? — O olho, confuso. — Sua casa, meu primo, tudo que havia lá foi confiscado, computadores, arquivos, fotos, tudo. Ah, e se por acaso alguém que ainda vamos prender tiver algum desses vídeos e fotos e por “acidente” mandar para alguém você será morto, mas não pela justiça e sim pelas minhas próprias mãos.

— Seu filho da puta! Nossa família vai te odiar quando souber disso! — Ele ri.

— Acha que já não sabem o merda que você é? Fiz questão de enviar sua ficha para todos da família, detalhando seus crimes, incluindo o que você fez a Violetta. Seus pais não querem nem te ver. — Aperto meus punhos com força, sentindo um ódio fora do normal.

— Você vai se arrepender, Andrey! Não sabe onde está se metendo. Vou te atingir onde mais dói e vai ter desejado ter deixado tudo como estava.



CAPÍTULO QUINZE

VIOLETTA PETROV

Hoje passei o dia todo com meu filho, sem me importar com a imprensa ou algo do tipo; naquele momento, tudo que me importava era meu menino. Yuli se diverte o dia todo e no final, quase à noite, caiu no sono. Resolvi levá-lo para dormir na casa de Valeria e Pavel, pois, por mais que agora saiba que eu sou a sua mãe, ele ainda não está acostumado comigo, então por agora, a melhor opção é que ele durma com os pais adotivos.

Meus pais me ligaram hoje para dizer que voltam amanhã de manhã de viagem e que viram fotos minhas em *s i t e* e fofocas; óbvio que eles iriam perguntar o que eu estava fazendo com uma criança, eu só pude dizer que explicaria assim que chegassem.

Outra preocupação minha era Marley, mas saiu na televisão que o grande CEO na indústria de transportes foi preso pelas autoridades dos Estados Unidos, e todas as coisas que tinha em sua casa foram apreendidas. Andrey me tranquilizou e disse que, com a ajuda de amigos do FBI e da Interpol, qualquer coisa relacionada a mim não virá a público e será usado como prova para

que esse infeliz seja condenado a muitos anos de cadeia. Ainda assim me preocupa que ele tenha pessoas que possam ajudá-lo a fugir ou algo do tipo, afinal, pelo que vi naquela festa, haviam pessoas de extrema patente, bem importantes e influentes, mas Andrey me garantiu que tudo isso já foi resolvido, então decidi lhe dar esse voto de confiança.

— Um beijo por seus pensamentos. — Olho para meu lado e Andrey aparece vestido de terno e gravata, com sua pinta de segurança-chefe, que eu amo.

— Só estou pensando em tudo que tem acontecido e o que vai acontecer. — Ele olha para os lados, para se certificar que não tem ninguém nos olhando, afinal estamos no escritório que meu pai tem em casa. Quando se dá por satisfeito, pega em minhas mãos e leva aos lábios.

— Eu estou aqui e não vou deixar que nada te aconteça. — Suas palavras fazem meu coração dar cambalhotas.

— Minha maior preocupação é meu filho, fora que também preciso estar preparada para o momento em que meus pais me colocarem para fora daqui e me deserdarem, pois vai ser isso que vai acontecer. Mas é o de menos, somente Yuli me preocupa nesse momento. — Seu olhar é diferente, ele sorri feito um bobo ao me encarar. — Está tudo bem?

— Está, eu só... Nunca imaginei um dia ver você dessa forma, ainda mais para proteger um filho, quer dizer... Você era uma menina tão insegura, tímida e com facilidade de ser influenciada, e agora ver sua evolução, testemunhar o quanto evoluiu para melhor, só me faz constatar uma coisa... — Andrey me puxa para seus braços.

— Que coisa?

— O quanto estou apaixonado por você. — Arregalo meus olhos diante desta informação.

Putaquepariu!

Ele está apaixonado por mim? Isso só pode ser pegadinha, cadê as câmeras?

— Você está falando sério? — Ele sorri.
Ah, me derreto toda diante deste sorriso.

— Por que acha que mentiria sobre algo tão sério? — Faço uma cara sobre o mais óbvio.

— Você já mentiu para mim sobre algo importante e sabe disso.
— Sua cara de envergonhado é linda demais, mas tenho que me fazer de durona, manter a pose.

— Melinda e meu menino ainda são casos difíceis de falar, e poder fazer isso por você é como se fosse uma forma de ao menos tentar me redimir. Claro que também faço isso porque estou muito apaixonado e acho injusto demais tudo que tem acontecido com você. Marley é meu primo e me sinto na responsabilidade de acabar de vez com essa tirania dele.

— Espero que ele fique na cadeia pelo resto da vida — murmuro.

— E ele vai, eu te garanto. — Ele sussurra antes de beijar meus lábios e quando sinto seu toque em minha boca, parece que qualquer problema que surja desaparece em um piscar de olhos. Acho que é a segurança que ele me passa; sinto que, por ter ele ao meu lado, tenho duas coisas maravilhosas: o amor de um homem incrível e a proteção do meu segurança.

— Acho melhor irmos para um lugar mais afastado, aqui é perigoso — digo me referindo ao fato de estarmos na mansão dos meus pais. — Vamos para meu apartamento. — Saio de seus braços e começo a caminhar na frente, mas paro no meio do caminho quando vejo meu pai me olhar com atenção.

O que ele está fazendo aqui? Não disseram que voltariam amanhã pela manhã?

— Pai? O que faz aqui? — Tento disfarçar ao máximo meu nervosismo.

— Sua mãe e eu resolvemos voltar de última hora, conversamos e vimos que mal ficamos com você desde que chegou de Paris, então só queremos passar um tempo a mais com a nossa menina.
— Pela primeira vez na vida senti que meu pai não foi muito convincente em suas palavras, parece que foram forçadas.

— Onde está a mamãe?

— Ela subiu para ver como você está e vim até meu escritório deixar uns documentos, não esperava ver você e ele aqui. — Por alguns segundos havia me esquecido de Andrey; quando olho para trás ele está com a postura de sempre, não me olha e mantém o olhar fixo em meu pai.

— Senhor Petrov, que bom que chegaram. Como foi a viagem?
— Como ele consegue fingir tão bem?

— Foi boa, tive bons momentos com minha esposa. Mas antes de falar de mim, quero lhe dar meus mais sinceros pêsames. Violetta nos disse o que aconteceu, sinto muito. Que bom que pode se despedir de seu pai. — Novamente sinto a mesma coisa em suas palavras. O que será que está acontecendo? — Querida, pode nos deixar sozinhos por um momento? Vá ver sua mãe, ela quer falar com você. — Meu pai diz sem me olhar, o que me deixa ainda mais preocupada. Para não levantar suspeitas, opto por obedecer.

— Claro pai, boa noite, te amo. — Me viro para Andrey. — Boa noite, senhor Nikolay. — Andrey me responde somente com um “boa noite” da forma mais fria possível, saio de lá com um pressentimento ruim.

ANDREY NIKOLAI

É óbvio que há algo de errado. A postura do senhor Petrov está diferente, e o olhar também. Não sei se é por causa da prisão de

Marley, já que Violetta contou que seu pai tinha uma confiança grande nele, ou se apenas desconfia de algo. Mas como não sei o motivo de sua mudança repentina, vou agir normalmente.

— Podemos ir a meu escritório? — Dou um leve aceno com a cabeça, concordando; eu espero ele entrar para segui-lo e, assim que entramos, me encarrego de fechar a porta.

— Aconteceu algo, senhor?

— Quem é aquele menino nas fotos com minha filha? Há várias fotos dela em *sí t e* de fofocas, em diversos momentos ela parecia conhecer aquela criança há anos. — Bem direto.

— Senhor, acredito que algo assim deve ser dito por sua filha. Não me envolvo na vida pessoal dos meus patrões. — Ele solta uma gargalhada alta, caminha em direção a sua mesa, coloca sua pasta em cima e puxa algo de dentro dela; ao virar para me olhar, tento não me abalar com as imagens.

— Não se envolve na vida pessoal de seus patrões? Mas pode se enfiar dentro da minha filha? — Ele grita e parece estar furioso. Joga as fotos no chão e grita novamente. — Confiei a minha filha em suas mãos e é assim que você me retribui?

— Senhor, eu assumo qualquer culpa e responsabilidade diante dos fatos, mas se me permite, posso dizer uma coisa? — Ele ri e faz sinal com a mão para que eu prossiga. — Tanto eu quanto sua filha lutamos para que algo assim não acontecesse, afinal, eu sou seu funcionário e esse tipo de envolvimento é antiético tanto da minha parte quanto da dela, pois é minha patroa; fora que passei por cima de sua confiança e deixei me levar. Como falei e repito, estou disposto a assumir qualquer responsabilidade pelos meus atos, seja qual for a punição, mas por favor, não faça nada com sua filha. Ela é uma boa mulher, inteligente e muito guerreira, não faz ideia das coisas ruins que sua filha passou em Paris e não lhes confiou nada para não os preocupar ou decepcionar, então aguentou tudo quieta para o bem de vocês.

— E o que aconteceu em Paris para ser tão ruim assim?

— Sua filha foi abusada. — Me perdoe Violetta, eu sei que você tinha que contar, mas diante da situação seu pai poderia não querer lhe ouvir. Tenho quase certeza de como essas fotos pararam nas mãos dele; tenho de telefonar para onde está preso aquele infeliz do meu primo.

Ele arregala os olhos, parecendo surpreso.

— O que está dizendo? — questiona, descrente.

— Sua filha foi enganada. Vocês confiaram em um homem chamado Marley, ele é meu primo e quando Violetta o viu na fazenda, ficou assustada e depois de um tempo me contou que ele a drogou em uma festa, tirou fotos íntimas dela em situações constrangedoras e a ameaçou. — Vejo ele puxar seu celular do bolso, clica em algo e me mostra. É o vídeo onde Violetta está com vários homens em sua volta, nua, e todos a estão tocando; ela parece grogue e desnorteada, fecho meus olhos não querendo ver isso.

— É isso que recebi hoje junto com essas fotografias. Então isso tudo foi...

— Uma armação. Marley queria que pensassem que ela estava fazendo tudo isso porque queria, mas quando sua filha me contou o que havia acontecido, eu mexi uns pauzinhos e com muito esforço e contatos encontrei o médico que a atendeu no dia em que foi drogada. Nem ela sabe disso, mas estava com tantas substâncias em seu sangue que desmaiou depois de tudo e Marley teve de chamar um médico de sua confiança, que me confirmou que sim, ela estava visivelmente drogada e muito machucada, principalmente nas partes íntimas. — Sabia que algo assim deveria ser útil e estou vendo que fiz bem em investigar. — Se não acredita, posso pedir para o próprio ligar, que a propósito está sendo protegido pelas autoridades, pois é testemunha chave nesse caso. Marley está preso, como deve ter visto, a notícia se espalhou rápido. E infelizmente esse verme é meu primo, ninguém da nossa família

estava ciente do tipo de homem que ele era e muito menos dos negócios sujos que esse filho da puta tinha. — Ele se senta na mesa, extremamente branco, o que me preocupa. — Senhor, está bem?

— É claro que não! Eu estava disposto a vir... Estava furioso com tudo isso que recebi e iria colocar minha filha para fora de casa e destruir sua vida, mas... Deus! O que eu ia fazer? Minha menina... Minha filha estava sofrendo e não percebi.

— Acho que precisa conversar com ela. — Me viro para me retirar.

— Mesmo depois de tudo, ainda assim, isso não tira o fato de você ter quebrado a minha confiança e ter passado por cima da ética. — Me viro para encará-lo. — Está demitido e quero você longe da minha menina.

— Pode fazer o que quiser depois, mas neste momento sua filha corre perigo. — Ele me olha confuso. — Quando o FBI e a Interpol prenderam meu primo, foram apreendidas em sua casa todas as provas contra seus companheiros, mas para isso chegar em suas mãos, algo deve estar errado, por isso desconfio que Marley está disposto a ir às últimas consequências para... — Paro de falar ao ouvir disparos. Sem pensar, saio correndo do escritório e ao chegar no hall, vejo dois homens caídos, baleados.

— Andrey... A senhorita Petrov. — Um deles aponta para a saída da mansão, corro o mais rápido que posso e de longe posso ver uma van preta enorme saindo em disparada para fora da propriedade; tento correr ainda mais, mas é inútil.

Volto praguejando para dentro da mansão e a senhora Petrov está aos prantos.

— Ela recebeu uma ligação, começou a chorar, me pediu perdão e saiu correndo. Quando desci minha menina estava desmaiada, apontaram a arma para mim e quando os dois seguranças

apareceram, eles dispararam e correram com a minha menina desacordada em seus braços.

— Porra! Como esses infelizes entraram na porra da mansão?
— grita o pai de Violetta.

— Um infiltrado estava entre nós... Foi ele que atirou. — Um dos seguranças feridos disse; ele levou um tiro na perna e outro de raspão no braço.

— Eu vou convocar todos os seguranças, vou ligar para as autoridades. Senhores, podem vir comigo? Neste momento não confio em ninguém para deixá-los aqui sozinhos.

— Para onde vai nos levar? O que está acontecendo? —
questiona a mãe de Violetta.

— Acho que sei como conseguiram levar Violetta e espero que não tenham levado ele também. — Ajudo um deles a se levantar e vou andando devagar até a sala de estar para colocá-lo no sofá.

— De quem está falando?

— Do neto de vocês.

CAPÍTULO DEZESSEIS



VIOLETTA PETROV

Sinto uma forte dor na minha cabeça, parece que bateram nela com força demais, abro meus olhos lentamente para me acostumar com a luz forte do ambiente onde me encontro. Olho em volta e vejo que se trata de um quarto todo branco, luzes em todas as partes e poltronas escuras a minha frente. Tento me mexer, mas me assusto quando percebo que estou só de calcinha e sutiã, com as duas pernas acorrentadas a uma espécie de barra de aço atrás de mim. Também me assusto quando vejo que estou em cima de uma espécie de palco, pequeno.

Olho na direção na porta quando ela é aberta e vários homens de roupas escuras entram, mascarados, alguns se sentam nas poltronas e outros ficam atrás deles em pé.

O que está acontecendo?

— *Sejam bem-vindos senhores. Hoje o leilão é a respeito de uma jovem extremamente bela e de boa família, pálida, branca como a neve, corpo perfeito e olhos azuis. Uma salvação*

pal mapar anossabel á oventi ol etRet r ov — Um homem entra anunciando isso em um microfone que ecoa por toda a sala.

Eu estou sendo leiloada? O que... Começo a recordar... Eu recebi uma ligação de Marley, dizendo que havia pegado meu filho e que para não matá-lo eu deveria ir até o jardim da minha casa, mas quando cheguei no hall dois homens me esperavam; meus seguranças acharam estranho e os abordaram, escutei os gritos da minha mãe vindo atrás de mim, e logo senti uma pancada forte na nuca e desmaiei.

Mas é claro!

É um dos leilões de Marley, aquele verme infeliz. Como ele saiu da cadeia?

— Marley, cadê o meu filho? — grito sentindo um ódio enorme. Logo o infeliz aparece, ele estava sentado em uma das poltronas, retira sua máscara e me encara com um sorriso cínico.

— Você é a pessoa mais burra que conheci, mas não a julgo. Sei que uma mãe é capaz de fazer qualquer coisa pelo filho, pois tenho uma. Fique calma, não sou esse monstro todo, seu menino está onde sempre esteve. — Arregalo meus olhos.

— Você...

— Violetta, minha querida Vi, acha mesmo que poderia esconder isso por tanto tempo assim de mim? Tão ingênua... mas, enfim, meu negócio não é ele e sim você, até porque talvez eu tenha outros planos para ele. Primeiro, preciso cuidar de você.

— Não toque no meu filho! — Ele gargalha.

— Ui, tão protetora! O abandonou com uma família e fingiu uma imagem por todos esses anos e agora quer dar uma de boa mãe? Que coisa feia, Violetta. — Maldito.

— Minha vida virou um inferno por sua culpa! Por anos eu tive de conviver com toda aquela cena na minha cabeça. — Sinto uma

grande vontade de chorar.

— Sinceramente, não estou aqui para reviver o passado e sim para fazer você desaparecer da minha vida de uma vez por todas. — Ele se levanta da cadeira e caminha na minha direção. Antes que eu possa impedir, ele pega no meu pescoço com força. — Você fodeu com toda a minha vida. Agora, além de fazer você sofrer, vou ter o maior prazer de vendê-la por um preço que vai me ajudar a fugir do país, e sabe a melhor parte? — Marley aponta para os homens que estão sentados. — Todos aqui são pessoas que odeiam seu pai, então, vão fazer você sofrer tudo que queriam que seu papai sofresse. — Caio no chão com o impacto do tapa no meu rosto.

Grito de dor quando sinto seu pé bater com força na minha barriga, e assim ele continua, desferindo diversos chutes em todo o meu corpo, até que a última coisa que lembro é o chute que ele deu no meu rosto, que me deixou grogue, depois me pegou pelo cabelo e disse: “— O valor inicial é de cinco milhões.”

ANDREY NIKOLAI

Pavel e Valéria estão apavorados com tudo. Estamos em uma das propriedades afastadas da família Petrov e todos os chefes de segurança estão aqui, tentando entender como Marley fugiu.

— Como eu tive um neto e nunca soube disso? — questiona Dona olhando para o menino que dorme no sofá.

— Ele é fruto do que infelizmente aconteceu com a sua filha em Paris. Por anos ela a manteve com Valeria e Pavel aqui na Rússia, com medo de Marley descobrir sobre ele e de vocês também. O medo, a angústia e o trauma a fizeram ficar todos esses anos longe do seu filho — explico.

— Meu Deus, esse menino nem um pai decente tem... Como isso tudo é inacreditável! Minha menina passou por tanta coisa ruim — murmura Pietro.

— Ele é o menino das fotos? — pergunta Dona.

— Sim, Violetta tinha resolvido enfrentar a situação e contar tudo a vocês, mas o infeliz do Marley a sequestrou. — Aquele filho da puta, eu vou desfigurar a cara dele.

— Como ele conseguiu fugir sob a tutela da Interpol e do FBI? Achava que as autoridades americanas eram eficazes como dizem — ironiza Pietro.

— Suspeitamos que um infiltrado o ajudou na fuga. Ele é um homem influente e com vários contatos importantes, pode ter usado um deles — explica Maicon, chefe do FBI.

— Então, se vivo ele ainda pode causar problemas, eu quero esse homem morto! — vociferou Pietro, e pela primeira vez, devo concordar com ele.

— Senhor Petrov, ele é meu primo, mas infelizmente devo concordar com você. Enquanto ele estiver vivo, sua filha não terá paz. Nesse momento a notícia do sequestro dela deve ter se espalhado e toda a minha família já deve... — paro de falar quando minha mãe e minhas primas entram na sala.

Mandei um amigo de confiança buscá-las, por via das dúvidas.

— Querido, já sabem onde eles estão? — Minha mãe pergunta.

— Não mãe, ainda não temos nenhuma pista. Marley é um perigo e nesse momento não posso nem imaginar o que ele deve estar fazendo com ela. — Só de imaginar um ódio fora do normal me atinge.

— Andrey, por que meu irmão está fazendo tudo isso? Nossa mãe... Meu pai ligou, disse que ela está dormindo sob efeito de remédios. — Posso ver a dor nos olhos de Anne.

— Anne, sempre soubemos que Marley era um mau-caráter, mas nunca imaginamos que ele chegaria a tanto. Infelizmente, ele vai ter que pagar por tudo que fez e ainda está fazendo; ele deve

estar machucando a Violetta agora e isso é imperdoável — diz Benny segurando a mão de Anne, tentando acalmá-la.

— Eu quero esse homem morto! — grita Pietro.

— Senhor Petrov, peço que se acalme, por favor. — Tento acalmá-lo.

— Gente, por favor, Yuli está dormindo... Já foi um custo fazê-lo dormir, ele ficou perguntando onde estava a mãe dele — fala Valéria.

— Valéria, podemos levá-lo para um dos quartos e ficar lá velando o sono dele. — Dona me surpreende com a preocupação com o neto.

As duas se dirigem para as escadas, acompanhadas de um segurança.

— Já estão investigando as propriedades do Marley? — pergunto.

— Estão todas cheias de policiais, fora que ele não seria burro o suficiente para ir até uma de suas casas; sabe que poderia ser pego na hora — explica Ricardo, chefe da Interpol.

— Talvez ele nem esteja mais na Rússia — murmura Pietro.

— Emiti uma ordem para fechar todos os aeroportos e as estradas, não tem como ele sair, então ele está na Rússia. Só precisando saber onde — diz um chefe de polícia de Moscou.

— Ele não trabalha com tráfico de mulheres? Já viram nesses lugares clandestinos? — indaga Benny.

— Já mandei homens averiguarem isso. Mas acho que ele não estaria em nenhum desses locais — respondo.

Meu celular toca, é uma vídeo-chamada. Arregalo meus olhos quando vejo a imagem à minha frente.

— Violetta. — O nome dela quase não sai da minha boca. Todos olham para mim, apreensivos; Benny, Anne, minha mãe e Pietro se aproximam e tem a mesma reação em seus rostos.

Ela está em cima de um palco, acorrentada e toda machucada, visivelmente desacordada.

— Olha que bela imagem meus caros, gostaram? — pergunta Marley, se aproximando dela.

— Marley, irmão... Por que está fazendo isso? — Ele ri.

— Maninha, que pena que está do lado deles. Por culpa dessas pessoas eu estou na merda, essa vagabunda fodeu a minha vida. — Ele a levanta pelos cabelos. Quase quebro o celular ao ver que o rosto dela está praticamente todo ferido e sangrando.

— Marley, eu vou matar você com as minhas mãos. — Ele vira a câmera para seu rosto e abre o sorriso mais cínico do mundo.

— Você viciou nessa boceta rosada dela, *né*? Saiba que, em breve, outra pessoa vai ter essa bocetinha toda para ele.

— O que você está dizendo?

— Acabei de vender essa vagabunda para um dos homens que odeiam muito o paizinho dela. Sabe quanto ela me rendeu? Duzentos milhões, em euros.

— Saiba que você vai pagar por tudo que fez a minha filha? — grita Pietro, extremamente vermelho de ódio.

— Antes dela ser levada, vou provar pela última vez... — Ele vira a câmera para Violetta, se aproxima, puxa o sutiã para o lado e apalpa o seio dela. — Eu vou comê-la da forma mais dolorosa do mundo.

Jogo meu celular contra o chão, minha respiração está forte e rápida, pego um dos sofás e viro com ódio; começo a quebrar tudo na minha frente, sem me importar que é da família Petrov, eu preciso tirar esse ódio de mim.

— Filho, pelo amor de Deus, você tem que....

— Manter a calma! Vocês viram o que esse filho da puta fez e ainda vai fazer com ela de novo? Eu prometi a ela que não deixaria nada disso acontecer, eu a fiz enfrentar todos os seus medos, para quê? Para ela ser sequestrada, espancada e estuprada! Eu vou arrancar a cabeça do Marley com as minhas mãos e vou jogar o corpo dele no ácido!

— Eu consegui pegar a localização no celular, já estou mandado homens irem para lá. — Puxo minha arma do coldre.

— Filho, não acho que deveria ir, você não está bem emocionalmente.

— Tanto eu quanto seu filho vamos atrás desse infeliz e sinto muito por ser seu sobrinho, mas ele vai morrer, nem que seja pela minhas mãos.

CAPÍTULO DEZESSETE



ANDREY NIKOLAI

Sinto que meu coração vai sair pela boca. Estou apreensivo, com ódio e com muita vontade de esmagar o crânio de Marley com as minhas próprias mãos. Estamos dentro de helicópteros do FBI e da Interpol indo até São Petersburgo, mais de 700km de distância de Moscou, de onde partimos. Decidimos parar as aeronaves o mais longe possível de onde foi dada a localização da vídeo-chamada.

Pietro e eu estamos juntos com Maicon, chefe do FBI. Mais de cento e cinquenta homens foram convocados para essa operação, pois além de Marley ter sequestrado a filha de um dos homens mais influentes da Rússia, ele também é acusado de diversos crimes, que vão de estupro e assassinato a tráfico de drogas e tráfico de mulheres. A ordem é atirar para matar, independentemente de quem esteja do lado dele; Marley é um fugitivo tão perigoso que a ordem é trazê-lo até mesmo morto.

— Andrey. — Saio dos meus devaneios com a voz de Pietro.

Ele, mesmo contra a vontade de sua esposa, disse que viria e que ninguém iria impedi-lo de salvá-la. Eu entendo e imagino como

deve estar a cabeça dele desde o momento em que descobriu que sua filha passou por diversos problemas por todos esses anos; o medo de ser julgada e o trauma a fizeram se calar e aguentar tudo sozinha.

— Sim, senhor. — Ele ri.

— Acho que não precisamos mais destas formalidades, ainda mais porque percebi algo. — O olho confuso.

— Como assim?

— Você está arriscando sua vida pela minha filha, não somente por ela estar nas mãos de seu primo, mas porque a ama. — Arregalo meus olhos diante de sua afirmação. — Acho que tenho de rever meus conceitos sobre pessoas com uma vida inferior a minha. — Quando ele me olha nos olhos, posso ver seu rosto coberto de lágrimas.

— Sen... Pietro, você está bem?

— Eu sou um péssimo pai, o pior de todos. — Abro um sorriso fraco e murmuro.

— Eu perdi minha esposa e meu filho por negligência minha, foquei na minha carreira na polícia e esqueci dos meus bens mais preciosos. A consequência disso foi que minha esposa procurou carinho e afeto nos braços de outro, que ainda por cima era amigo meu, e quando ela revelou a gravidez, eu rejeitei não só o bebê que nada tinha culpa, mas o amor que sentia por ela. Meu filho sofreu um acidente, bateu muito forte a cabeça e acabou morrendo, nem ao enterro eu fui, e quando fui falar com minha esposa, eu a vi se jogar da sacada do apartamento que tanto nos esforçamos para comprar juntos. — Pietro está visivelmente surpreso. — Ainda acha que você é um péssimo pai? Você pode ser o que for com as outras pessoas, mas com a sua família você é amoroso e dedicado, um bom marido; eu não fui um terço disso.

— Sinto muito por tudo isso. Eu já imaginava que algo havia acontecido em sua vida para ser como é, mas não algo tão grave.

Acho que devo ser uma pessoa melhor com meus funcionários. — Dou uma risada, concordando. — Andrey, se tudo correr bem, prometo que a vontade da minha filha será feita e o que ela decidir sobre a vida dela não terá nenhuma intervenção minha ou de minha esposa. Se vocês se amam e querem ficar juntos, quem sou eu para intervir na vida de dois jovens apaixonados? Mas se magoar minha filha, eu arranco seu pau fora.

— Isso é algo que nunca em minha vida vou fazer.

— *Todos na escuta, vamos pousar. Repita, vamos pousar. Há vários anos aguardando, assim que descer em terra, mais rápido possível. O piloto comunica. Confirme todas as escutas estão funcionando e se o plano B está preparado.*

— *Está sim. Falando o ponto de hand para a frente, sua zona de nosso plano B.*

— Acha que isso vai dar certo? — pergunta Maicon.

— Se eu ainda conheço Marley, esse é um dos pontos fracos dele. E se não funcionar, podem matá-lo.

VIOLETTA PETROV

Abro meus olhos assustada quando sinto algo molhar todo meu rosto, ao focar bem, vejo que ainda estou no mesmo lugar, mas a maioria dos homens sentados nas poltronas já não estavam mais ali, somente Marley e dois homens, ainda mascarados.

— Acordou, vadia? Achei que já estivesse morta. — Infeliz, filho da puta.

Ao me levantar, sinto todo meu corpo doer, mal consigo abrir a boca para falar, sinto todo meu rosto inchado e tenho certeza que deve ser das surras que levei.

— Por que não me mata logo? — Meu corpo lateja quando só falo essas simples palavras.

— Vendi você por um preço maravilhoso, infelizmente você tem que estar viva. — Ele se abaixa e sussurra em meu ouvido. — Mas sinceramente, se eu estivesse no seu lugar, ia preferir ter morrido...

Os dois homens me pegam pelo braço e me levantam, sinceramente eu estou sem forças para tentar lutar contra. Diversos pensamentos passam pela minha cabeça, o tempo que perdi com meu filho, os momentos que poderia ainda viver com Andrey, ver meus pais abraçando e aceitando meu menino. Um almoço em família com todos da família Petrov e dos Russell.

Eu só queria ter sido uma pessoa melhor. No momento em que me deixo levar pelo sono, ouço alguns disparos, e logo Andrey me vem na cabeça.

Será que ele veio me salvar?

ANDREY NIKOLAI

Aponto meu fuzil na cabeça de mais um verme e vê-lo cair com os miolos espalhados é satisfatório demais, pois só de imaginar que esses infelizes estão compactuando com Marley já me fez vê-los como indigentes.

Assim que chegamos no solo, corremos direto para as vans e já saímos em disparada para essa casa de shows desativada em um ponto distante da cidade. Todos os homens que estavam nos arredores da casa foram derrubados, a maioria foi morto por atiradores especiais sem fazer nenhum barulho, o que ajudou a não levantar suspeitas, mas era óbvio que no momento em que entrássemos na propriedade iria começar uma troca de tiros. Por isso, entraram na frente dez homens armados de metralhadoras e, sem hesitar, derrubaram todos que estavam aqui em baixo.

— Pela planta que conseguimos desse lugar só há um cômodo lá em cima, com certeza devem estar lá. — avisa Maicon na escuta para todos.

— Andrey, Pietro, Maicon e eu vamos subir com mais dez homens na nossa escolta e o plano B. Os outros façam a varredura e garantam que ninguém saia daqui — comunica Ricardo para todos.

Sem dizer mais nada, subimos em direção ao cômodo e antes de abrimos a porta, a mesma é aberta por dentro e a cena que vejo faz meu sangue ferver. Violetta está pendurada com as mãos amarradas no teto e os pés acorrentados, no automático começo a andar na direção dela, mas dois homens me param. Marley, que estava sentado no canto da sala, levanta com a arma apontada para ela, caminha em sua direção e fica ao seu lado, com a arma na cabeça dela.

— Acho que querem ela viva, *né?*

— Marley, eu vou cortar você em pedaços... Como um dia pude confiar em você? — grita Pietro e Marley ri.

— Você é um velho burro, facilmente manipulável, fora que é um pai de merda que nunca soube quem é a própria filha. Ela teve um bebê que manteve escondido por todos esses anos. Sinceramente, você merece tudo isso que está acontecendo e ainda mais. — Ele desvia o olhar de Pietro e me encara. — Olha, sempre detestei você, mas nunca imaginei que algum dia estaríamos nesta situação. Até a mesma mulher comemos!

— Como você é escroto, nojento... Eu tenho pena da sua família por ter alguém como você. — Ele ri.

— Minha família não tem nada a ver com isso. E para ser sincero, eles que se fodam, preferem ficar do lado dessa vagabunda ao invés de ficarem comigo. — Agora é a minha vez de rir.

— Você é acusado dos crimes mais hediondos com o risco de, caso seja pego com vida, ter uma prisão perpétua ou pena de

morte. Como quer que sua família apoie um vagabundo como você?

— Sua família jamais apoiaria isso, filho. — Marley olha na direção da voz e quando ele vê de onde veio, arregala os olhos.

— Pai!

— Por que está fazendo tudo isso? Sua mãe não dorme há dias! Ela está sob efeito de remédios o tempo todo, não quer comer e já parou no hospital por estar com desidratação. Então como pode falar que não ligamos para você?

— Minha mãe... Ela está doente? — Marley parece balançado.

Sabia! A família sempre foi e sempre vai ser o ponto fraco dele.

— Mais do que imagina. — Meu tio começa a se aproximar; Ricardo tenta impedir, mas eu faço sinal para deixar.

— A culpa é dela e do Andrey, se isso continuasse quieto, eu não estaria nessa situação.

— Você não era nem para ter se envolvido com isso, meu filho. Sinceramente, estou decepcionado com você, um filho que me dava tanto orgulho do quão inteligente era. Só me enche de dor, desgosto. Olha para essa menina, olha como você a deixou, ela está gravemente ferida, uma mulher tão boa, tão gentil. Marley, ela foi sua namorada! Você foi o primeiro homem da vida dela, o homem por quem algum dia ela se apaixonou, o homem com quem ela algum dia planejou um futuro, que por algum tempo você era a pessoa mais carinhosa do mundo com ela. Acha mesmo que ela merece ser tratada desse jeito? Que ela merece ser tão prejudicada assim? — Posso sentir a dor na voz do meu tio.

— Ela descobriu tudo. Não podia deixar que abrisse a boca. — Ele parece abalado com as palavras do pai.

— Então realmente vai continuar com isso?

— Eu prefiro a morte, mas antes de morrer, eu a levo comigo. — Engatilha a arma, o que me faz ficar tenso e preocupado.

Meu tio balança a cabeça, vira de costas para Marley e diz:

— Espero que Deus te perdoe, Marley. — No momento em que meu tio termina de falar isso, um atirador dispara três vezes, três tiros na cabeça; no mesmo instante ele cai.

— Tio... — Tento falar com ele.

— Só deixem que eu enterre meu filho e dê a notícia da morte a minha esposa. — Sem dizer mais nada, ele caminha para fora do cômodo, o que faz meu peito se apertar.

Volto minha atenção a Violetta, Pietro está desesperado desamarrando sua filha, vou na direção dele para ajudá-lo.

— Minha filha ainda está viva, mas a pulsação, a respiração... — Ele se perde em lágrimas.

— Temos que levá-la o mais rápido possível ao hospital mais próximo daqui.

Olho para ela e me seguro para não desmoronar, preciso dar suporte ao pai dela e não me deixa levar, afinal, ainda tem meu primo morto, caído no chão, e ver essa cena era algo que queria evitar desde que descobri o que de fato meu primo era. Marley e eu nunca nos demos bem, mas entre trancos e barrancos, sempre brincávamos e saíamos juntos com nossos outros primos, e nunca, em toda a minha vida, ia imaginar que o veria nessa situação e que eu estaria envolvido em uma operação onde a mulher que eu amo e o meu primo estavam envolvidos e um deles morto.

Amor? Esse pensamento me veio de repente. Às vezes pode ser só o momento, mas eu não tenho uma descrição melhor para o que sinto por essa mulher, e vê-la nesse estado faz meu coração doer. Sinto vontade de gritar, chorar e arrancá-la o mais rápido possível, mas não deixo as emoções me atingirem, se não posso perder o amor da minha vida.

CAPÍTULO DEZOITO



ANDREY NIKOLAI

A entrada do hospital está abarrotada de repórteres, todos estão apreensivos sobre o estado de saúde de Violetta Petrov. Era de se esperar que algo assim fosse acontecer quando ela entrou desacordada e extremamente machucada. Tivemos que colocar seguranças na porta do hospital e na entrada da sala privativa onde todos nós estamos para que pudéssemos ter um pouco de privacidade. Minha mãe, Benny e os pais de Violetta estão aqui, já minha prima Anne foi embora com o pai, provavelmente minha tia já deve saber o que aconteceu com Marley e nem quero imaginar como ela deve estar; a sorte é que todos da família estão com ela em sua casa.

— Mãe, Yuli está bem? — pergunto.

— Sim, Pavel e Valéria estão com ele ainda na casa onde estávamos, e estão protegidos como pediu.

— Meu Deus, cadê os médicos que não nos dão uma notícia sequer? — indaga Dona, angustiada.

— Fique calma, querida, não tem nem uma hora que ela deu entrada no centro cirúrgico, e pelo estado em que nossa menina

estava, para salvá-la pode demorar horas e temos que ser pacientes. — Pietro tenta acalmá-la, mas eu sei bem que por dentro ele deve estar pior que a esposa.

— Como você está, Andrey? — Benny pergunta colocando suas mãos em meus ombros. Olho bem em seus olhos e, pela primeira vez, pude me deixar levar pela dor, medo e angústia. Começo a chorar feito uma criança e ela me abraça.

— Eu não posso perdê-la, eu a amo — admito isso na frente de todos.

— Demorou, mas finalmente admitiu. — Tenta amenizar.

— Vê-la naquele estado fez meus piores pesadelos virem à tona. Já perdi pessoas demais na minha vida, não quero perder mais uma. E Yuli precisa dela.

— Ela sabe disso, acha mesmo que depois de tudo que Violetta passou, a essa altura do campeonato, ela vai desistir? Acho que não.

— Senhor Petrov? — Um médico entra na sala e todos ficam apreensivos.

— Sim.

— Bom, vim só comunicar que sua filha ainda está no centro cirúrgico. O estado dela é crítico, está com uma costela quebrada, vários ferimentos profundos e perdeu muito sangue, por sorte temos o tipo de sangue dela em estoque. Mas há algo que me preocupa.

— O que é, doutor?

— Tem um fratura muito grave na medula espinhal, caso não conseguirmos reverter isso, ela pode perder os movimentos do pescoço para baixo e isso pode prejudicá-la na gestação. — Todos olham em estado de choque para o médico, as últimas palavras dele não saem da minha cabeça.

— Per...perder os movimentos do pescoço para baixo? Como assim gestação? — pergunto em extremo choque.

— Sim, essa cirurgia pode demorar muito devido a gravidade da situação, vamos fazer o possível para que isso não aconteça... Vocês não sabiam da gestação? Está bem no começo.

— Não doutor, não sabíamos — murmura Pietro me encarando.

— Está bem no começo, não tem nem um mês ainda e, geralmente, até completar um ou dois meses, pode haver riscos de perder o bebê, por isso a cirurgia vai demorar um pouco mais do que o esperado. Fora que o fato de a paciente não poder mover mais nada do pescoço para baixo é preocupante.

— Quais as chances de a cirurgia dar certo? — pergunta minha mãe.

— Digamos que poucas, mas vamos fazer o que estiver ao nosso alcance. Só peço que, caso tenham fé, orem muito para que tudo corra bem. Logo após a cirurgia, volto para comunicar o estado de saúde da paciente. Com licença. — Quando ele se vira para sair, sinto o impacto do soco de Pietro no meu rosto. Eu poderia ter desviado, mas ele me pegou desprevenido, já que eu ainda estou tentando processar toda essa informação.

— Você engravidou minha filha? Há quanto tempo essa porra entre vocês vem acontecendo? Eu achava que era bem recente. — Dona o segura.

— Pietro, aqui não é o lugar e nem a hora para falar disso.

— Eu estou tão surpreso quando você! Eu não sabia que ela está grávida e acredito que nem ela sabe. Então, se me socar de novo, eu vou revidar e não vou ser gentil ao fazer isso — falo avançando lentamente em cima dele e Benny e minha mãe entram na frente.

— Dona tem razão, parem com essa briga idiota de vocês. Pietro, sua filha ama meu filho assim como ele a ama, e não

acredito que você achava que os dois não tinham relações íntimas... Óbvio que isso poderia acontecer, mesmo sabendo que poderiam ter se prevenido, mas acontece, e brigar por causa disso agora é ridículo demais. Violetta é adulta e não mais uma criança e você já percebeu isso. — Pietro me encara novamente, solta uma respiração pesada e recua.

— Só está sendo coisa demais para processar... Primeiro descubro do caso da minha filha com o segurança particular, depois que o ex-namorado era um verme infeliz que abusou dela e que, fruto de um abuso coletivo, nasceu uma criança que não tem culpa de nada, que por esses cinco anos ela escondeu tudo isso de mim com medo de como iríamos reagir, depois é sequestrada, espancada e quase vendida, agora ela correr risco de ficar sem os movimentos do corpo e ainda grávida. Não é algo fácil para um pai digerir.

— Lorena, meu marido tem razão, eu compartilho do mesmo sentimento que ele, afinal, confiamos no Andrey de olhos fechados e por cima da ética e por baixo dos nossos narizes, ele estava tendo um caso com a nossa filha. Nós sabemos e vimos o quanto ele a ama, mas ainda assim....

— Sabe por que sua filha nunca teve a liberdade de contar nada a vocês? Por medo. Vocês sempre colocaram esperanças demais em cima dela, expectativas demais. Nem ao menos perguntaram o que ela queria ser de verdade, simplesmente a estavam treinando para assumir os negócios da família quando nem sequer sentaram com ela e perguntaram se queria isso mesmo para a sua vida. Fora o tabu de vocês de querer que ela se casasse com alguém do nível dela, que ela tivesse amigas no nível dela, tudo isso só agravou a situação, então não culpem meu filho pelo erro de vocês como pais. O único erro de Andrey foi se apaixonar pela pessoa errada, mas todos nós sabemos que passamos por cima de tudo para poder viver o amor que há em nosso peito. Então peço que o entendam e entendam sua filha. Eu perdi meu marido há pouco tempo, o único homem que amei e sempre vou amar, então por favor, só coloquem na cabeça de vocês que eles se amam. — O silêncio é

predominante no ambiente, todos ficaram se entreolhando, sem dizer nada e uma tensão ficou no ar com as palavras da minha mãe. Mas tudo que ela disse é a mais pura verdade.

— Tudo bem, fomos pais de merda e nos arrependemos de tudo, queremos mudar nossa conduta, mas isso não tira o fato de Andrey ter agido contra a ética dele.

— Que bom que concorda comigo, Pietro. — A ironia no tom de voz da minha mãe me fez, por um momento, dar um sorriso.

— Vou buscar algo para comer e beber, pode vir comigo querido? — pergunta Dona a Pietro.

— Vou buscar algo para vocês também, qualquer coisa nos ligue. — Dou um breve aceno, e quando ambos saem, Benny começa a rir.

— Por que está rindo?— pergunto.

— É que eles ficaram sem argumentos diante das palavras da suprema Lorena, achei que eles iriam chorar. Violetta iria gostar de ver isso.

— Alguém tinha que dizer umas verdades a eles, afinal, mesmo depois de tudo que está acontecendo queriam tirar a culpa deles de alguma forma, sendo que ambos são os maiores causadores de todo esse transtorno.

— Bom, pelo menos sabemos que Violetta está em boas mãos e vão fazer o possível para que ela não passe por esse episódio, afinal, está grávida. O que me faz lembrar da irresponsabilidade de vocês dois. Nem um relacionamento de verdade vocês tinham, como deixaram isso acontecer? Não tinha camisinha, não?

— Benny! — Minha mãe a belisca.

— Ai, tia, mas é verdade.

— Olha, aconteceu, agora não adianta nada ficar falando sobre porque não encapei meu amigo ou ela não tomou nenhum remédio

para não parir.

— Nossa, que delicado tu és, hein meu primo?

Já era de manhã quando o médico entrou na sala para nos comunicar que a cirurgia foi um sucesso e que conseguiram reverter a fratura da medula espinhal, mas que ela ainda teria que ficar um tempo no hospital para se recuperar e ainda ficar algumas semanas em repouso em casa fazendo fisioterapia para ficar tudo cem por cento. Violetta já estava instalada na UTI e estava acordada.

Com um pouco de persuasão e dinheiro, acredito, Pietro conseguiu que todos nós entrássemos para vê-la. Tivemos que colocar luvas, máscaras, toucas e roupas especiais, já que é uma sala de UTI. Ao entrar todos juntos, ela vira seu rosto e posso ver de longe as lágrimas se formarem em seus olhos, seguidas de um sorriso enorme ao nos ver reunidos.

— Oh minha menina, como tive medo de te perder. — Dona se aproxima e, por cima da máscara, beija a testa da filha.

— Ma... mamãe. — Ela diz com um pouco de dificuldade por causa da máscara de oxigênio.

— Não diga nada, filha, deve poupar qualquer energia para se recuperar, ainda terá que ficar um tempo no hospital para se recuperar bem e em casa ficará em repouso absoluto. — Ela balança a cabeça concordando.

— Yu...Yuli?

— Ele está com Valéria e Pavel, vamos trazer ele logo para você poder vê-lo — diz Benny.

Violetta, com muito esforço, estica sua mão para mim, eu me aproximo e levo até meus lábios e beijo por cima da máscara. Me abaixo para ficar perto do seu rosto.

— Estou muito feliz de ver que você está bem, não sabe como senti medo de te perder. — Violetta leva sua mão até meu rosto e acaricia.

— Eu senti muito... Medo.

— Mas agora não precisa ter mais. Todos nós vamos estar aqui para cuidar de você, e nada de ruim vai te acontecer mais, meu amor. Eu nunca mais vou sair do seu lado.

— Eu te amo. — Deixo minhas lágrimas escorrem ao ouvir essa pequena frase.

— Eu também te amo, minha ruivinha.



CAPÍTULO DEZENOVE

VIOLETTA PETROV TRÊS SEMANAS DEPOIS

Hoje finalmente vou receber alta. O médico me contou como cheguei no hospital, o risco que corri de não conseguir mexer meu corpo, e ainda de perder meu bebê que, por sinal, eu nem sabia que estava esperando. Foi um choque e tanto, ri muito quando Benny me contou o que Lorena fez ao falar umas verdades aos meus pais, e fico feliz em saber que ela me defende tanto e me entende.

Yuli sempre vem me ver no hospital com Valéria e Pavel, fica horas me contando tudo e algo que ele falou me chamou atenção. Que meus pais o levaram para comprar brinquedos e passaram o dia com ele. Fiquei emocionada em ouvir isso, saber que meus pais o acolheram bem e que o trataram como um neto.

— Ei, já está pronta? — Olho para a mala pronta e Andrey entra com uma cadeira de rodas.

— Já estou sim, as enfermeiras me ajudaram a ajeitar tudo e me arrumar, mas estou me sentindo horrível, meu rosto ainda está com marcas e meu corpo com pontos. — Ele se aproxima, abre lentamente minhas pernas e fica entre elas, seu corpo e seu rosto ficam próximos a mim.

— Saiba que ainda continua a mesma gostosa de sempre. — Começo a rir.

— Tão delicado, não deveria falar assim com a mãe do seu filho.

— É exatamente por isso que falo isso, afinal, tem parte do meu esperma dentro de você. — Solto uma gargalhada enorme com a delicadeza dele. Só que não.

— Eu sei que está dizendo essas coisas para me fazer sorrir.

— E estou conseguindo? — Acaricio seu rosto.

— Está sim, mais do que imagina. — Seus lábios se aproximam dos meus bem devagar e posso sentir a intensidade desse homem. Somente esse simples toque faz meu estômago parecer que está coberto por borboletas e ao mesmo tempo uma umidade gostosa se formar em minha calcinha.

— Interrompi algo? — Me assunto com a voz do meu pai, ele nos encara bem sério e parece fuzilar Andrey com os olhos.

— Claro que não papai, eu já estou pronta para ir embora. — Ele se aproxima e sorri para mim.

— Filha, já tem um quarto especial preparado para você na mansão, com todo o aparato e enfermeiras a sua disposição. — Dou um olhar de reprovação.

— Enfermeiras? Pai, quantas contratou?

— O suficiente para ter alguém para fazer suas vontades o tempo todo.

— Pietro, não tem necessidade disso tudo, minha mãe e Benny já vão ficar na mansão para ajudar nos cuidados dela, fora que tem eu, você e sua esposa, e ainda por cima os empregados. No máximo, o que vai ser necessário é um fisioterapeuta — murmura Andrey.

— Ela precisa de uma enfermeira que saiba como conduzir de forma correta toda a recuperação dela, fora que ela precisa de ajuda para tomar banho, se vestir.

— Isso todos nós podemos fazer.

— Minha esposa, Benny e sua mãe tudo bem, mas você, nem pensar.

— Pai!

— Pietro, conversamos que até ela se recuperar vou ficar na mansão com ela, onde acha mesmo que vou dormir? — Posso ver a vontade do meu pai de avançar em cima de Andrey.

— Ficar lá é uma coisa, agora....

— Pai, Andrey é meu namorado, pai do meu filho, não precisa se preocupar.

— Fora que ainda continuo com as minhas funções de segurança particular dela, mas dessa vez... — Ele me encara. — Vai ser até onde o nosso amor permitir. — Meu coração parece que vai sair pela boca ao ouvir essas belas palavras.

— Viu, pai, ele me ama. — Abraço Andrey.

Meu pai, sem dizer nada, se vira e sai do quarto bufando.

— Sabe que vai acontecer o dia do seu pai avançar em cima de mim, de novo. — Olho confusa para ele.

— De novo? Como assim?

— Uma história minha, no caminho para casa te conto.

Ao chegar na mansão, sou recebida com uma enxurrada de gritos e aplausos, sinto uma imensa vontade de chorar quando vejo que todos estão aqui, incluindo os pais de Marley. Por mais que estejam sorrindo, imagino que por dentro ainda sentem a dor de ter perdido o seu filho, ainda mais depois de descobrir tudo que ele fez durante todos esses anos.

— Seja bem-vinda, minha filha, todos estavam te esperando. Hoje preparei um almoço especial em comemoração à sua alta do hospital.

— Mãe. — Yuli corre a na minha direção e me abraça com vontade.

— Oh meu amor, como você está?

— Estou bem, é verdade que vou ter um irmãozinho? — Todos o olham surpresos pela pergunta.

— Sim, você vai ter um irmãozinho ou uma irmãzinha. — Posso ver a animação no rosto dele, a alegria e por alguns segundos tive que me segurar para não chorar. Imagino quanto mais tempo perderia se não tivesse tomado coragem de enfrentar tudo e dizer a todos que ele é meu filho.

— Violetta, meus tios e a Anne querem conversar com você. — Andrey aponta para eles, meu pai os leva para o corredor em direção ao seu escritório e com ajuda de Andrey, sigo para lá também.

Ao entrar, a tensão fica bem pesada, Andrey e meu pai ficam sentados em um canto, Anne e seus pais em poltronas e eu bem na frente deles.

— Em primeiro lugar, quero me desculpar quando falei aquelas coisas para você no dia em que resolveu seguir com o seu relacionamento com Andrey. Eu simplesmente não tinha o direito de dizer aquelas coisas, mas eu só...

— Eu entendo o que você quis dizer naquele momento e acredite, estava certa, mas nosso amor venceu todas as dificuldades. — Tina me dá um sorriso fraco.

— Marley... Eu nunca imaginei que meu filho poderia ter sido capaz de tamanhas monstruosidades, mas eu sou mãe e acima de tudo a perda do meu menino foi a coisa mais dolorosa, ainda mais devido ao motivo.

— Acho que Marley pode ter se arrependido no momento de sua morte, é isso que importa. — Tento amenizar.

— Não, Violetta, meu filho nunca se arrependeu e garanto que, mesmo morto, preferia isso do que admitir que estava louco. É algo que dói e vai doer para sempre — diz Ford.

— Meu irmão, por duro que fosse com as outras pessoas, conosco sempre foi uma pessoa incrível, então não tem como odiá-lo ou algo do tipo. A única coisa que pedimos é desculpa em nome dele. — A aparência de Anne está visivelmente triste, pele pálida e parece que não dorme há dias, assim como seus pais.

Me aproximo deles e pego nas mãos de Ford e Tina, ambos se surpreendem com meu gesto.

— Não devem se sentir culpados por amar o filho e o irmão de vocês, afinal, ele os amava acima de tudo. Não vou odiar vocês por isso, não têm culpa de tudo que ele fez. E agora vou fazer parte da família de vocês e ainda aumentá-la. — Me surpreendo quando ambos me abraçam apertado.

— Fico feliz de você fazer parte da nossa família, Violetta. Bem-vinda aos Russell.

ANDREY NIKOLAI

DOIS ANOS DEPOIS

Respiro o ar gostoso do campo, olho em volta e, com bastante alegria, vejo todos se divertindo no lago da fazenda. Quando digo todos são todos mesmo, até mesmo os pais da Violetta estão aqui. Sim, é algo difícil de imaginar.

Depois desses últimos dois anos muita coisa mudou, a primeira delas foi a fisioterapia de Violetta; demorou seis meses até ela conseguir caminhar normalmente. Não perdi tempo e já a pedi em casamento, foi uma festa e shows de alfinetadas entre o pai de Violetta e minha mãe, que não aceitava o fato dele ser “tão azedo”, como ela mesma o chama. O casamento ficou marcado para depois do parto da nossa menina, exatamente, tivemos uma bela menina, extremamente parecida comigo, mas com os olhos belos da mãe, nossa linda Mary. O anúncio e a explicação de tudo na mídia foi bem difícil, alguns especularam coisas maldosas sobre mim, outros sobre Yuli, um filho que ninguém sabia da existência. Para não sair do controle, optamos por dizer que Yuli era filho de um homem com quem Violetta teve um “caso” em Paris e que hoje em dia está morto; óbvio que teve diversas perguntas em cima disso e, na coletiva de imprensa, me deu uma grande vontade de mandar todo mundo tomar no cu e parar de tomar conta da vida dos outros, mas me mantive quieto e deixei os pais de Violetta falar.

Outra coisa que aconteceu foi Anne viajando para o exterior; ela ganhou uma bolsa de estudos em uma faculdade do Canadá e ela não pensou duas vezes em ir, algo que me deixou feliz e ao mesmo tempo angustiado, pois sei bem que ela só aceitou isso de imediato porque queria ficar longe de tudo que lembrasse o irmão. Hoje ela está aqui conosco, melhor, mais animada e com um namorado que agradou a todos da família.

Valéria e Pavel continuam na vida de Yuli, algo que Violetta fez questão de manter. Os dois tem um vínculo muito forte com ele, que os vê como os pais que até um certo tempo atrás não tinha. E isso me deixa feliz, agora o menino não cansa de dizer a todos que tem duas mães e dois pais.

Outro ponto crucial foi Violetta ser a sucessora de seu pai na empresa, algo que ela revelou que não tem vontade. Pietro está velho e logo mais quer se aposentar e desfrutar de tudo com a sua esposa e eu o entendo. Mas não tendo nenhum sucessor, e Yuli e Mary sendo crianças ainda, sobrou para mim. Sim, ele está cogitando a ideia de me deixar tomando conta da empresa. Eu tenho a minha, mas posso assessorá-la de longe, já que mal fico nela mesmo. Também tenho gente de confiança que pode me ajudar nisso; vai ser um desafio, mas ainda é algo que está sendo discutido.

Uma coisa que também foi bem levantada foi a expansão da fazenda e dos itens que produzimos; o Pietro ficou interessado e fez uma proposta muito boa para essa expansão e meu primo, que toma conta do negócio, ficou de dar uma resposta em uma reunião. Óbvio que ele vai aceitar, pois a proposta é maravilhosa e benéfica demais para nós, mas ele só quis se fazer de durão dizendo que iria pensar.

— Pai. — Ah sim, esqueci de mencionar, Yuli agora me chama de pai e isso me enche tanto de orgulho que quase me derreto ao ouvi-lo me chamar assim.

— Oi querido, tudo bem? — Ele está todo molhado.

— Não vai entrar com a gente?

— Claro que vou, só estava aqui pensando na sorte que tenho de ter um filho como você. — Ele sorri e isso me ganha por completo.

— O que vocês tanto conversam? — Benny comenta se aproximando.

— Segredo de homens — diz Yuli.

— Nossa, desculpe senhor homem, não sabia que estava atrapalhando. — Ela ri.

— Antes de entrar na água vou falar um pouco com a mamãe. —
Me levanto da grama e caminho em direção a minha bela esposa,
que sorri quando me vê chegando perto.

— Nossa, que homem lindo, a que devo a honra? — Joga seus
braços em meus ombros. Me aproximo do seu ouvido e sussurro.

— Sabe que a única coisa que quero nesse momento é te levar
para o nosso quarto, arrancar esse biquíni e chupar tanto sua
boceta que meu rosto vai ficar extremamente molhado e depois te
comer tanto que não vai nem lembrar do seu nome.

— Gente, que homem pervertido, ainda mais falando isso em um
local onde estão todos da família, que ousado! Safado. — Sorri
maliciosamente.

— Podemos aproveitar que a Mary está com a minha mãe e
darmos uma fugidinha.

— Adoro esse seu lado safado, por isso amo você. — Abro um
sorriso bobo.

— Eu também amo você, minha ruivinha, e sempre vou amar.





PRÓXIMO LIVRO

Noah - T i l o g i a A m o r e s P r o i b i d o s - L i v r o 2

Sinto o seu pau entrar na minha boceta com vontade, empino ainda mais minha bunda para ele, mas me surpreendo quando me pega no colo, me vira para ficar de frente para ele e me encosta na parede; sua boca vai de encontro com meu seio direito e depois o esquerdo, sem perder o ritmo das investidas na minha vagina.

Nesse momento não estou me importando de estar em um quarto de hotel, com vários hóspedes e funcionários ouvindo meus gritos de prazer há mais de três horas sem parar; tudo que quero neste momento é gozar no pau desse homem gostoso.

Mas parece até que tudo conspira para que eu não goze mais. Meu celular começa a tocar de novo e cogito a ideia de ignorá-lo novamente, mas para insistirem tanto assim é que algo está acontecendo.

— Desculpe, benzinho, mas vou ter que atender. — Saio de seu colo e o mesmo me olha frustrado.

— Estava quase lá, gata. — Me abraça por trás.

— Eu sei, mas infelizmente estão nos interrompendo. — Pego meu celular e um número que nunca vi na minha vida aparece na tela; estranhando, eu atendo.

— Gabriela falando.

— Gabriela Castro?

— É ela mesmo, com quem eu falo?

— Me chamo Albert, sou advogado e tabelião do senhor Bernardo de Lins; tem um minuto para conversamos? — Advogado? E quem é esse tal Bernardo?

— Claro, sou toda ouvidos.

— Sei que para você nesse momento deve estar sendo muito confuso ligar e falar essas coisas sem explicar.

— Digamos que sim.

— Então, o senhor De Lins deixou um testamento e uma carta dirigida a você.

— Testamento? Carta? Seja um pouco mais claro, pois eu não sei do que e de quem está falando.

— Você foi adotada aos cinco anos em um orfanato no Rio de Janeiro pela família Castro, na qual o senhor Cristiano Castro veio a falecer há dez anos e a senhora Brenda Castro, uma mulher que teve somente um filho homem, vive com você e com esse irmão chamado Henrique, certo? — Arregalo meus olhos.

— Como você sabe disso tudo? Quem é você?

— Já disse quem eu sou, e estou falando tudo isso para ter certeza de que é você mesma que procuro.

— E por que me procura?

— Você é filha e única herdeira de todas as propriedades e bens de Bernardo de Lins e preciso encontrá-la para formalizar tudo e lhe

apresentar a fazenda em Minas Gerais, de onde vem todo o sustento dos De Lins.





